

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO/DOCTORADO**

**SONIA OLIVEIRA MATOS MOUTINHO**

**PRÁTICAS DE LEITUR@ NA CULTURA DIGITAL DE ALUNOS DO ENSINO  
TÉCNICO INTEGRADO DO IFPI – CAMPUS TERESINA SUL**

São Leopoldo  
2014

SÔNIA OLIVEIRA MATOS MOUTINHO

PRÁTICAS DE LEITUR@ NA CULTURA DIGITAL DE ALUNOS DO ENSINO  
TÉCNICO INTEGRADO DO IFPI – CAMPUS TERESINA SUL

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade do Vale  
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Linha de pesquisa:  
Educação, Desenvolvimento e Tecnologias

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes

São Leopoldo  
2014

M934p Moutinho, Sônia Oliveira Matos

Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino técnico integrado do IFPI – Campus Teresina Zona Sul/ Sônia Oliveira Matos Moutinho. – São Leopoldo: UNSINOS, 2014.  
183 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.  
Orientador: Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Prática de leitura. 3. Leitura Online. 4. Cibercultura. 5. Leitura – Ensino técnico integrado. I. Lopes, Daniel de Queiroz. II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. III. Título.

CDD 378.166 4

Catálogo: Sônia Oliveira Matos Moutinho (Bibliotecária) - CRB 3/977.

SONIA OLIVEIRA MATOS MOUTINHO

PRÁTICAS DE LEITUR@ NA CULTURA DIGITAL DE ALUNOS DO ENSINO  
TÉCNICO INTEGRADO DO IFPI – CAMPUS TERESINA SUL

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, pelo  
Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aprovado em: 25/02/2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS  
1º Examinador/Presidente

---

Profa. Dra. Edméa Oliveira dos Santos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ  
2º Examinadora

---

Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS  
3º Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pai bondoso, que nos concede oportunidades e nos dá forças para continuar e vencer os desafios.

Ao Instituto Federal do Piauí, a oportunidade ímpar de cursar este mestrado.

À UNISINOS e toda a equipe do Programa de Pós-graduação em Educação que tão bem nos acolheu e conduziu durante o processo; em especial ao Prof. Telmo Adams, Profa. Mari Forster e Profa. Rosane Molina.

À Secretaria do PPGEDU, em especial a Loinir Nicolay e Carolina Azambuja.

Ao meu esposo, Rafael Carvalho Moutinho, pela compreensão, ajuda e amor, pelo cuidado com nossa filha Isadora, nos momentos em que estive ausente.

Aos meus queridos pais, Jocélia Rosa de Oliveira Matos e Osvaldo da Silva Matos, que mesmo sem terem tido a oportunidade de cursar uma faculdade, sempre me incentivaram a prosseguir cada vez mais adiante na vida acadêmica;

A meu orientador, Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes. Outro melhor não há. Obrigado pela paciência, incentivo e constante apoio.

Às professoras Dra. Edméa Santos e Dra. Luciane Grazziotin, a contribuição na análise do projeto e na defesa da dissertação;

Aos meus colegas da turma do MINTER IFPI/UNISINOS, em especial aos mais próximos, Neila Sá, Rayssa Neves, Francisco Madeira, Elisabeth Sales, Arnaldo Leôncio, Luís Flávio, Ivan Oliveira, Nelymar e Maria do Livramento, companheiros de jornada e de caminhada. Obrigado pela ajuda nas discussões e estudos. Foi bom contar com vocês.

Aos meus familiares, em especial minha sogra Valéria Raybolt de Carvalho Moutinho e Ildikó Erzsébet Bodroghy P. Leite, tradutoras sensíveis às quais devo o *abstrat* deste trabalho, e a minha irmã Suely Matos A. Ferreira, por me ouvir nas angústias e alegrias, durante os percursos da pesquisa em minhas novas descobertas. Obrigado pela atenção.

Aos servidores do IFPI – Campus Teresina Zona Sul, em especial, meus colegas da Biblioteca: André, Rudney e Lilian, obrigada pelo apoio e aos Diretores Geral e de Ensino pela compreensão e apoio constante.

Aos leitores que se colocaram à disposição para contribuir com a pesquisa.

A todos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse realizado, meu muito obrigado.

“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.

Paulo Freire

## RESUMO

A capacidade de ler, interpretar e saber utilizar a leitura em sua vivência profissional e pessoal é fundamental para a inserção do indivíduo na sociedade. Além de promover a socialização das ideias e a emancipação do sujeito, a leitura também é parte importante, se não essencial, do processo de formação profissional do indivíduo. Isso faz do locus escolar um espaço privilegiado, já que a prática da leitura percorre quase todas as disciplinas. Porém, atualmente, é possível perceber que os tradicionais espaços de prática de leitura estão perpassados pelos ambientes digitais, o que nos levou ao seguinte questionamento: Quais são as práticas de leitura contemporânea dos discentes da educação profissional de nível técnico do IFPI, Campus Teresina-Sul? Esta pesquisa buscou identificar as práticas leitoras de estudantes do ensino técnico integrado de uma escola da Rede Federal de Educação Tecnológica, localizada na zona sul de Teresina- PI, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Teresina Zona Sul. O Objetivo geral do trabalho foi investigar as práticas de leitura contemporânea seja *offline* ou *online*, a fim de contribuir para a construção de medidas de incentivo a leitura que leve em conta as destrezas necessárias para auxiliar os alunos na pesquisa via Internet, considerando as práticas de leituras desses sujeitos, buscando entender qual o itinerário feito pelos alunos na web. Como referencial teórico, buscamos as noções de prática de leitura de Chartier e as noções de leitores de Lúcia Santaella. Como metodologia, optamos por utilizar uma abordagem qualitativa, na modalidade de estudos de caso, com a produção dos dados através de aplicação de questionário, entrevista semi-estruturada e observação *in loco* com gravação das imagens da navegação dos alunos, através de gravação de tela (*screen video capture*) transformadas em vídeo para posterior análise e interpretação, através do *software* Camtasia Studio.

**Palavras-Chave:** Educação Profissional e Tecnológica; Práticas de leitura; Leitura online; Cibercultura.

## ABSTRACT

The ability of reading, interpreting and knowing to utilize reading in one's professional and personal experience is fundamental to insert an individual in society. Besides promoting the socialization of the ideas and the emancipation of a person, reading is also an important part, if not essential, of the process of professional upbringing. This makes the scholastic locus a privileged space, whereas the reading practice passes through almost all subjects. However currently it is possible to realize that traditional areas of reading practice are permeated by digital environments, which led us to the following question: What are the contemporary reading practices of students of professional education at technical level of the IFPI, of Teresina Campus-South? This research sought to identify the reading practices of students of the integrated technical education of a school of Rede Federal de Educação Tecnológica (Federal Network of Scientific and Technological Education) located in the southern zone of Teresina -PI, the Institute of Federal Education, Science and Technology of Piauí - Teresina The Southern Zone Campus. The general aim of the essay was to investigate whether the practices of contemporary reading should be online or offline, in order to contribute to the construction of measures to encourage reading, taking into account the necessary skills so as to assist students during their research via internet, considering the practices of reading the individuals, seeking to understand which the itinerary the students follow on the web. As theoretical referential we were based on the notions of reading practice of Chartier, and the notions of readers of Lucia Santaella. As a methodology we chose to use an approach, in the form of case study, with the production of data through application of survey, semi-structured interviews and in situ observation with recording images of the navigation of the students through screen recording (screen video capture) transformed video for subsequent analysis and interpretation by Camtasia Studio software.

Keywords: Professional and Technological Education; Reading practices; Online Reading; Cyberculture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Expansão da Rede Federal no Estado do Piauí até 2014.....	63
Figura 2 – Distribuição territorial dos campi do IFPI .....	66
Figura 3 – Imagem da página do IFPI na Internet.....	75
Figura 4 – Imagem da consulta do catálogo da biblioteca .....	76
Figura 5 – Modo Preferencial de Pesquisa .....	89
Figura 6 – Principal meio de acesso .....	89
Figura 7 – Frequência de acesso à Internet pelos alunos.....	90
Figura 8 – Frequência dos alunos na Biblioteca.....	91
Figura 9 – Quantitativo de alunos que realizam empréstimos na Biblioteca .....	91
Figura 10 – Motivo de retirada de livros na Biblioteca.....	92
Figura 11 –Preferência de local de leitura do aluno .....	92
Figura 12 – Frequência com que os alunos encontram informações de seu interesse na Biblioteca.....	93
Figura 13 – Ações dos alunos quando não localizam a informação na Biblioteca .....	94
Figura 14 – Quantitativo de alunos que concordam em participar da entrevista .....	94
Figura 15- Página no Facebook que trata sobre a série <i>Games of Thrones</i> .....	104
Figura 16 – Página no Facebook para seguidores da série <i>A Guerra dos Tronos</i> .....	104
Figura 17 – Tela de navegação do aluno Pedro – Material de Aula.....	110
Figura 18 - Tela de navegação do aluno Pedro – lista de material inserido pelo professor ...	111
Figura 19 - Tela de navegação do aluno Pedro – Slide inserido pelo Professor .....	112
Figura 20 - Tela de navegação do aluno Pedro – Aluno selecionando item do Slide .....	112
Figura 21 - Tela de navegação do aluno Pedro – Aluno construindo o texto a partir de pesquisas na Internet.....	113
Figura 22 - Tela de navegação do aluno Pedro – Pesquisa no Google.....	113
Figura 23 - Tela de navegação do aluno Pedro – Selecionando um resultado da pesquisa no Google .....	114
Figura 24 - Tela de navegação do aluno Pedro – Seleção para montagem do texto .....	114
Figura 25 - Tela de navegação do aluno Pedro – Documento do Word finalizado.....	115
Figura 26 - Tela de navegação da aluna Iara – Site Brasil Escola.....	117
Figura 27 - Tela de navegação da aluna Iara – Resultado da pesquisa no Google.....	117
Figura 28 - Tela de navegação da aluna Iara – Site Brasil Cultura .....	118

Figura 29 - Tela de navegação da aluna Iara – Pesquisa de Imagens.....	118
Figura 30 - Tela de navegação da aluna Iara – Construção do Folder no Word .....	119
Figura 31 - Tela de navegação da aluna Iara – Salvando o trabalho no Word.....	119
Figura 32 - Tela de navegação da aluna Raquel – Pesquisa no Google .....	121
Figura 33 - Tela de navegação da aluna Raquel - Wikipédia.....	121
Figura 34 - Tela de navegação da aluna Raquel – Pesquisa no Google .....	122
Figura 35 - Tela de navegação da aluna Raquel – Construção de texto no Word.....	123
Figura 36 - Tela de navegação da aluna Raquel – Pesquisa de Imagens no Google.....	123
Figura 37- Tela de navegação da aluna Raquel – Anexando o documento finalizado e enviando via e-mail .....	124
Figura 38 - Tela de navegação da aluna Raquel – Tradução de letra de música.....	124
Figura 39 - Tela de navegação do aluno Carlos – Pesquisa no Google.....	126
Figura 40 - Tela de navegação do aluno Carlos – Pesquisa no Google.....	127
Figura 41 - Tela de navegação do aluno Carlos – Facebook.....	127
Figura 42 - Tela de navegação do aluno Carlos – Pesquisa no Google.....	128
Figura 43 - Reunião da relação de obras analisadas pelo aluno Carlos – Site Entrandonumafria .....	129
Figura 44 - Crítica e informações sobre a obra The ocean at the lane de Neil Gaiman – Site Entrandonumafria .....	129
Figura 45 - Resumo da pesquisa no Google da aluna Nanda .....	133
Figura 46 - Busca inicial da aluna – site do Google.....	134
Figura 47 - Tentativa de especificação de pesquisa pela aluna – site do Google.....	135
Figura 48 - Tentativa de especificação restrição de pesquisa – site do Google .....	135
Figura 49 - Atividade de inglês via e-mail .....	136
Figura 50 - Aluna abrindo o edital de monitoria dos cursos técnicos .....	137
Figura 51 - Acessando o edital de monitoria dos cursos técnicos.....	137
Figura 52 - Aluna acessando o site da Funrio para se inscrever no concurso do IFPI para cargos de Técnicos- Administrativos. ....	138
Figura 53 - Aluno acessando o site da Ebah! – Rede social para compartilhamento acadêmico. ....	140
Figura 54 - Trabalho selecionado pelo aluno Thesco para download do site Ebah!,.....	141
Figura 55 - Imagem do Acesso do aluno Thesco ao pesquisar o assunto Engenharia site Veduca .....	142

Figura 56 - Gênero e Estado civil dos alunos.....	176
Figura 57– Moradia e Escola de origem.....	176
Figura 58 – Faixa etária e Renda familiar .....	177
Figura 59 - Gênero e Estado civil dos alunos.....	177
Figura 60 – Moradia e Escola de origem.....	178
Figura 61 – Faixa etária e Renda familiar .....	178
Figura 62 - Gênero e Estado civil dos alunos.....	179
Figura 63 – Moradia e Escola de origem.....	179
Figura 64– Faixa etária e Renda familiar .....	180

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantitativo de alunos dos cursos técnicos matriculados em 2013 .....	29
Quadro 2 – Dados estatísticos dos questionários aplicados .....	30
Quadro 3- Sujeitos participantes da pesquisa .....	31
Quadro 4 – Síntese do período Primórdios da Educação Profissional no Brasil (1500-1889).50	
Quadro 5 – Síntese do período O ensino Profissionalizante no Brasil: a educação dos desvalidos (1890-1955) .....	51
Quadro 6 – Síntese do período A teoria do Capital Humano e a expansão da Rede Federal de Educação Profissional (1956-1984). .....	53
Quadro 7 – Síntese do período Reforma do estado e estagnação da Rede Federal de Educação Profissional (1986-2002). .....	56
Quadro 8 –Síntese do período Retomada da expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica(2003-2010).....	59
Quadro 9 - Periodização dos fatos que caracterizaram cada fase da expansão de Rede Federal. ....	62
Quadro 10 - Descritivo de Observação de navegação do aluno Pedro.....	109
Quadro 11 - Descritivo de observação de navegação da aluna Iara .....	116
Quadro 12 - Descritivo de observação de navegação da aluna Raquel .....	120

## LISTA DE SIGLAS

AJUREBB	Assessoria Jurídica do Banco do Brasil
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CEB	Conselho Nacional de Educação
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CERTIFIC	Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada
CNE	Câmara de Educação Básica
CTZS	Campus Teresina Zona Sul
EAAPI	Escola de Aprendizizes Artífices do Piauí
ETFPI	Escola Técnica Federal do Piauí
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPI	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Desporto
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PROEP	Programa de Expansão da Educação Profissional
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TRT-PI	Tribunal Regional do Trabalho da 22ª Região - Piauí
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWW	<i>World Wide Web</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
2.1 Objetivos da Pesquisa.....	23
2.2 <i>Locus</i> da pesquisa .....	27
2.3 Sujeitos participantes da pesquisa .....	29
2.4 Procedimentos técnicos orientadores da investigação.....	31
2.5 Instrumentos .....	33
2.6 Procedimentos e critérios para análise de dados .....	39
<b>3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>41</b>
3.1 Um breve panorama do mundo contemporâneo .....	41
3.2 A Educação Tecnológica .....	47
3.3 A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, o Instituto Federal do Piauí e o <i>Campus</i> Teresina Zona Sul .....	49
3.3.1 A retomada da Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2003-2010) .....	58
3.3.2 O Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2005-2020).....	61
3.4 O Instituto Federal do Piauí - IFPI.....	65
3.4.1 O IFPI – Campus Teresina Zona Sul.....	67
3.5 As bibliotecas no contexto da expansão do ensino tecnológico.....	71
<b>4 PRÁTICAS DE LEITURA CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>77</b>
4.1 Do papiro à nuvem .....	77
4.1.1 Os leitores dos livros azuis, da Biblioteca Azul.....	79
4.2 A leitura na cultura digital .....	80
<b>5 DETECTANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA CULTURA DIGITAL.....</b>	<b>88</b>
5.1 Práticas de leitura no contexto da Educação Tecnológica do IFPI – Campus Teresina Zona Sul.....	88
5.2 O Curso Técnico Integrado no IFPI – Campus Teresina Zona Sul.....	88
5.3 As Práticas de Leitura dos alunos do curso Técnico Integrado .....	89
5.4 Perfil dos colaboradores da pesquisa / Observados .....	95
5.5 Leitura com suporte digital .....	109

<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>145</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>151</b>
	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>160</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>162</b>
	<b>APENDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA .....</b>	<b>165</b>
	<b>APENDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>167</b>
	<b>APENDICE D – FORMULÁRIO DE OBSERVAÇÃO .....</b>	<b>169</b>
	<b>ANEXO A – DOCUMENTOS DA INSTITUIÇÃO.....</b>	<b>170</b>
	<b>ANEXO B – ESTRUTURA ADMINISTRATIVA E CORPO DOCENTE DO IFPI CAMPUS TERESINA ZONA SUL EM 2009.....</b>	<b>172</b>
	<b>ANEXO C – PERFIL SÓCIO ECONÔMICO DOS ALUNOS DO CURSO TECNICO INTEGRADO .....</b>	<b>176</b>
	<b>ANEXO D – COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DOS CURSOS TÉCNICO INTEGRADO DE ACORDO COM O PPC .....</b>	<b>181</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A decodificação de signos por si só não garante a obtenção do conhecimento. Porém, é ela que possibilita ao indivíduo a inserção nas práticas de leitura. Na voz de Paulo Freire (2005, p.11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. O estudioso, falando sobre sua experiência com relação à leitura, apresenta o conceito de palavra mundo que seria a leitura de mundo que cada um faz e carrega como parte de sua experiência de vida e de leitor. Para esse teórico, a leitura de mundo, que se faz através das experiências e contatos de vida precede à leitura escolarizada.

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto em cuja percepção experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais. (FREIRE, 2005, p. 11)

A percepção e a interpretação dos fatos é então o que fomenta a construção do conhecimento e possibilita a aprendizagem; de acordo com essa visão, vê-se que há uma grande diferença entre a decodificação de signos e a prática efetiva de leitura.

Nos anos 60-80, as políticas públicas tinham como objetivo diminuir o percentual de analfabetos no Brasil, desde então a definição sobre o que é analfabetismo vem, ao longo das últimas décadas, sofrendo revisões significativas, como reflexo das próprias mudanças sociais. Em 1958, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, definiria como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Vinte anos depois, a UNESCO<sup>1</sup> sugeriu a adoção do conceito de alfabetismo funcional (INAF, 2001, p. 3). É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

---

<sup>1</sup> A ampla disseminação do termo analfabetismo funcional em âmbito mundial deveu-se basicamente à ação da UNESCO, que adotou o termo na definição de alfabetização que propôs, em 1978, visando padronizar as estatísticas educacionais e influenciar as políticas educativas dos países membros. A definição de alfabetização que a UNESCO propusera em 1958 fazia referência à capacidade de ler compreensivamente ou escrever um enunciado curto e simples relacionado a sua vida diária. Vinte anos depois, a mesma UNESCO proporia outra definição, qualificando a alfabetização de funcional quando suficiente para que os indivíduos possam inserir-se adequadamente em seu meio, sendo capazes de desempenhar tarefas em que a leitura, a escrita e o cálculo são demandados para o seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento de sua comunidade. O qualificativo funcional insere a definição do alfabetismo na perspectiva do relativismo sociocultural. Tal definição já não visa limitar a competência ao seu nível mais simples (ler e escrever enunciados simples referidos à vida diária), mas abrigar graus e tipos diversos de habilidades, de acordo com as necessidades impostas pelos contextos econômicos, políticos ou socioculturais.

Em todo o mundo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura e escrita. A questão não é mais apenas saber se as pessoas sabem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes ou não de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que ainda persiste nos países emergentes, incluso o Brasil, emerge a preocupação com o alfabetismo, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura e escrita nas diferentes esferas da vida social.

A capacidade de utilizar a linguagem escrita para informar-se, expressar-se, documentar, planejar e continuar aprendendo ao longo da vida é um dos principais legados da escola. A toda a sociedade e, em especial, aos educadores e responsáveis pelas políticas educacionais, interessa saber em que medida os sistemas escolares vêm respondendo às exigências do mundo moderno em relação ao alfabetismo e, além da escolarização, que condições são necessárias para que todos os jovens e adultos tenham oportunidades de continuar a se desenvolver pessoal e profissionalmente.

No meio educacional brasileiro, letramento é o termo que vem sendo usado para designar esse conceito de alfabetismo, que corresponde ao *literacy* do inglês ou ao *littératie*, do francês.

Magda Soares (2011), explica que a palavra letramento começou a ser usada a partir do momento em que o conceito de alfabetização tornou-se insatisfatório. Para a pesquisadora:

não basta apenas saber ler e escrever tão somente, é preciso compreender os significados e saber fazer uso da leitura e da escrita. A partir do momento em que as sociedades tornaram-se cada vez mais centradas na escrita, multiplicaram-se as demandas por práticas de leitura e de escrita não só na cultura do papel, como também na cultura digital, a da tela com os meios eletrônicos. *Literate*<sup>2</sup>, *literacy* e letramento são palavras importantes para que se compreendam as diferenças entre analfabeto, alfabetizado e letrado; o pressuposto é que quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição. Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

---

<sup>2</sup> *Literate* é, pois, o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, e *literacy* designa o estado ou condição daquele que é *literate*, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita.

A sociedade está mudando rapidamente, e a tecnologia digital do século XXI trouxe soluções inimagináveis no século XVIII. Assistir à televisão, falar ao telefone, movimentar a conta no terminal bancário e, pela Internet, verificar multas de trânsito, comprar discos, trocar mensagens com o outro lado do planeta, pesquisar e estudar são hoje atividades cotidianas, no mundo inteiro e no Brasil (TAKAHASHI, 2000, p.3). Rapidamente o ser humano foi se adaptando a essas novidades e passamos – em geral, sem uma percepção clara nem maiores questionamentos – a viver na Sociedade da Informação, essa nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais. Há bem pouco tempo, para ouvirmos som: tínhamos que ligar o toca-discos, inserir o LP (*Long Play*)<sup>3</sup> ou CD (*Compact Disc*), para assistir a um vídeo: ligar a TV e o vídeo-cassete, para ler jornais, livros e periódicos de qualquer área, ir até a banca de revistas ou assinar o periódico, procurar uma biblioteca ou livraria que permitisse empréstimos domiciliares. Takahashi et al (2000, p. 1) definiram o termo convergência da base tecnológica, onde Conteúdos – Comunicação – Computação, se inter-relacionam, resultante do fato de se poder representar e processar qualquer tipo de informação de uma única forma, a digital. Preferimos ampliar o conceito dado por Takahashi et al, sobre convergência da base tecnológica, para o conceito de (SANTAELLA, 2013, p. 236) Convergência das Mídias, que afirma que, antes da revolução digital, cada mídia dispunha de um suporte que lhe era específico: o papel para o texto, a película para a fotografia ou filme, a fita magnética para o som ou para o vídeo etc. O computador que, nos seus inícios, era uma máquina de calcular mais potente, começou gradativamente a absorver todas essas linguagens graças ao seu sistema de codificação em zeros e uns. Assim, aos poucos, as linguagens foram fundindo, em um único aparelho complexo, o computador, todas as formas anteriores de comunicação humana: o código verbal (imprensa, revistas, livros), o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélite, cabo) e a informática (hard e software) É esse processo que passou a se chamar de convergência das mídias.

---

<sup>3</sup> O disco de vinil, conhecido simplesmente como vinil, ou ainda *Long Play* (LP) é uma mídia desenvolvida no final da década de 1940 para a reprodução musical, que usa um material plástico chamado *vinil* (normalmente feito de PVC), que registra informações de áudio, que podem ser reproduzidas através de um toca-discos. O disco de vinil possui microsulcos ou ranhuras em forma espiralada que conduzem a agulha do toca-discos da borda externa até o centro no sentido horário. Trata-se de uma gravação analógica, mecânica. Esses sulcos são microscópicos e fazem a agulha vibrar. Essa vibração é transformada em sinal elétrico. Este sinal elétrico é posteriormente amplificado e transformado em som audível (música). A partir de 1995, as vendas do LP declinaram acentuadamente em função da estabilização da moeda (consequência do Plano Real) e melhoria do poder aquisitivo da população, que permitiu a população adquirir mídias musicais mais modernas.

As mudanças acima elencadas repercutem em transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. Nesse contexto, todas as áreas passam por transformações profundas, a escolha do tema pesquisado emergiu das novas demandas informacionais advindas do progresso tecnológico, que vem transformando a maneira das bibliotecas realizarem o seu trabalho, mas não a razão dele. Como bibliotecária do Campus o que nos inquieta é entender o que está acontecendo com os leitores nesse modo de ler nas telas. Ao estudar os alunos de nível técnico-profissionalizante da modalidade integrada ao ensino médio do Instituto Federal do Piauí (IFPI) – Campus Teresina Sul, buscamos considerar as repercussões que a informação vem tendo, desde sua origem quando o registro da informação era feito em papel, até atualmente, mudanças que repercutem na sociedade e na cultura, da qual a biblioteca faz parte.

Buscamos, com a pesquisa, compreender as demandas informacionais dos estudantes, a fim de propor melhorias dos serviços a eles direcionados. Sendo assim, este estudo circula entre os discentes e também entre o bibliotecário enquanto formador, cuja postura perante as inovações que circundam o mundo, reflete em seu modo de trabalho que passa da postura de catalogador, guardião de coleções para incentivador e formador do usuário no universo da leitura. Com o advento das tecnologias, o aluno que, antes dependia do livro impresso para sua aprendizagem, atualmente tem um leque de milhões de sites para realizar pesquisas, resolver exercícios, assistir a vídeo-aulas e obter conhecimento de um modo independente, onde quase todas as formas de conhecimento são possivelmente acessíveis.

O estudo aqui relatado descreve o perfil do aluno dos cursos técnico integrado e as práticas de leitura contemporânea desses alunos. Nessa perspectiva, apresento como objeto temático principal da investigação essas práticas de leitura na contemporaneidade, em seus diversos suportes digitais.

#### ▪ **Trajetória profissional e o interesse no tema**

Minha trajetória profissional teve início em 1998, ao ser contratada em regime de estágio, como auxiliar de biblioteca na Biblioteca Central da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. A biblioteca universitária da UESPI disponibilizava, na época de um acervo para cerca de 20 cursos superiores, além de cursos de Pós-Graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Seu acervo em 1998 continha cerca de 30 mil títulos, ainda processados tecnicamente de forma manual, mantinha os arquivos com fichas 7,5cmx12,5cm em imensos fichários, nesses

fichários cada livro da biblioteca possuía uma ficha de autoria, uma de título e outra de assunto que poderiam ter um ou mais assuntos relacionados ao livro, essas fichas indicavam a localização do livro na estante através do seu número de chamada; nesta época, tive a oportunidade de vivenciar os processos ainda manuais de uma grande biblioteca, foi vivenciando as rotinas da biblioteca que me apaixonei pela área de biblioteconomia, os 6 meses de estágio temporário viraram 6 anos, e, nestes seis anos, vi a biblioteca abandonar os processos manuais e inserir-se no universo da automação de seus serviços; neste período, minha contribuição foi desde a alimentação do sistema com os dados dos usuários, inclusão de livros, como também auxiliando os usuários para utilizarem o terminal de pesquisas, sempre sob orientação da bibliotecária responsável. Mesmo sem ter o curso superior na área, orientava os alunos em suas pesquisas, pois muitos não sabiam como localizar o livro nas estantes. Buscando me qualificar na área, fiz o curso técnico em biblioteconomia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI), durante 2000-2001, ao término do curso técnico, no ano de 2002, prestei vestibular para o recém-criado curso de bacharelado em biblioteconomia da UESPI, e, em 2003, iniciei minha formação de nível superior.

Após o 4º período do curso de bacharelado em biblioteconomia, tive oportunidade de estagiar em duas instituições que foram significativas em minha vivência profissional: a Assessoria Jurídica do Banco do Brasil (AJUREBB) e o Tribunal Federal Regional do Trabalho da 22ª Região (TRT-PI), ambas possuíam bibliotecas especializadas na área jurídica, e após 2 anos, em contato com o universo da informação jurídica, onde seus usuários eram analistas, assessores e juízes; nessa área, as informações solicitadas atualizadas para a elaboração das peças processuais ou para tomadas de decisões que irão salvaguardar direitos e/ou deveres. Durante este período, em que vivenciei a prática da pesquisa jurídica, compreendi que, como bibliotecária em formação, não deveria me preocupar em saber todos os conteúdos do universo, mas sim em como localizar as informações.

Em meados de 2006, surgiu a necessidade de me preparar para concursos, ao tempo em que finalizava meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado: “Acessibilidade na web: padrões do W3C”. Logo surgiu outra paixão: pelas tecnologias informacionais. Minha pesquisa objetivou fazer um levantamento das normas/diretrizes preconizadas pelo W3C, voltadas ao desenho universal de uma *webpage*, objetivando garantir a acessibilidade e descobrir, através de verificadores, quais sites governamentais estavam dentro dessas normas, e, de acordo com a lei de acessibilidade sancionada em 2005, que tornava obrigatório aos sites governamentais estarem acessíveis até 2006, além de verificar como o Dosvox e Jaws, naquela época, “liam” as páginas acessíveis. Por conta das leituras e

reflexões exigidas na conclusão do TCC, surgiu o desejo de continuar nos caminhos da pesquisa e realizar uma pós-graduação, porém, aos 28 anos e sem trabalho, a prioridade em garantir o sustento familiar era mais urgente. Após a conclusão do curso de biblioteconomia, fui contratada para trabalhar na Faculdade das Atividades Empresariais de Teresina – FAETE, onde atuei como bibliotecária durante o ano de 2007/2008, até ser nomeada ao cargo efetivo de bibliotecária-documentalista para a Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Campus Picos, através da Portaria de nomeação nº 696, publicado no DOU, Seção 2 de 28/04/2008.

Durante o período em que fui bibliotecária da UFPI – de maio de 2008 a janeiro de 2009 – além das minhas funções como bibliotecária, que estavam relacionadas à aquisição de materiais bibliográficos, processamento técnico de livros e revistas, também ministrei palestras aos alunos dos cursos de Graduação em Enfermagem e Odontologia, orientando-os como pesquisar e utilizar a Biblioteca Virtual em Saúde – BVS<sup>4</sup>. Após participar da 8ª Reunião da Rede de Bibliotecas Virtuais da área de Saúde, ocorrido no Rio de Janeiro em setembro de 2008, me vi na responsabilidade de orientar os alunos no acesso a essa base, visto que, ao conversar com os alunos da área de saúde, eles relatavam que tinham dificuldades em entender e pesquisar na interface da página da BVS.

Em outubro de 2008, demos início às Oficinas de Pesquisa na BVS, quando foi possível orientar turmas dos cursos de Graduação em Odontologia e Enfermagem, dando início à assistência de alunos nas pesquisas de bases de dados em outubro de 2008, porém o projeto não teve continuidade, pois, em janeiro de 2009, fui nomeada através da Portaria nº 14, publicado no DOU, Seção 2 de 12/01/2009, para o cargo efetivo de bibliotecária do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – CEFET-PI<sup>5</sup>, hoje, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, onde trabalho atualmente; ao iniciar na instituição que estava em funcionamento havia 1 ano, diferentemente da Infraestrutura que encontrei na UFPI, cujo campus tinha mais de 12 anos de funcionamento, não havia acervo suficiente para as demandas dos cursos, o ambiente da biblioteca era uma sala improvisada durante 3 anos; hoje o Campus possui uma biblioteca recém reformada e um

---

<sup>4</sup> A Biblioteca Virtual em Saúde é uma base virtual de distribuição do conhecimento científico e técnico em saúde registrado, organizado e armazenado em formato eletrônico nos países da Região, acessíveis de forma universal na Internet de modo compatível com as bases internacionais. Usuários de diferentes níveis e localização poderão interatuar e navegar no espaço de uma ou várias fontes de informação, independentemente de sua localização física. As fontes de informação são geradas, atualizadas, armazenadas e operadas na Internet por produtores, integradores e intermediários, de modo descentralizado e obedecendo metodologias comuns para sua integração na BVS. <http://www.bireme.br/php/index.php>

<sup>5</sup> Os CEFET's tornaram-se Institutos Federais através da LEI 11.892/2008, com exceção dos CEFET's do Rio de Janeiro, Minas Gerais e da Universidade Federal Tecnológica do Paraná.

acervo de 6 mil exemplares, e, para o ano de 2014, está prevista a entrega de 3.600 exemplares e o orçamento de mais 200 mil reais para aquisição de acervo. No final de 2011, pensei em retornar os estudos e realizar uma pós-graduação, tentei inicialmente o mestrado em Educação na UFPI – Universidade Federal do Piauí, mas não consegui me inscrever na seleção, meu pedido foi indeferido. Logo depois o IFPI abriu seleção para o Mestrado Interinstitucional em Educação pela Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos, e entre os 85 inscritos, eu fui aprovada; após esses dois anos de estudo, sinto que meu desejo em conseguir uma formação que me desse uma visão contextualizada do mundo e uma sensibilidade maior na área em que atuo foram alcançados; na minha área de formação, Biblioteconomia, não existe Licenciatura, apenas Bacharelado, e, no Mestrado em Educação, pude cursar os créditos de disciplinas como Didática e Filosofia da Educação das quais sentia falta na minha formação acadêmica. Não compreendia como eu poderia atuar como responsável pela biblioteca do Campus Teresina, atendendo milhares de alunos, trabalhando diretamente na formação leitora deles, sendo a biblioteca o apoio pedagógico do ensino, e não ter conhecimentos da área de educação.

#### ▪ **Problema e questões da pesquisa**

Considerando minha trajetória pessoal e profissional, a questão que me provoca inquietação, especialmente por atuar na biblioteca da instituição e por através dela disponibilizar conteúdos informacionais aos discentes do IFPI, está ligada a uma maior compreensão das práticas de leitura realizadas pelos alunos da educação profissional técnica. Ao atender um aluno que corriqueiramente visita a biblioteca, percebemos que muitos deles chegam à biblioteca sem saber ao certo a questão que os levou até ela. É corriqueira a pergunta: “Eu gostaria de saber se tem o livro que a professora indicou”. O bibliotecário, acostumado com esse tipo de pergunta, lança outras perguntas de volta ao aluno: A disciplina é de qual professor(a)? De que matéria/ disciplina? O aluno então diz: “do(a) professor(a) X”. O bibliotecário deve ter a perspicácia de saber que a professora X ministra aulas nas turmas A e B, de disciplinas, por exemplo, da área de Biologia. É quando o aluno complementa com mais uma pista: “é um livro que uma colega estava com ele na sala de aula, tem uma ilustração de um pássaro numa das páginas”. O bibliotecário pensa rápido: deve ser de um assunto do reino animal, vai até a estante e busca o volume 2 do livro de biologia que trata de assuntos relacionado aos seres vivos, e o aluno, feliz, diz: “é esse mesmo!”

O exemplo acima retrata a realidade de alguns alunos que frequentam a biblioteca; além deste exemplo, outros ocorrem diariamente com os alunos do Campus. Através dessa observação, surgiu a inquietação, pois à medida que as tecnologias de comunicação e informação, por meio da Internet, disponibilizam aos alunos milhões de páginas com variados assuntos, chega-se à conclusão por dedução, que algo semelhante ao vivenciado na biblioteca acontece no meio digital. Uma primeira proposição é de que o usuário sabe o que quer e é capaz de identificar mecanismos analógicos e digitais para obter informação. Mas conhecemos as hesitações dos usuários para expressar o que querem, o que desejam e do que necessitam.

Suspeitamos que os alunos tenham dificuldade nas leituras dos textos técnicos indicados no currículo, pois há uma carência de títulos voltados ao ensino técnico no mercado. O que leva a uma inadequação quanto à complexidade das obras adotadas no curso técnico, por essas serem de conteúdo voltado também para o ensino superior;

O fato de ver os alunos constantemente acessando as páginas da web para realizar suas pesquisas, presumimos que os usuários aos poucos estão deixando de ler os livros impressos por conta da facilidade de acesso à informação na web, tanto que passaram a não mais reservar livros e sim a solicitar mais tomadas de energia para plugar seus *laptops*, e solicitar a senha do *WiFi* virou pergunta recorrente, portanto essa mudança cultural nos traz o seguinte questionamento:

Quais são as práticas de leitura contemporâneas dos discentes da educação profissional de nível técnico do IFPI, Campus Teresina-Sul?

Buscando entender: Quem é este leitor? Quais as práticas e estratégias de leitura por eles escolhidos? Que artefatos culturais utilizam? Que dificuldades/facilidades eles encontram? Como ampliar os repertórios de leitura na biblioteca?

Essas questões permeiam a pesquisa, e a inquietação com o tema advém da curiosidade sobre as implicações nas práticas de leitura humanas, sejam elas através da leitura *online* ou *off-line*, o qual é fundamental tomar conhecimento da situação atual e as perspectivas prometidas através do seu uso.

Compreender as práticas de leitura dos alunos do ensino técnico integrado contribui na definição de políticas de aquisição de acervo e medidas contemplando orientação e formação desses alunos no acesso à informação digital.

Ao investigar as práticas de leituras dos alunos da educação profissional, parto do pressuposto de que os alunos nas suas práticas de leitura constroem e mobilizam diferentes

formas de leitura. Os novos meios entram não somente na vida profissional, mas no cotidiano pessoal. Permitem ler e produzir textos e também fazê-los circular de maneira absolutamente inédita. Sabemos que facilmente localizamos os assuntos de nosso interesse, de acordo com nossas necessidades; ao decidir fazer uma pesquisa, é na Internet que irei encontrar o que procuro. O que nos preocupa, ao realizar pesquisas de cunho científico ou educacional, os quais tratam de assuntos alheios ao conhecimento prévio do aluno, eles têm a mesma facilidade? Como eles pesquisam na web esses assuntos? Como a tecnologia tem contribuído/interferido nas leituras desses sujeitos?

Um dado curioso é que talvez não se leiam tantos livros atualmente, mas há mais ocasiões de praticar a leitura e a escrita do que antes. Quando são feitas pesquisas acerca do comportamento leitor de uma população, a pergunta inevitável é: "Quantos livros leu no último ano?" De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*<sup>6</sup> de 2011, detectou-se que o leitor, no Brasil, lê, em média, menos de dois livros por ano (1,3), sem contar os livros didáticos usados nas escolas. Bem menos que na Argentina (5), no Chile (3) e na Colômbia (2,5). E a explicação para o ainda baixo índice de leitura passa por questões tanto socioculturais quanto econômicas, mas não se pode tirar imediatamente a conclusão de que, no geral, se lê menos. Certamente a leitura de um livro e do resultado de um jogo de futebol em uma página da web não é equivalente em termos de esforço leitor; são práticas diferentes.

Talvez isso possa levar a um maior interesse pela leitura em geral, que acabe se refletindo na leitura de livros, ou não. Mas seguramente não há uma relação de causa e efeito. Na medida em que alguém pratica mais, torna-se mais competente e quem sabe possa atrever-se a outros gêneros, suportes e obras frente aos quais antes tinha uma atitude de rechaço ou temor.

Acreditamos, dessa forma, contribuir com as políticas de incentivo à leitura, na condução dos caminhos para a apropriação cada vez mais eficiente do conhecimento através da leitura e na formação de bibliotecários e professores na perspectiva de que “pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p. 29).

---

<sup>6</sup> RETRATOS da leitura do Brasil. Disponível em:  
<[http://issuu.com/midiamix/docs/retratos\\_da\\_leitura\\_brasil?e=0](http://issuu.com/midiamix/docs/retratos_da_leitura_brasil?e=0)>. Acesso em: 18 out.2012.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Objetivos da Pesquisa

#### Objetivo Geral

Identificar as práticas de leitura na cultura digital seja *offline* ou *online*, analisando os efeitos dessas práticas em relação às leituras de alunos dos cursos de nível Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - Campus Teresina Zona Sul.

#### Objetivos Específicos

- Identificar os principais meios de acesso à leitura escolhidos pelos alunos;
- Compreender quais as práticas e estratégias de leitura desses sujeitos;
- Analisar as dificuldades/facilidades encontradas pelos alunos com relação às leituras;
- Descrever como os alunos utilizam os instrumentos que esses meios possibilitam.

Optamos, no decorrer da pesquisa, por caminhos que melhor pudessem nos conduzir à consecução dos objetivos propostos na pesquisa. Nesse sentido, estabelecemos procedimentos, definimos ações e recorreremos a instrumentos para produção de dados que, após serem desenvolvidos, nos possibilitaram identificar as práticas de leitura dos alunos dos cursos técnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Teresina Zona Sul (IFPI – CTZS).

Para a análise das práticas de leitura dos alunos dos cursos técnico do IFPI – CTZS, adotamos a pesquisa qualitativa de cunho etnometodológico, Enquanto metodologia de pesquisa, a etnometodologia se preocupa em analisar as práticas sociais, possibilitando a compreensão de como os membros de um grupo dão significado às suas práticas em um contexto específico. Segundo Coulon (1995), ela caracteriza-se por estudar os etnométodos que os atores utilizam no seu dia-a-dia e que lhes permitem viver juntos, inclusive de maneira conflitiva, ao mesmo tempo em que regem as relações sociais que eles mantêm entre si. Os estudantes leitores, por exemplo, são atores de uma prática social específica. Através das

ações e das interações, eles fazem suas escolhas e realizam seu trabalho na tentativa de torná-lo um todo coerente e significativo, caracterizando uma forma de racionalidade mais ou menos padronizada para um determinado grupo. Nesse sentido, os etnométodos podem ser considerados como raciocínio prático comum internalizado pelos sujeitos ou um conjunto de pressupostos epistemológicos apreendidos do cotidiano para significá-lo.

A pesquisa qualitativa de cunho etnometodológico possibilita uma compreensão do cotidiano, traduzido e exposto em cada discurso dos interlocutores, revelando, assim, o modo de trabalhar, crenças, valores, atitudes, impressões, sentimentos, convicções, experiências de vida e saberes de cada um.

Além disso, essa modalidade de pesquisa permitiu a inserção da pesquisadora no contexto da investigação, aproximando-a do problema a ser pesquisado, bem como dos interlocutores que vivenciam e que compartilham uma dada realidade marcada por diversas experiências profissionais e pessoais, sujeitas a uma relação que se caracteriza pela sua natureza dinâmica e interativa.

Tratando do papel desempenhado pelo investigador na pesquisa qualitativa, Chizzotti estabelece:

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos (2006, p. 82).

Assim, o pesquisador adquire posição de destaque na pesquisa qualitativa, razão pela qual é recomendável que adote uma postura participativa, aberta e isenta de preconceitos. Nesse sentido, pode-se relacionar, como requisitos indispensáveis ao desenvolvimento de uma pesquisa desta natureza, saber ouvir, observar atentamente todos os detalhes que o circundam, bem como procurar compreender as ideias e concepções de vida e de mundo dos interlocutores. Conforme Deslandes (2011, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Segundo Meyer e Paraíso (2012, p. 9) uma metodologia é sempre pedagógica porque se refere a um como fazer, como fazemos ou como faço minha pesquisa. Trata-se segundo a autora de percursos a trilhar, de trajetões a realizar, de formas que sempre têm por

base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria. É pedagógica, porque se trata de uma condução: como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa.

As autoras afirmam que, ao construirmos nossas metodologias, traçamos, nós mesmos a nossa história de pesquisa buscando inspiração em diferentes textos, materiais, artefatos. Estabelecemos os nossos objetos, construímos nossas interrogações, definimos nossos procedimentos, articulamos teorias e conceitos. Inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de estudo e do problema de pesquisa que formulamos.

Como estamos permanentemente em vigília de uma inspiração, aceitamos experimentar, fazer bricolagens e transformar o recebido. Aceitamos trabalhar com o que sentimos, vendo, tocando, manuseando e escutando durante todo o nosso fazer investigativo.

Nas pesquisas pós-críticas, engloba-se diferentes lentes e modos de pesquisar, na perspectiva dos Estudos Culturais. Operar com as ferramentas disponibilizadas por tais perspectivas possibilita lançar olhares diferenciados para temáticas tidas como “comuns” e naturalizadas. São colocadas em xeque verdades metodológicas rígidas, pois auxiliam a encontrar caminhos para responder a nossas inquietações, instigando a questionar, a estranhar e a desconfiar das maneiras como “produzimos” nossas informações.

Segundo, Rivero (2014), por muito tempo, acreditou-se que os fenômenos educacionais poderiam ser explicados através da pesquisa analítica, de cunho quantitativo<sup>7</sup>, embora hoje se perceba que estes resultados não conseguem extrair uma compreensão maior da prática social, tendo em vista as inúmeras características que surgem em cada fenômeno que depende, inclusive, do momento e lugar no qual ocorre.

Para a pesquisadora, um dos desafios da pesquisa educacional é, portanto, captar o dinamismo dessa realidade, desvencilhando a complexidade de seu objeto de estudo em sua realidade histórica. O fluxo linear da pesquisa já não responde à percepção do pesquisador atual, pois o que ocorre em educação, quase sempre, é a múltipla ação das variáveis do fenômeno, agindo e interagindo ao mesmo tempo.

Pela complexidade, os fenômenos humanos e sociais, distanciam-se das características dos fenômenos físicos e biológicos, o que justifica a busca de uma maior e mais ampla flexibilidade metodológica.

---

<sup>7</sup> A pesquisa quantitativa tipicamente emprega delineamentos experimentais ou correlatos para reduzir erros, vieses e outros ruídos que impedem a clara concepção dos fatos sociais, enquanto o protótipo do estudo qualitativo é a etnografia [...] O pesquisador quantitativo é despreendido para evitar viés, enquanto o pesquisador qualitativo fica imerso no fenômeno de interesse. (FIRESTONE, 1987, p. 16-17 *apud* RIVERO, 2014).

A pesquisa positivista acredita na perfeita separação entre o sujeito da pesquisa, o pesquisador e seu objeto de estudo e, ainda, na necessidade de o pesquisador manter-se o mais distante possível desse objeto, para que seus valores e preferências não influenciem o ato de conhecer.

Assim como em todos os campos das ciências sociais, em educação, compreende-se que não é bem assim que o conhecimento se processa. Ele necessita da interrogação do pesquisador, o acumulado da teoria que conhece a respeito do assunto, interagindo como suporte na construção do conhecimento sobre o objeto de estudo, interligado com sua realidade histórica.

Na pesquisa educacional, quase sempre é a múltipla ação das variáveis do fenômeno, agindo e interagindo ao mesmo tempo, que faz com que o pesquisador possa retirar de suas análises, conclusões ou caminhos alternativos capazes de apontar novas propostas para compreender, inovar, definir ou esclarecer determinadas situações.

Entre as abordagens que surgem para se sobrepor à pesquisa positivista, estão metodologias diferentes, na tentativa de superar limitações até então sentidas na pesquisa em educação, principalmente, quando se parte para a análise do conhecimento escolar ou qualquer outro alvo, no qual o pesquisador deve colocar-se necessariamente no meio da cena investigada.

Rivero (2014) esclarece que a pesquisa qualitativa se caracteriza pelos enfoques definidos como pesquisa participativa, pesquisa ação, a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, embora já exista disponível alguma literatura, a autora não tem conhecimento de uma obra que reúna informações técnicas a respeito de princípios capazes de permitir que tais metodologias possam apresentar-se com uma identidade bem mais definida e não apenas como um enfoque dentro da pesquisa chamada qualitativa.

Na presente pesquisa, nos interessa o cotidiano dos alunos, que advém do meu *locus* de trabalho, da rotina das buscas dos alunos na biblioteca. Dessa forma, estamos todos imbricados, mergulhados, somos todos objeto de estudo. Segundo Ferraço (2003, p. 160): somos, no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação. Quando nos explicamos, pensando explicar os outros, no fundo, estamos nos explicando.

Parece-nos interessante a ideia de que, nos estudos e pesquisas com os cotidianos, se mostra fundamental a dimensão do lugar, do habitado, do praticado, do vivido, do usado, como defende Certeau (1998, p. 47) e Lefebvre (1991), não temos a intenção de desprezar práticas anteriores de leitura, mas compreender as práticas atuais emergentes do cotidiano dos

alunos. Ao buscar construir o objeto de investigação, percebemos que se realizavam intenções de diversas naturezas, que unimos campos disciplinares que dialogavam e se complementavam no percurso da análise advinda dos objetivos traçados, quais sejam estudos nas áreas de História Cultural, Linguagem e Ciência da Informação, buscando compreender quais práticas e estratégias emergiram dos cotidianos de leitura de alunos de uma escola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Em *A invenção do cotidiano*, Michel de Certeau esboça sua empreitada teórica: que acredito perpassar esta pesquisa.

É preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com “as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática”. [...] É necessário voltar-se para a “proliferação disseminada” de criações anônimas e “perceíveis” que interrompem com a vivacidade e não se capitalizam. Um domínio de pesquisa é circunscrito, se os meios teóricos de trabalhar nele se acham ainda mal definidos. Esse domínio dirá respeito às “operações culturais (que) são movimentos” e cujas trajetórias não são indeterminadas mas insuspeitáveis” constituindo aquilo cuja formalidade e modalidade se deve estudar para dar-lhes o estatuto de inteligibilidade.(CERTEAU, 1998, p.13)

Trazendo para a realidade do estudo proposto, em resumo, entende-se que é preciso interessar-se não pelos produtos culturais, como os *e-readers*, *laptops*, *smartphones*, *tablets*, oferecidos no mercado de bens tecnológicos, mas pelas operações dos seus usuários, o autor complementa: é importante compreender as diferentes maneiras que marcam socialmente o desvio operado num dado pela prática.

Acreditamos que o estudo permitiu trazer à tona as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes, o que, em um estudo quantitativo, não seria possível. Certeau afirma que a estatística apreende o material destas práticas e não a sua forma; ela põe à mostra os elementos utilizados e não o ‘fraseado’ devido à bricolagem, à inventividade ‘artesanal’, à discursividade que combinam esses elementos. Para Certeau, a sondagem estatística só acha o que é homogêneo. Sendo assim, a pesquisa se detém na compreensão dos caminhos que se percebem nas práticas de leitura contemporânea dos alunos.

## **2.2 Locus da pesquisa**

O propósito desta pesquisa foi estudar e compreender quais as práticas de leituras, estratégias e meios que os alunos utilizam atualmente em seus modos de ler que contribuem para não só a formação profissional como também humana, dos cursos técnicos do IFPI-

CTZS. Para o desenvolvimento do presente estudo, selecionei, como *locus* da pesquisa, o referido *Campus*, e desenvolvi o trabalho sob dois enfoques: o papel da biblioteca enquanto disseminadora e fomentadora da leitura e o percurso de leitura dos alunos do curso técnico profissionalizante. Desta forma, analisei quais as práticas leitoras, o que os alunos pensam que aprendem com elas e quais estratégias utilizadas por eles em suas pesquisas durante a formação profissional.

As razões que me levaram a escolher os alunos dos cursos técnicos profissionalizantes na modalidade integrada e o *Campus* Teresina Sul para realização da pesquisa são plenamente justificáveis. Em primeiro lugar, é inegável a importância e a potencialidade dos cursos técnicos profissionalizantes para a sociedade contemporânea. Recentemente, a jornalista De Muttis (2013) publicou uma reportagem sobre a invenção de duas alunas do curso Técnico em Edificações do Instituto Federal de Alagoas, que desenvolveram após mais de 60 tentativas: o tijolo sustentável, feito com as cinzas provenientes da queima do bagaço da cana-de-açúcar e resíduos que antes eram descartados pelas usinas. As alunas oriundas de Palmeira dos Índios, município que possui pouco mais de 75 mil habitantes, no Agreste alagoano, perceberam que muitas pessoas da região não tinham casas construídas com tijolos. As alunas, em entrevista, disseram que o que as motivou para a invenção foi a preocupação com o social. A motivação veio do desejo de contribuir para a melhoria habitacional da região, buscando ajudar a comunidade e também as pessoas carentes, sem residências no município de Palmeiras dos Índios e todo o país.

As alunas se dedicaram, estudando em artigos científicos e livros sobre mecânica de solos, sempre com orientação da professora de Engenharia Civil Sheyla Marques. O resultado desse estudo foi o desenvolvimento de um tijolo 3 vezes mais resistente do que o utilizado atualmente na construção de casas e 7 vezes mais barato, custando apenas 0,05 centavos.

Pensamos que a expansão dos Institutos Federais por todo o interior do Brasil dará oportunidade de estudantes com potencial de criação e inovação a contribuir com o cenário não só industrial, como também social do país.

Em segundo lugar, o *Campus* Teresina Zonal foi escolhido em virtude de estar localizado na Capital do Estado, com 6 anos de funcionamento, e, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, em 2011, o IFPI – CTZS ficou em 3º lugar entre as escolas públicas do Estado, e, em 2012, em 1º lugar.

Em terceiro lugar, há 5 anos, atuando como bibliotecária do *Campus* Teresina Zona Sul, onde convivo diretamente com os alunos orientando-os nas pesquisas dentro do

ambiente da biblioteca, observamos que, apesar da biblioteca ter uma boa frequência e utilização, há uma quantidade expressiva de alunos que chegam a ir até ela para realizar pesquisas, eles o fazem diretamente via Internet, utilizam os computadores disponíveis. Essas práticas de leitura desconhecidas me motivaram na realização desse estudo. As atividades de leitura dos alunos, além da biblioteca, conferem uma visão mais ampla não somente das práticas de leitura, mas também na compreensão do perfil leitor do aluno inserido no cenário onde foi realizado o trabalho investigativo.

### 2.3 Sujeitos participantes da pesquisa

Em virtude de uma maior aproximação com o problema de pesquisa proposto, elegi como sujeitos participantes da pesquisa 6 alunos do curso técnico na modalidade integrada ao médio.

O critério de escolha para seleção de entrevistados para participação no estudo de caso teve como foco a situação dos alunos em relação às suas práticas de leitura, situação essa constatada por meio da aplicação de questionários. Nesse sentido, solicitei à Coordenação de Controle Acadêmico do Campus o quantitativo de alunos matriculados nos cursos técnicos integrados, conforme quantitativo descrito no quadro abaixo:

**Quadro 1 - Quantitativo de alunos dos cursos técnicos matriculados em 2013**

MODALIDADE	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	TOTAL
INTEGRADO					
EDIFICAÇÕES	45	37	32	33	147
SANEAMENTO	45	34	32	27	138
VESTUÁRIO	47	35	25	27	134
TOTAL DE ALUNOS DO TÉCNICO INTEGRADO					419

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico do IFPI - Campus Teresina Zona Sul

A princípio, tínhamos intenção de aplicar o questionário no quantitativo mínimo de 10% dos alunos matriculados no curso técnico integrado, porém, após analisar alguns métodos de amostragem, decidimos, de posse dos dados quantitativos, utilizar um método de amostragem baseado no estudo de Oliveira e Grácio, (2005) referente a amostras aleatórias

simples, nas quais as autoras observaram que a indicação usual de uma amostra que busca abranger uma porcentagem fixa da população (entre 10% e 20%) superestima o tamanho da amostra necessária para representar a população em estudo. As autoras mostram algumas fórmulas que podem ser aplicadas de acordo com a exigência do pesquisador em relação ao erro amostral tolerável e concluem que, para coletar uma amostra aleatória para uma população determinada de usuários da biblioteca da UNESP, basta retirar 5,82% de cada segmento (docente, graduando e pós-graduando).

Utilizamos o cálculo de **escolha aleatória simples**, de acordo com a pesquisa de Oliveira e Grácio (2005) para o quantitativo de 419 alunos matriculados nos cursos técnicos integrados seriam  $419 \times 5,82$ , que resulta em 24 alunos. Dividindo por segmento, utilizamos 5,82% de 419 alunos dos cursos técnicos integrados, sendo necessária a aplicação do questionário em no mínimo 24 alunos.

Sendo assim, apliquei 100 questionários com os alunos dos cursos técnicos, objetivando ter o retorno mínimo de 5,82%, aproximadamente do quantitativo de alunos matriculados nesses cursos por modalidade de ensino, conforme o Quadro 2, a seguir.

**Quadro 2 – Dados estatísticos dos questionários aplicados**

<b>Modalidade</b>	<b>Número questionários respondidos</b>	<b>Porcentagem de Alunos %</b>
<b>Integrado</b>	419	100,00
<b>Mínimo</b>	24,39	5,82
<b>Número de Alunos para entrevista</b>		<b>Porcentagem de alunos%</b>
<b>Mínimo</b>	4,07	5,82
<b>Aplicados</b>	100	100%
<b>Respondidos</b>	70	70%

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Os dados acima mostram que os alunos dos cursos técnicos integrados retornaram 70% dos questionários entregues, sendo deste quantitativo, 36 alunos assinalaram que gostariam de contribuir com a pesquisa caso fossem convidados para a entrevista individual ou em grupo.

Após realizada a tabulação dos dados dos questionários, foram escolhidos os alunos que responderam de acordo com o Quadro 3 e que se dispuseram a contribuir com a pesquisa, no caso, de serem convidados para uma entrevista.

## 2.4 Procedimentos técnicos orientadores da investigação

Para o delineamento da pesquisa e produção dos dados, recorreremos a um conjunto de técnicas e instrumentos. Segundo Molina (1999, p. 95), o estudo de caso qualitativo é especialmente pertinente, quando se trata de tentar responder a problemas ou perguntas que se formatam em “comos”, “por quês” e que se interessam por acontecimentos contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas. A pesquisadora diz que, no âmbito educativo, o estudo de caso qualitativo pode ser definido como um processo que tenta descrever e analisar algo em termos complexos e compreensivos, que se desenvolve durante um período de tempo. Assim como já dito anteriormente, elegemos o estudo de caso, compreendendo procedimentos de revisão bibliográfica, análise documental, questionário, entrevista compreensiva e observação *in loco*, uma vez que os dados foram levantados tanto a partir de fontes documentais quanto com pessoas.

**Quadro 3- Sujeitos participantes da pesquisa**

QUADRO RESUMO – SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA					
CODINOME	UTILIZA A INTERNET COMO 1º MODO DE PESQUISA?	FREQUÊNCIA DE ACESSO PELOS ALUNOS NA WEB	O QUE OS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS ACESSAM QUANDO ENTRAM NA INTERNET?	O QUE O ALUNO FAZ QUANDO NÃO ENCONTRA A INFORMAÇÃO QUE ELE PRECISA NA BIBLIOTECA?	ACEITA CONTRIBUIR COM A PESQUISA?
<b>MODALIDADE MÉDIO INTEGRADO</b>					
Pedro	NÃO	TODOS OS DIAS	1º BATE-PAPO, 2º E-MAIL, 3º SITES DE PESQUISA	INTERNET	SIM
Yara	SIM	TODOS OS DIAS	1ºE-MAIL, 2ºMÍDIAS SOCIAIS, 3ºSITES DE PESQUISA	INTERNET	SIM
Raquel	NÃO	2 X POR SEMANA	1ºMÍDIAS SOCIAIS, 2ºBATE-PAPO, 3ºSITES DE PESQUISA	INTERNET	SIM
Carlos	SIM	TODOS OS DIAS	1ºBATE-PAPO, 2º E-MAIL, 3º SITES DE PESQUISA	INTERNET	SIM
Thesco	NÃO	TODOS OS DIAS	1ºE-MAIL, 2º MÍDIAS SOCIAIS, 3º SITES DE PESQUISA,	INTERNET	SIM
Nanda	SIM	TODOS OS DIAS	1º E-MAIL, 2º MÍDIAS SOCIAIS, 3º SITES DE PESQUISA	INTERNET	SIM

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Schön (2000), com base em estudos de caso, afirma que é na reflexão, baseada nos problemas que surgem na prática cotidiana dos profissionais, que se produz uma base epistemológica. Neste sentido, a epistemologia da prática pode ser entendida tanto como um campo teórico-metodológico que procura explicar o modelo em que se situam as práticas, como os saberes e os sentidos por ela produzidos, ou seja, a racionalidade em que estão apoiadas. Neste caso, o profissional é um sujeito epistêmico que estabelece, nas palavras de Schön (2000, p. 69), “uma conversação reflexiva de um investigador com a sua situação”. Esta postura reflexiva, além de (re)significar a prática promove a construção contínua de saberes em ação. Esta abordagem valoriza o conhecimento do sujeito enquanto profissional, histórico e social, que, mediante a natureza da prática, faz uso de um talento artístico (competência profissional, fruto da reflexão na ação) para resolver as situações conflituosas. Sob este enfoque, o autor aponta que a habilidade de resolver problemas no cotidiano assenta-se na confluência entre o conhecimento e a técnica, a qual nomeou como *conhecimento prático*.

Ao pôr os pés em campo, com a intenção de analisar a prática de leitura dos alunos, consolida-se a exigência de uma teoria metodológica para apurar o olhar nos caminhos na superação dos descaminhos inerentes a uma investigação científica. Optamos pela etnometodologia por entender que a sua proposta vai além de uma simples observação, são olhares apurados pertencentes a um mesmo universo que dialogam, discutem, se aceitam e se descrevem e, ao se descreverem, se reconhecem, reconhece ao outro. E ao se reconhecer e ao outro, contam o que fazem e o que pensam se construir e ao se construírem em harmonia, no respeito e na cumplicidade fazem história, constroem e contam suas histórias que são lapidadas no cotidiano dos encontros, na família, na escola, no trabalho e lazer.

A etnometodologia de acordo com Machado (2012) busca captar por meio das narrativas e observações, para compreender o universo de pesquisa e para dar sentido e significado ao objeto pesquisado. O processo de produção dos dados é uma atividade que requer cuidados especiais por parte do pesquisador, pois nem sempre as informações estão disponíveis no formato requerido. Muitas vezes, o pesquisador precisa observar nas entrelinhas o que se encontra implícito, não revelado expressamente. Assim, os dados vão sendo produzidos através da combinação das subjetividades dos atores com as técnicas e instrumentos utilizados. A seguir, destaco os instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa.

## 2.5 Instrumentos

### ▪ Pesquisa Bibliográfica

Para Malheiros (2011, p. 81), “a finalidade da pesquisa bibliográfica é identificar, na literatura disponível, as contribuições científicas sobre um tema específico. Ela consiste em localizar o que já foi pesquisado em diversas fontes, confrontando seus resultados”.

Sobre a pesquisa documental, Malheiros afirma que (2011, p. 82): “a pesquisa documental é extremamente similar à pesquisa bibliográfica. Sua grande diferença reside na fonte dos dados.

A pesquisa documental tem seus dados extraídos exclusivamente de documentos (escritos ou não).” Gil acrescenta (2008):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p. 51).

Além da pesquisa bibliográfica, utilizamos também a pesquisa documental, analisando documentos relacionados às práticas de leitura dos alunos. Ao passo que o aluno realiza retiradas (empréstimos domiciliar) de livros na biblioteca, achamos por necessário analisar seus históricos de empréstimo por meio de relatórios de uso dos usuários fornecidos pelo sistema automatizado de gerenciamento da biblioteca (Sistema Pergamum).

### ▪ Estudo de Caso

A necessidade de estudos de caso surge do propósito de compreender fenômenos sociais complexos, ou seja, o estudo de caso permite uma investigação para preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real.

Segundo Gil (*apud* YIN, 2003, p. 32), “o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”. Ainda segundo esse autor:

O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e
- c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008, p.58).

Para Malheiros (2011, p. 94), “um caso é sempre uma unidade individual, que pode ser uma pessoa, um grupo ou uma situação específica”. Assim, estabeleci como caso investigado, na presente pesquisa, 6 alunos do curso técnico da modalidade médio integrado do IFPI – *Campus Teresina Zona Sul*.

Para compreender as práticas de leitura atual dos alunos, buscando compreender quem é este leitor, quais as práticas e estratégias de leitura por eles escolhidos, que artefatos culturais utilizam, que dificuldades/facilidades eles encontram, como ampliar os repertórios de leitura na biblioteca, mediante o acesso às tecnologias digitais na formação profissional, analisei os documentos institucionais e as narrativas dos alunos, obtidas com as entrevistas realizadas.

#### ▪ O Questionário

Através do questionário, além de obter informações iniciais dos alunos, necessárias para selecionar aqueles que iriam participar do estudo de caso, ele nos mostra um panorama sobre o perfil leitor dos alunos dos cursos técnicos integrados. Assim, questões abertas e fechadas possibilitaram o conhecimento de aspectos relativos à escolha de acesso à informação, artefato cultural utilizado, preferência de acesso à informação pelo aluno, bem como a disposição para colaborar com a referida pesquisa.

Para a aplicação do questionário, as perguntas foram previamente elaboradas e apresentadas por escrito aos alunos, a abordagem se deu no intervalo das aulas, foram distribuídos 70 questionários e solicitados que eles entregassem à pesquisadora após o seu preenchimento; foi informado a eles da importância da resposta deles para o sucesso da pesquisa; os 70 questionários foram devolvidos no mesmo dia pelos alunos; uns devolveram ainda pela manhã, outros devolveram à tarde. A aplicação ocorreu durante o nosso primeiro

contato com os alunos, oportunidade em que fizemos uma explanação sobre o propósito e finalidade da pesquisa. Segundo Gil (2008):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

Segundo esse autor, os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes e designados como questionários autoaplicados. Por outro lado, podem ser implementados através de questões formuladas oralmente pelo pesquisador.

A tarefa de elaborar um questionário consiste basicamente em transformar os objetivos da pesquisa em questões específicas, sendo que as respostas a essas questões irão resultar nos dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa.

#### ▪ **A Entrevista Semiestruturada**

A realização de entrevistas semiestruturadas objetivou a produção de dados que contribuíssem para a análise e compreensão dos objetivos propostos da pesquisa, dentre eles, buscando identificar os principais meios de acesso à leitura escolhidos pelos alunos; compreender quais as práticas e estratégias de leitura desses sujeitos; entender as dificuldades ou facilidades encontradas pelos alunos com relação às suas práticas de leitura e descrever como os alunos utilizam os instrumentos que esses meios possibilitam.

As entrevistas foram realizadas em grupo, em conformidade com a disponibilidade e conveniência dos alunos, e em datas e horários pré-agendados, divididas em duas etapas, sendo todas realizadas nas dependências do *Campus*, por opção dos entrevistados. Antes de cada entrevista, como medida preparatória, procedi às explicações devidas, relativas às finalidades da pesquisa.

Os entrevistados receberam o roteiro com 56 (cinquenta e seis) questões abertas, versando sobre aspectos relacionados a dois momentos distintos: as práticas de leituras dos alunos antes do ingresso e durante a formação. De acordo com Minayo (2011, p. 64): “entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é estratégia mais usada no processo de trabalho no campo. Pretendemos assim, trabalhar com as narrativas destacando-se as práticas

de leituras atuais online/off-line. Ao realizar as entrevistas com os sujeitos participantes, visamos dar voz aos atores/sujeitos para uma melhor compreensão do universo das práticas de leitura contemporâneas desses sujeitos.

Segundo Zago (2003, p.289), “a pesquisa se volta então para dimensões mais restritas da realidade social, ao mesmo tempo em que procura manter a relação entre os planos macro e microssociais”.

O modo encontrado para que esses sujeitos possam contribuir na compreensão de suas práticas de leituras, em que nele suas impressões fiquem registradas, é ouvi-los através do processo de entrevistas semiestruturadas. Diz Zago (2003, p. 295):

Dentro desta abordagem o pesquisador se apropria da entrevista não como uma técnica que transpõe mecanicamente para uma situação de coleta de dados, mas como parte integrante da construção sociológica dos diversos procedimentos associados ao processo de produção de dados, o que inclui sua problematização inicial, passando pelo estudo da realidade e pela análise de dados.

Sendo assim, optamos por abordar as entrevistas dentro de uma visão “compreensiva”, Zago (2003, p. 296) afirma: “na entrevista compreensiva, o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com esse, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre”.

Os relatos dos alunos servem para confirmar ou não, conjecturas que nos levam a pensar de modo equivocado ou correto sobre as práticas de leitura dos alunos, pois se supõe que devido às mídias digitais os alunos passaram a acessar e localizar a informação que eles precisam para ajudá-los em seus trabalhos, estudos e também em sua vida pessoal.

Através das respostas obtidas nas entrevistas, há a pretensão de poder complementar as informações levantadas através de fontes escritas dos estudos de Chartier (2004; 1998; 2010) sobre as práticas de leituras, os modos e tipos de leitores (SANTAELLA, 2004, 2013), com a opinião livre dos sujeitos que estão no cotidiano das práticas leitoras.

A entrevista aberta e semiestruturada estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, revelando aspectos subjetivos e atingindo conceitos de forma espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. É uma pesquisa indutiva, pois o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados. Segundo Gil (2008):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p. 109).

A opção por adotar as entrevistas, como um dos instrumentos, se justifica em função da impossibilidade de um acompanhamento longitudinal das práticas de leituras dos alunos. Para registro do conteúdo das entrevistas, foi utilizado gravador de áudio.

#### ▪ **A Observação**

As pesquisas qualitativas possuem características multimetodológicas, utilizando um número variado de métodos e instrumentos de produção de dados. Entre os mais aplicados, estão a entrevista em profundidade (individual e grupal), a análise de documentos e a observação participante ou não.

O ato de observar é um dos meios mais frequentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações. Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados.

A pesquisa participante na etnometodologia é mais que uma “técnica”, consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. Para Queiroz (2007): observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso.

A observação torna-se uma técnica científica a partir do momento em que passa por sistematização, planejamento e controle da objetividade. O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos. A observação ajuda muito o pesquisador e sua maior vantagem está relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato.

A observação participativa no estudo desenvolvido teve como fase inicial o planejamento, pois a pergunta chave era: como acompanhar as práticas de leituras dos alunos?

Acompanhar alguém na leitura de um livro impresso seria necessário um estudo mais longitudinal, e a entrevista seria o suficiente para esclarecer as questões que norteiam o trabalho. Porém observar a leitura na web realizada pelos alunos foi algo desafiante. A captura das telas só foi possível, porque atualmente há disponível para download diversos programas que gravam a navegação na tela, mais conhecida como capturas de tela; são utilizadas atualmente para fazer tutoriais, vídeo-aulas, segue os 5 mais utilizados (TOP5, 2013): *Camtasia Studio*, *Super Screen Recorder*, *Fraps*, *Auto Screenrecorder Free* e *Screen Hunter*. Para melhor compreensão sobre o funcionamento do *software* escolhido para a captura de tela da pesquisa, segue a descrição abaixo:

***Camtasia Studio***: é bastante flexível na hora de gravar vídeos, dando a opção de gravar a tela inteira ou somente uma parte dela, permite configurar a qualidade do arquivo final, se haverá gravação de áudio durante o vídeo etc. Possui um editor bastante completo para ser utilizado após a finalização da gravação.

Muito utilizado por pessoas que necessitam de um programa tudo-em-um para gravar *screencasts* e tutoriais comerciais, ele também ajuda aqueles que querem criar vídeos caseiros ou mesmo salvar uma exibição ao vivo via Internet do jogo de futebol favorito. A única ressalva é que, após 30 dias, é necessário comprar uma licença para continuar usando. Valor da licença: R\$ 715,00 ou \$ 297,00.

Ao buscar acompanhar as práticas de leituras dos alunos, realizamos 3 seções de gravações de suas navegações; com agendamento prévio com os alunos, instalei previamente o software no computador do laboratório e da biblioteca e avisei aos alunos que a navegação deles seria gravada para posterior análise, que esta etapa de observação era uma etapa complementar à entrevista; foi informado que eles poderiam ficar tranquilos pois, em nenhum momento, seriam identificados no relatório de pesquisa; foram gravados 6 vídeos do acesso à Internet pelos alunos dos cursos integrados, resultando em um arquivo de aproximadamente 10g, pois, ao processar a gravação no *Camtasia Studio*, optei pela qualidade do vídeo em HD<sup>8</sup>, para dar auxílio nas análises desse material na medida que eles ia acessando sites, eram questionados por que estavam escolhendo este ou aquele site, e se utilizavam algum critério de escolha na seleção, constando um formulário de observação para registrar essas informações (Apêndice D).

---

<sup>8</sup> A expressão HD neste contexto representa "*High Definition*" que significa "Alta Definição".

## 2.6 Procedimentos e critérios para análise de dados

A análise de dados configura-se numa fase importante no empreendimento de investigações nas Ciências Sociais, e seu objetivo é a exploração do conjunto de opiniões e subjetivações sociais sobre o tema a ser investigado. Para Minayo *apud* Gomes (2011):

Esse estudo não precisa abranger a totalidade das falas e expressões dos interlocutores porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costumam ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias da biografia de cada interlocutor. (MINAYO *apud* GOMES, 2011, p.79).

Segundo Gil (2007):

Após a coleta de dados, fase seguinte da pesquisa é a de análise e interpretação. Estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. (GIL, 2007, p. 156).

Nesse sentido, as respostas fornecidas pelos sujeitos pesquisados tendem a ser as mais variadas e, para que possam ser adequadamente analisadas, faz-se necessário organizá-las, o que é feito mediante o seu agrupamento em certo número de categorias.

Malheiros, ao tratar das categorias para a análise de dados qualitativos, estabelece que, chegando-se à etapa de categorização de dados produzidos em uma entrevista, todo o processo de organização e planejamento já foi efetivado, devendo-se então ter conhecimento do que é uma unidade de análise. Segundo ele, “unidade de análise é a menor parte dos dados que será considerada para o entendimento do resultado de uma pesquisa” (MALHEIROS, 2011, p. 208).

No caso específico desta pesquisa, em que utilizo, como procedimento de produção de dados, além do questionário, as entrevistas e a observação participante, disponho das falas dos sujeitos, gravações das navegações e documentos institucionais como elementos de análise. Essas falas foram passadas do áudio para a escrita, através do processo de transcrição, e constituem, juntamente com os documentos, o conteúdo que foi analisado.

Dialogando com o referencial teórico no qual me apoiei para realizar a presente pesquisa, produzi o capítulo que dispõe sobre a análise dos dados produzidos e estabelece afinidade com o problema de pesquisa.

- Elementos de natureza ética da pesquisa

O objetivo principal da pesquisa científica é a produção do conhecimento, cujo fim prático deve ser uma finalidade social. Assim como outras áreas da sociedade atual, a finalidade social da pesquisa encontra-se associada a padrões éticos e morais, estabelecidos pelos diversos códigos existentes de conduta para pesquisa e publicação científica.

No que tange às questões éticas para a realização dessa pesquisa, além da autorização da Diretoria de Ensino do Campus Teresina Zona Sul, à qual as coordenações dos cursos encontram-se vinculadas, para o contato direto com os alunos, foi providenciada a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido pelos alunos (APÊNDICE A).

Os dados de identificação dos sujeitos serão mantidos em sigilo, de posse do pesquisador. As gravações, tanto do áudio das entrevistas quanto da navegação na web realizada pelos alunos, de acesso restrito, serão mantidas pela pesquisadora por um período mínimo de 05 (cinco) anos, sendo apagadas após esse período.

### 3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NA CONTEMPORANEIDADE

#### 3.1 Um breve panorama do mundo contemporâneo

A evolução do computador e a expansão da Internet têm consequências muito importantes no mundo. Atualmente, as dificuldades de acesso à informação diminuíram consideravelmente; a integração das TIC's vem ocorrendo não só na educação, mas em todos os segmentos, sejam de nível político, econômico e cultural, em todo o mundo, potencializando o processo chamado de mundialização. As conquistas tecnológicas deste final de milênio são espetaculares. Não precisamos invocar o testemunho das preciosidades guardadas nos laboratórios de institutos de pesquisa para constatar essa realidade. Basta olhar ao redor e observar os computadores (*desktops, laptops*), os telefones móveis, as impressoras a laser, as TV's com qualidade de imagens *Full HD*, os eletrodomésticos com chips inteligentes etc... assim nos certificamos e também constatamos esse clima de modernidade técnico-científica. No entanto, contraditoriamente, os problemas sociais parecem ter se agravado. À sombra dos centros urbanos, multiplicam-se as favelas, os bolsões de pobreza e a violência. No campo, os despossuídos, os sem-terra, os boias-frias vivem num regime sub-humano, buscando os grandes centros à procura de uma vida digna, vítimas do desemprego estrutural. Indicações claras de que algumas coisas não vão muito bem nessa orgulhosa civilização do século XXI. Por falar em coisas, nos transformamos em uma sociedade consumista, consumimos coisas, sem nos questionar de onde, como e para onde vão essas coisas (LEONARD, 2012).

Vivemos em uma sociedade dominada pelo interesse, pelo lucro, ao mesmo tempo, pela insegurança e pelo medo. Uma sociedade manipulada por interesses políticos, econômicos, sociais e religiosos sem precedentes. Boff (1995, p.27) afirma que a vontade de tudo dominar nos está fazendo dominados e assujeitados aos imperativos de uma Terra degradada. Para o autor, a utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida. O desejo pelo crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de 2/3 da humanidade, a volúpia de utilização otimizada dos recursos da terra tem levado à exaustão dos sistemas vitais e à desintegração do equilíbrio ambiental. O socialismo e depois o capitalismo corroeram a base da riqueza, que é sempre a terra com seus recursos e o trabalho humano.

Nesse panorama, a utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida, as maravilhas tecnológicas parecem contribuir mais para aguçar as contradições do que

para solucioná-las, os investimentos em tecnologia visam à lucratividade, seja almejando o bem estar humano, seja em atos de violação a natureza; urge a construção de um *ethos* favorável à defesa da vida e à emancipação social (ADAMS, 2010, p.174) no sentido de construir uma sociedade mais ecológica, com o apoio daqueles prejudicados pela distribuição desigual das oportunidades econômicas e também pela distribuição ecológica desigual. Falta o humano, no sentido de resgatar o que existe de melhor nessa palavra, na sociedade contemporânea, marcada pelo signo da competição, do mais poderoso se tornar mais poderoso, o pobre mais pobre. Seguimos cada dia tendo mais certeza: a tecnologia só poderá desempenhar o seu papel libertador do potencial humano, num contexto humanitário. Nesse sentido, é preciso repensar com seriedade os caminhos que iremos optar por seguir.

Segundo Castells (2003, p. 219), a desigualdade é ainda mais acentuada entre os jovens, já que 4/5 das pessoas com menos de 20 anos vivem em países em desenvolvimento. E as mulheres continuam a arcar com o fardo da pobreza, do analfabetismo e dos problemas de saúde, ao mesmo tempo em que estão incumbidas de assegurar a sobrevivência da família.

As novas tecnologias, com o desenvolvimento do computador e a expansão da Internet trazem consequências muito importantes para a escola, não como um tipo de panaceia de todos os problemas escolares, mas compreendemos como uma nova perspectiva de aprendizagem, uma nova visão de acesso às informações e às formas de comunicação; pela primeira vez, a escola não está isolada, ela pode se conectar a outros centros e oportunizar outras fontes de informação que estão além da sala de aula (FREITAS, 2008, p.2); o espírito de colaboração e compartilhamento tomam, na sociedade da Informação, grandes proporções.

Mesmo com a problemática da divisão digital que se refere à desigualdade de acesso à Internet, e nos alerta sobre a consequência dessa divisão, trazendo a centralidade da Internet em áreas da atividade social, econômica e política, equivale à marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, bem como para os que são incapazes de usá-la eficazmente. Em seus estudos Castells (2003, p. 203-210), fez um levantamento do acesso à *Internet* nos países desenvolvidos em comparação aos países em desenvolvimento e chegou à conclusão que a infraestrutura dos países desenvolvidos proporciona uma vantagem no acesso à *Internet* que os países em desenvolvimento ainda estão longe de alcançar.

Porém a divisão digital fundamental não é medida pelo número de conexões de um país e outro com a Internet, mas pelas consequências tanto da conexão quanto da falta de conexão. Porque o que queremos mostrar é que a Internet não é apenas uma tecnologia. Trata-se de uma tecnologia da inteligência (LEVY, 2001, p.5) que permite desfazer e refazer

ecologias cognitivas, permitindo buscar informações, produzir e transformar o conhecimento. Um outro projeto de sociedade exige recolocar o foco do projeto educacional sobre os sujeitos e os conhecimentos que permitem compreender e transformar a realidade em que vivem; na nossa perspectiva, gera exclusão utilizar a tecnologia e não ensinar as pessoas como utilizá-las.

Mundo e sociedade em rede apresentam sérias implicações para a educação; implicações estas, as mais diversas possíveis. Se pensarmos nas implicações em termos de redes capazes de alimentarem o processo de construção do conhecimento, percebe-se a presença de novas necessidades curriculares como também administrativas, sem falar nas pedagógicas. Quando falamos dessas necessidades, partimos da ideia de que a estrutura administrativa da escola colabore para que as atividades escolares, seja por meio do espaço digital ou analógico, possam acontecer.

É comum, nas escolas públicas, a necessidade de infraestrutura de computadores, de Internet de boa qualidade, mobiliário adequado, laboratórios com tecnologias e pessoas qualificadas para orientar os alunos, ou resolver problemas que possam ocorrer nos equipamentos durante as aulas.

Chega a ser frustrante um professor elaborar a aula do dia seguinte e ao chegar ao laboratório não ser possível conectar na web. Isso pode ser considerado normal caso aconteça uma vez, mas quando vira rotina, a escola deve repensar o modo como está funcionando administrativamente.

O importante é que haja uma conscientização dos atores da escola com relação às tecnologias, buscando sempre possibilidades de inclusão dos alunos, de modo que eles possam ter possibilidades de escolhas, pelo melhor modo, de assimilação dos conteúdos. No que se refere à biblioteca, do ponto de vista da disponibilização da informação como subsídios às atividades acadêmicas e escolares, a Internet vem proporcionar facilidades que extrapolam o conceito tradicional de informação bibliográfica, baseada em documentos, como artigos de periódicos, trabalhos em congressos e teses. Novos recursos informacionais estão à disposição da comunidade de pesquisa além desses tradicionais: são vídeo aulas disponibilizadas por universidades em todo o mundo, bases de dados, redes de colaboração, fóruns... Ao receber o Censo do Ensino Superior sobre serviços prestados pela biblioteca do IFPI-CTZS, nota-se a inclusão de dois itens de avaliação que apontam que o MEC não está desatento às inovações na contemporaneidade, a pergunta inclusa neste ano de 2014 é: **A Biblioteca participa de redes sociais?** E ainda explica do que se trata: “estrutura social composta por pessoas ou organizações conectadas por um ou por vários tipos de relações e que partilham valores ou

objetos. Ex.: Twitter, Youtube, Facebook, Orkut, Myspace, Flixter, dentre outros”. Mais que somente recursos informacionais, os novos recursos disponíveis via Internet, como os documentos em hipertexto, são acima de tudo novas possibilidades cognitivas (Levy ,1993). Graças à Internet, a biblioteca e os serviços de biblioteca se expandem de modo que a *Internet* se torna um poderoso instrumento para os bibliotecários, ampliando significativamente o alcance do seu trabalho, no sentido de aproximar o mundo de seus usuários. Portanto, conhecer profundamente a comunidade à qual atende e as políticas em torno de sua existência é o início de um caminho para contribuição de uma nova sociedade, para uma tentativa na condução de uma vivência em prol do novo *ethos* proposto por Adams (2010, p. 174), podendo contribuir na transformação para um novo mundo.

- Cibercultura

A Internet se transformou numa megaestrutura através da qual convergem todas as linguagens, na forma de textos e hipertextos, em fotos, áudio, vídeo, infográficos etc.

Diversos aplicativos são inventados constantemente, principalmente pela indústria dos *smartphones*, criando novas possibilidades de comunicação, de produção e disseminação de informações.

Para Santaella (2003, p. 1),

se tornou lugar comum afirmar que as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando potencialmente todas as esferas da sociedade: trabalho (robótica e tecnologia para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferências de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância).

Essas esferas da sociedade estão mudando toda a cultura em geral. Para Robins e Webster(1999) apud Santaella (2003) ,

se as forças do capital corporativista e os interesses políticos forem bem sucedidos na introdução sistemática dessas novas tecnologias – da robótica aos bancos de dados, da internet aos jogos de realidade virtual, então a vida social será transformada em quase todos os seus aspectos.

Segundo Lopes e Valentini (2012, p. 206), a Internet está se popularizando. Num intervalo de apenas dez anos, a rede mundial deixou de funcionar apenas como suporte para a transmissão de dados entre computadores para se tornar um recurso multimidiático para a comunicação entre pessoas e instituições públicas e privadas.

Lopes e Valentine (2012) afirmam que a Internet não é um fenômeno efêmero, mas sim um acontecimento que vários autores apontam como um marco histórico e situacional que está imbricado às transformações culturais da contemporaneidade (Castells, 1999; Lévy, 1993; Lemos, 2002). Embora o desenvolvimento tecnológico esteja imbricado a este contexto sociocultural em constante transformação, algumas instituições sociais não têm acompanhado esse movimento. Esse fato não causa espanto, pois é uma característica das instituições (Barembritt (2002) apud Lopes e Valentini (2012, p. 206) voltarem-se mais para sua própria estrutura interna – *instituídos* – que para os movimentos e perturbações, internos e externos, que ameaçam suas estruturas – *instituintes*. Nesse caso, a transformação pode ser entendida e sentida como desordem e crise, enfim, contrária ao bom funcionamento, aos costumes e aos paradigmas da instituição.

No caso das escolas, vemos intensificados os focos de tensão em relação a uma demanda que lhes foi atribuída: a *inclusão digital*. Diversas políticas governamentais vêm sendo implementadas no Brasil desde a década de 80. Com o surgimento das tecnologias digitais (TD) em rede, o foco dessas políticas tem se deslocado da noção de *software* educacional para a apropriação tecnológica, principalmente com relação às tecnologias da informação e comunicação (TIC). Várias escolas públicas já contam com acesso à Internet, apesar de ainda contarem com velocidade limitada para atender à demanda das comunidades educacionais.

A discussão envolvendo a emergência de uma cultura digital e as tensões que surgem no âmbito das instituições educacionais não podem limitar-se à qualificação ou desqualificação de suportes analógicos ou digitais (livros/textos *versus* *webpages*/ hipertexto). Trata-se, portanto, de compreender as especificidades dos diferentes suportes digitais e analógicos e as especificidades próprias das pessoas no que se refere à sociabilidade – os “porquês” ou os sentidos que atribuem à interação, ao compartilhamento, à aprendizagem em rede ou *online*.

Lopes e Valentine (2012) acreditam que as novas mídias *online* têm possibilitado aos usuários maior poder de escolha, de seleção, de pesquisa autônoma e de interação em qualquer tempo. Eles argumentam que os suportes digitais possibilitam a produção e a manipulação de imagens multimidiáticas distintas dos suportes analógicos, fato que, ao mesmo tempo em que pode agilizar a manipulação e provocar novas operações, também pode limitar a imaginação no sentido da padronização ou massificação das imagens – da mesma forma como se debateu a literatura ilustrada como suporte à leitura.

Nesse caso, o que estaria em jogo não seria exatamente a prevalência de um ou outro suporte – analógico *versus* digital –, mas sim os processos educacionais e seus respectivos regimes cognitivos em relação à constituição de leitores e escritores críticos num contexto extremamente híbrido e multimidiático – onde não se tem apenas o texto, mas a produção de imagens e agenciamentos de múltiplas ordens e autorias, localizadas em espaços e tempos diversos.

Outro aspecto interessante a este respeito – a educação na emergência de uma cultura digital – está na multiplicidade e contínua produção de novidades tecnológicas. Com a produção dos novos dispositivos digitais – como os *tablets*, *smartphones* e *laptops* – conectados em redes múltiplas – como *WiFi*, *Bluetooth* e 3G –, a interatividade tem se intensificado também entre as pessoas e as coisas.

Os suportes multimidiáticos digitais de produção em rede se constituem a partir de pautas interativas, exigindo uma postura ativa dos sujeitos, cuja autoria e autoridade são distribuídas. Desta forma, é compreensível que uma sala de aula pautada pela passividade e heteronomia da aprendizagem seja lugar de acirramento das tensões entre professores e alunos. No âmbito das políticas públicas, garantir à sociedade os meios de produção e acesso a essas tecnologias desponta como necessidade sociocultural deste século, de forma que não se intensifiquem as vias de exclusão cultural historicamente estabelecida. Em vez disso, compreender as redes digitais não apenas a partir de sua dimensão tecnológica, mas como um fenômeno sócio técnico, exige a promoção de políticas, metodologias e estratégias que favoreçam a constituição de redes de socialização diversas, a favor da pertença ativa e participativa na cultura contemporânea.

Castells (2003, p. 204-210) nos traz a problemática que o não acesso à Internet pode causar exclusão informacional, à medida que a humanidade se desloca através de dispositivos móveis, pelos espaços múltiplos da Internet, seja se apropriando de seus conteúdos, seja contribuindo com a rede de informação, pensamos que o problema do acesso é o maior sim, sem acesso à *Internet*, não há possibilidade de inclusão, mas também existe outra preocupação, ao se ter acesso, como utilizar as redes de modo que não sejam alienantes em um processo de construção educacional/ intelectual?

Ao disponibilizar *Internet* a uma região rural, penso ser interessante pesquisar em torno do que e quais conteúdos estão sendo acessados. O simples acesso à Internet por uma população pode não contribuir para um avanço ou incremento de suas potencialidades. É preciso haver a preocupação com relação à orientação de quais conteúdos poderão contribuir para as pessoas que atuam nessas localidades; por exemplo, fazendeiros especialistas em

reprodução animal poderão ter acesso aos artigos disponibilizados pela Embrapa sobre tal assunto; não é preciso enviar cartas a instituições de pesquisa e aguardar a resposta. Hoje, se tem acesso aos grandes centros de pesquisas científicas de todo o planeta, mas é preciso se atentar a isso. É nesse sentido que nos propomos a pesquisa aqui desenvolvida, entender o que os alunos buscam na Internet pode nos dar uma melhor compreensão do seu desenvolvimento, e, por consequência, o que ele poderá desempenhar para a sociedade no futuro.

### **3.2 A Educação Tecnológica**

O impacto das tecnologias no processo de comunicação tem provocado uma reordenação dos processos de produção e distribuição de conteúdo, o que significa também mudanças nas práticas e rotinas educacionais. Portanto, faz-se necessária uma reflexão acerca dos rumos que a educação está tomando na sua relação com o desenvolvimento tecnológico.

Bastos (1997) afirma que a educação contemporânea tende a ser tecnológica porque exige o entendimento e interpretação de tecnologias. Como as tecnologias são complexas e práticas, ao mesmo tempo, elas passam a exigir uma nova formação do homem que remeta à reflexão e compreensão do meio social em que ele se insere.

A expressão Educação Tecnológica possui um consenso no seu significado uma vez que pode direcionar mais para os aspectos inerentes à educação e ao ensino técnico, como também pode referir-se aos mecanismos e processos advindos do desenvolvimento científico tecnológico (GRISPUN, 2009, p. 81).

A Educação tecnológica pode ser focalizada de vários pontos de vista: do mundo da educação, do mundo do trabalho, da produção de conhecimentos, da necessidade de novas metodologias, ou da filosofia da tecnologia. Porém, de um modo geral, quando se refere a ela, há uma tendência a associá-la à educação técnica ou à educação profissional.

Rodrigues (1996) *apud* Grispun (2009, p.81) concorda que a educação tecnológica se refere mais precisamente ao tipo de educação para os que irão aprender a fazer tecnologia. A autora faz uma diferença entre as expressões educação tecnológica e educação para a tecnologia. A primeira voltada para os que irão aprender a fazer tecnologia e a segunda para aqueles que irão lidar com a realidade de uma sociedade tecnologizada. Os significados dado pela autora se complementam e o ideal seria se possível ambos formem a educação que deveríamos dar a todos os jovens para adequá-los à vida contemporânea.

Sendo assim, o conceito de Educação Tecnológica no âmbito dos Institutos Federais é vertente da educação voltada para a formação de profissionais em todos os níveis de ensino e para todos os setores da economia, aptos ao ingresso imediato no mercado de trabalho; desse modo, a educação tecnológica assume um papel que ultrapassa as fronteiras legais das normas e procedimentos a que está sujeita, como vertente do sistema educativo que cobrem os setores da produção, da Ciência e da Tecnologia, da capacitação de mão de obra, das relações de trabalho e outros, exigidos pelos avanços tecnológicos, sociais e econômicos que têm a ver com o desenvolvimento (BRASIL, 2013e).

No momento atual, tal fenômeno acontece em todos os campos da sociedade, o que nos leva a pensar na possibilidade de uma educação mais contextualizada, considerando as causas e fatos que ocorrem no seu cotidiano. As rupturas nas relações desse contexto vão sendo inevitáveis segundo Grispun (2009, p. 47).

Os desafios éticos e educacionais permanecem em relação a uma humanidade humanizada e a perspectiva no cenário educacional com o fenômeno da educação a Distância, a transformação dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET's) em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, o fortalecimento das graduações tecnológicas, entre outros eventos, tende a reforçar a necessidade de refletir sobre a ideia de educação tecnológica.

A educação tecnológica é muito antiga na realidade brasileira. Ela teve início com a criação da Rede Nacional de Educação Profissional, pela implantação do ensino técnico em 1909, quando se criaram em todo o país as Escolas de Aprendizes Artífices, com o objetivo de formar artífices, ou seja pessoas que dominassem o trabalho manual. Posteriormente, após a Revolução Industrial, com o surgimento da industrialização, teve início uma educação técnica paralela ao sistema regular de ensino, quando também as instituições do Sistema S (SENAI) começaram a preparar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho.

Na década de 60, com o avanço do desenvolvimento tecnológico, volta a questão do ensino técnico, que, no tocante aos aspectos pedagógicos, teve seu ápice na Lei 5.692/71, com a obrigatoriedade do ensino profissionalizante. Com esta determinação, trouxe a tona um velho debate sobre educação geral x formação profissional, que, após alguns anos, levantou o debate com ensino técnico x ensino médio, o qual trataremos mais à frente.

Em 1978, foi assinada a lei 6.545/78, criando os Centros Federais de Educação Tecnológica. Seus idealizadores ressaltaram no relatório do Grupo de Trabalho, encaminhado aos órgãos superiores que as novas autarquias educacionais seriam instituições de ensino

técnico com a finalidade de ministrar cursos da área de tecnologia e de formação de professores.

A questão da formação profissional são pontos extremamente importantes quando se aborda a questão da educação tecnológica. Ela é mais abrangente que o ensino técnico, uma vez que faz parte do seu contexto, tanto a educação geral como a específica, e a estreita relação da escola com a empresa não se faz pela via do profissional habilitado, mas sim do profissional qualificado para conviver numa sociedade humana.

Na educação, hoje, não devemos estar apenas comprometidos com a diversidade de conteúdo, com a aprendizagem das diferentes linguagens, mas também com a formação de competências sociais, como afirma Mello (1993, p. 30):

[...]como liderança, iniciativa, capacidade de tomar decisões, autonomia de trabalho, habilidade de comunicação, constituem novos desafios educacionais. Em contraposição ao acúmulo de informações segmentadas e artificiais, torna-se mais importante dominar em profundidade as básicas e as formas de acesso à informação, desenvolvendo a capacidade de reunir e organizar aquelas que são relevantes.

Grispun (2009, p. 91) acredita que, para se qualificar os indivíduos para que eles detectem as informações relevantes, há que se pensar no conhecimento mais abrangente possível, caracterizando-o, como uma rede da qual temos acesso, hoje, tanto pelos meios formais da escola, como por outros caminhos, via Internet, por exemplo. Existe a necessidade de se pensar no desenvolvimento das condições e oportunidades para que o educando tenha acesso a esta rede de conhecimentos. Nesse processo, contribuimos muito caso busquemos entender como se procede ou se encaminha o acesso ao conhecimento na Educação tecnológica, pois a Instituição tem o dever de orientar os alunos no que diz respeito às pesquisas, aproximando-o da Ciência e Tecnologia.

### **3.3 A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, o Instituto Federal do Piauí e o *Campus* Teresina Zona Sul**

#### **▪ Ensino Profissionalizante no Brasil**

Kuenzer (2005) afirma que a educação brasileira traz consigo a marca da dualidade estrutural que se caracteriza pela existência de tipos diferentes de escola para classes sociais distintas. Se, para a grande parcela da população que detém a hegemonia

política, cultural e econômica, a trajetória escolar se constitui quase sempre no acesso a uma educação básica propedêutica e no ingresso em cursos universitários; para a grande maioria, resta como alternativa uma educação básica precária, associada, quando possível, à formação para o trabalho em cursos técnicos e, mais recentemente, em cursos superiores de tecnologia. Para Kuenzer (1997, p. 9), o ensino de nível médio se destaca dos demais como nível de mais difícil enfrentamento ao longo da história da educação brasileira, em decorrência da sua dupla função: preparar para a continuidade de estudos e ao mesmo tempo para o mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, a Educação Profissional no Brasil foi criada para atender a uma parcela da população que vivia à margem da sociedade, sejam crianças, jovens e adultos. As primeiras escolas que constituíram a Rede Federal de Educação Profissional tinham a função de instruir tais indivíduos através do ensino de um ofício ou profissão. De acordo com Fonseca apud Tavares (2012, p. 2), “habitou-se o povo de nossa terra a ver aquela forma de ensino como destinada somente a elementos das mais baixas categorias sociais”. No decorrer do século XX, a Rede Federal de Educação Profissional foi adequando-se às novas demandas apresentadas pela sociedade. Neste processo, o ensino técnico teve momentos de maior ou menor proximidade e equivalência com relação à educação básica propedêutica. Na década de 1990, por exemplo, as vagas ofertadas pelas Escolas Técnicas Federais eram disputadas até mesmo por jovens oriundos da classe pequeno-burguesa, tendo em vista que os egressos destas instituições apresentavam elevados índices de aprovação no vestibular. Nas regiões onde a oferta de bom ensino preparatório para o vestibular era escassa, as Escolas Técnicas acabaram se tornando a opção de estudos propedêuticos (BRASIL/CNE/CEB, 1999).

Buscando uma melhor compreensão da Instituição na qual realizamos o estudo e entendendo as nuances históricas que perpassam o Ensino Profissionalizante, iremos aproveitar o estudo de Tavares (2012), que realizou um estudo aprofundado e descreveu detalhadamente todas as fases e contextos que fizeram a história da Rede Federal de Educação Profissional.

## SÍNTESE DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

### **Quadro 4 – Síntese do período Primórdios da Educação Profissional no Brasil (1500-1889)**

Cenário Político, Econômico e Social	Com a invasão portuguesa em 1500, tem início o processo de escravização dos índios, muitos dos quais trabalhavam na extração de madeira, na agricultura ou na mineração. Ainda no século XVI, a utilização de escravos
--------------------------------------	--

	nativos passou a ser substituída por escravos africanos. O acesso à terra, que até 1822 era concedido por meio de sesmarias, passou a ocorrer pela apropriação privada de terras públicas, até que a Lei de Terras de 1850 determinou que a propriedade da terra seria transferida apenas para aqueles que pudessem pagar por ela. O estabelecimento das primeiras indústrias, no fim do século XIX, ainda não justificava a existência de ensino profissionalizante no Brasil. A Lei Áurea não resolveu o problema da população afrodescendente que, sem acesso à terra, não tinha como garantir a sua subsistência.
Papel da Educação Profissional	A oferta de Educação Profissional era desnecessária, tendo em vista que inicialmente o trabalho era exercido por índios e escravos, que não careciam de escola para ensinar seu ofício às gerações futuras. Aprendia-se a trabalhar no próprio trabalho. A elite da época nutria verdadeiro desprezo pelo trabalho, sobretudo pelo trabalho manual, o que explica seu desinteresse pela oferta de Educação Profissional.
Público alvo da educação Profissional	Inexistente.
Aproximação entre Educação Profissional e ensino propedêutico	Inexistente.

Fonte: (TAVARES, 2012)

#### **Quadro 5 – Síntese do período O ensino Profissionalizante no Brasil: a educação dos desvalidos (1890-1955)**

Cenário Político, Econômico e Social	Na Primeira República, a organização da educação brasileira influenciada pela filosofia positivista, que defendia uma educação laica, a ampliação de oferta da educação escolar pública e a substituição da educação clássica e literária pela científica; a abolição da escravidão gerou um problema social, na medida em que ex-escravos juntavam-se aos cegos, surdos, loucos órfãos, entre outros “desvalidos” (grifo do autor), que não encontrava meios para garantir a sua subsistência. Em 1909, o governo de Nilo Peçanha cria 19 Escolas de Aprendizes e Artífices, oficializando o estabelecimento da Rede Federal de Educação Profissional no país. A crise econômica de 1930 enfraqueceu politicamente as oligarquias cafeeiras, criando condições para a emergência da burguesia industrial, algum tempo depois.
Papel da Educação Profissional	Se, por um lado, o processo de desenvolvimento da indústria nacional ainda não demandava grande quantidade de trabalhadores qualificados, por encontrar-

	se ainda em fase embrionária; por outro lado, a Educação Profissional era vista como alternativa ao problema da ociosidade dos “desfavorecidos da fortuna”, que geravam altos índices de criminalidade e impediam o progresso do país.
Público alvo da educação Profissional	Pobres, portadores de necessidades especiais, ex-escravos, órfãos, doentes mentais, entre outros marginalizados pela sociedade da época.
Aproximação entre Educação Profissional e ensino propedêutico	Inexistente.

Fonte: (TAVARES, 2012)

No quadro acima, fica clara a associação da Educação Profissional com os desvalidos, os pobres, cegos, órfãos, ex-escravos etc. Neste período, a Educação Profissional era vista pela sociedade da época como instituição filantrópica ou de caridade (Fonseca, 1961 apud Tavares, 2012), atuando ainda como mecanismo social.

Com a reforma Gustavo Capanema de 1942, o ensino médio passou a se estruturar como curso no Brasil, com o ensino técnico agregado àquele nível educacional, articulado com o primário e o ensino superior. Esta articulação processou-se de forma gradativa, desde a fase em que os cursos técnicos não permitiam o acesso à Universidade, até a fase do reconhecimento de sua equivalência aos cursos secundários, ocorrida através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961. Foi nesse período que o atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí passou à categoria de Escola Industrial de Teresina, formando mão de obra para trabalhar na indústria metal-mecânica.

Nesse contexto, segundo Acássia Kuenzer (1997, p.13):

Em 1942, com a reforma CAPANEMA, e com a promulgação das Leis Orgânicas, extinguem-se os cursos complementares, que são substituídos por cursos médios de 2º ciclo, denominados genericamente de cursos colegiais, com a diferenciação de científico e clássico, com 3 anos de duração, sempre destinados a preparar os estudantes para o ingresso no curso superior; os cursos normal, agrotécnico, comercial técnico e industrial técnico, colocavam-se no mesmo nível. Esses, contudo, não asseguravam o acesso ao nível superior.

A autora lembra que a formação de trabalhadores e cidadãos no Brasil constitui-se historicamente a partir do que denomina “dualidade estrutural”, pois havia uma demarcação de trajetória educacional entre as elites e os trabalhadores. Kuenzer (1997) ainda afirma que:

Está marcada a separação em duas vertentes distintas para atender à demanda bem definida da divisão social e técnica do trabalho organizado e gerido pelo paradigma

taylorista/fordista como resposta ao crescente desenvolvimento industrial, e se complementa com a criação dos sistemas SENAI, em 1942, e SENAC, em 1946, pela iniciativa privada, como forma de atender às demandas de mão de obra qualificada (KUENZER, 1997, p.14).

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961, ocorre a articulação completa entre os cursos normal, agrotécnico, comercial técnico e industrial técnico, denominados profissionalizantes, e o secundário de 2º ciclo, para fins de acesso ao ensino superior. Nesse sentido, passou a coexistir um projeto pedagógico voltado para o ingresso no ensino superior, denominado de humanista clássico pela autora Acássia Kuenzer (1997) e outro voltado para os cursos profissionalizantes.

No entanto, Kuenzer (1997) afirma que essa diferenciação não altera a natureza do princípio educativo tradicional, que é a existência de dois diferentes projetos pedagógicos que atendem às demandas resultantes da divisão técnica e social do trabalho: formar trabalhadores instrumentais e intelectuais através de sistemas distintos.

**Quadro 6 – Síntese do período A teoria do Capital Humano e a expansão da Rede Federal de Educação Profissional (1956-1984).**

Cenário Político, Econômico e Social	Na 2ª República, a indústria nacional já se encontra consolidada e demandando trabalhadores dotados de maior qualificação. Neste período, ocorre a substituição do modelo agrário-exportador pelo nacional-desenvolvimentista, seguido no governo de Juscelino Kubitschek. Em 1964, tem início a Ditadura Militar, mantendo-se a articulação entre interesses do capital internacional e da elite política nacional. A elevação da escolaridade dos trabalhadores passa a ser determinante para o desenvolvimento industrial do país.
Papel da Educação Profissional	A chegada de uma parcela cada vez maior da população ao ensino secundário provoca uma forte pressão por parte destes estudantes pelo acesso ao Ensino Superior, em busca de ascensão social. O Ensino Profissionalizante, muito mais do que qualificar mão-de-obra para a indústria, atua como válvula de escape, aliviando a pressão exercida pela sociedade por vagas nas universidades. Na Ditadura Militar, a ampliação do acesso à universidade pela população representava o risco de se agravar o movimento de contestação ao regime político.
Público alvo da educação Profissional	Jovens trabalhadores que chegavam ao ensino secundário e almejavam o Ensino Superior.
Aproximação entre Educação	A Lei 4.024/61 representa a primeira tentativa de equivalência entre Ensino Técnico e ensino propedêutico,

Profissional e ensino propedêutico	<p>pois, a partir daí, os egressos do ensino secundário do ramo profissionalizante também poderiam acessar ao Ensino Superior. Contudo, um egresso de curso técnico poderia prestar exames apenas para cursos superiores relacionados à sua formação técnica, enquanto aqueles que cursavam o ensino propedêutico podiam escolher livremente qual carreira seguir.</p> <p>Mais tarde, sob o discurso de uma escola única para ricos e pobres, a Lei 5.692/71 tornou obrigatória a profissionalização dos estudantes do ensino secundário. Contudo, a falta de condições materiais para concretizar tal objetivo fez com que esta Lei ampliasse ainda mais as diferenças entre as escolas de ricos e pobres e a distância entre educação propedêutica e profissional. Enquanto as instituições de ensino que, antes desta Lei, já haviam se especializado na oferta de cursos técnicos conseguiram oferecer educação de qualidade, outras continuavam a ofertar ensino propedêutico disfarçado de profissionalizante. Mas a grande maioria não deu conta de atender a nenhum dos propósitos do ensino secundário, nem propedêutico, nem profissionalizante. Mesmo sem admitir formalmente o fracasso da Lei 5.692/71, o Estado resgata a possibilidade das escolas fazerem a opção entre a oferta de ensino propedêutico ou técnico-profissionalizante, por meio da Lei 7.044/82. Apesar de anunciada, a criação de uma escola única para todos, que unificasse educação propedêutica e profissional não se concretizou neste período.</p>
------------------------------------	---

Fonte: (TAVARES, 2012)

Em 1971, com a nova Lei de Diretrizes e Bases do Governo Militar, é implantada a obrigatoriedade da habilitação profissional para todos os alunos do ensino de 2º grau. O objetivo da nova LDB é proporcionar ao aluno a formação necessária e a qualificação para o mercado de trabalho. Assim, a educação direcionada para o trabalho passa a integrar o currículo escolar.

No ano seguinte, o Parecer 45/72, do Conselho Federal de Educação, incluiu a qualificação para o trabalho como objetivo geral do ensino de 1º e 2º graus. Essa opção tinha como justificativa o projeto de desenvolvimento do Brasil centrado em uma nova fase de industrialização que demandava mão de obra qualificada.

Essa tendência, conforme Frigotto (1995), segue para atender à perspectiva mercadológica então predominante, assinalando:

No período histórico referido e, predominantemente, nas décadas de 60 e 70, a educação no Brasil foi reduzida, pelo economicismo, a mero fator de produção — capital humano. Essa concepção de educação como fator

econômico vai constituir-se numa espécie de fetiche, um poder em si que, uma vez adquirido, independentemente das relações de força e de classe, é capaz de operar o milagre da equalização social, econômica e política entre indivíduos, grupos, classes e nações. (FRIGOTTO,1995, p. 18)

Sobre a conjuntura educacional no governo militar, Cunha (2002) relata que, com base nas metas programadas pelos pedagogos do referido regime, aos 14 anos de idade, os jovens brasileiros já deveriam ter oito anos de escolaridade. No entanto, aconteceu exatamente o contrário, pois em 1970, 14,3% dos jovens brasileiros na idade de 14 anos não sabiam ler e escrever. Segundo Cunha (2002), “esse panorama desolador é bastante para denunciar o fracasso da política educacional da ditadura”. Cunha (2002) acrescenta que:

Contrariando, então, as pessoas que conheciam o mundo da produção (fora dos quartéis e dos gabinetes do Conselho Federal de Educação), o governo enviou ao Congresso Nacional um projeto de lei (que veio a resultar na lei 5.692/71), tornando universal e compulsoriamente profissional o ensino de 2º grau. Acabavam com os cursos clássico e científico. Acabava, também, a especificidade das famosas escolas técnicas industriais e das escolas normais, pois seus cursos seriam, como os de todas as demais escolas de 2º grau, profissionalizantes, isto é, conferiam aos estudantes uma habilitação profissional como técnico ou auxiliar técnico (CUNHA, 2002, p. 65).

Conforme o autor, a intervenção do Estado vem com vistas a assegurar a formação de técnicos em quantidade suficiente para atender à demanda prometida pelo “milagre econômico”. Segundo Cunha, o que ocorria não era exatamente a falta de técnicos no mercado, mas a falta de emprego para engenheiros. Assim, esses profissionais se submetiam a ocupar as vagas que seriam destinadas aos técnicos, em função da competência demonstrada nos processos de seleção. Com o fim do regime militar e a consolidação do processo de redemocratização em 1985, foram retomados os debates em torno das mudanças de rumos para a educação brasileira, com vistas à criação de uma nova estrutura para o ensino de 2º Grau e para a Educação Profissional. Tais debates resultaram na elaboração do Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação, cujo projeto teve origem na Câmara dos Deputados em novembro de 1988 e sua aprovação final ocorreu em dezembro de 1996.

No decorrer desse período, a correlação de forças contraditórias da sociedade manifesta-se através de emendas e projetos anexados à proposta original e, até que o projeto fosse aprovado, cerca de 40 (quarenta) entidades e instituições foram ouvidas em audiências públicas e foram promovidos debates e seminários temáticos com especialistas convidados para discutir os pontos polêmicos da reforma educacional.

Em 1997, a Educação Profissional passa por nova reforma. O Decreto 2.208/97 estabelece que essa modalidade de educação venha a integrar as diferentes formas de educação e trabalho à ciência e à tecnologia, com o objetivo de atender o aluno matriculado ou o egresso do ensino básico, do nível superior, bem como os trabalhadores em geral.

Os incisos I, II e III do artigo 3º do Decreto 2.208/1997 tratam da estrutura da educação profissional, com os níveis: Básico, destinado à qualificação, requalificação e reprofissionalização de trabalhadores, independente de escolaridade prévia; Técnico, destinado à habilitação profissional para alunos egressos do ensino médio; Tecnológico, correspondente aos cursos de nível superior na área tecnológica, destinado aos alunos oriundos do ensino médio técnico.

Assim, a nova configuração da educação profissional, trazida pelo decreto 2.208/97, constitui, mais uma vez, um sistema paralelo de ensino que conserva a estrutura dualista e segmentada da educação profissional de 1942, permitindo apenas a articulação entre as outras modalidades de ensino.

Conforme Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), um dos princípios norteadores da política de educação profissionalizante integrada à educação básica foi a regulamentação dos cursos que, sob a vigência do Decreto n.º 2.208/97, foram abrigados sob o denominado “nível básico” da educação profissional. A oferta desses cursos, como parte da política de educação profissional do governo anterior do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso – FHC - objetivava atender a demandas por qualificação e requalificação profissional da população adulta de baixa escolaridade por intermédio de uma rede específica de cursos de curta duração, completamente dissociados da educação básica e de um plano de formação continuada.

Os mesmos autores, sobre a revogação do decreto 2208/97, ainda afirmam:

“[...] a opção por um novo decreto que revogasse o 2.208/97, em vez da simples regulamentação do Conselho Nacional de Educação dos artigos 36 e 39 a 42 da LDB, ou de uma lei específica para a educação profissional, teve entre outras razões, a consciência de que as forças conservadoras ocupariam espaço para fazerem valer seus interesses, tanto no Conselho Nacional de Educação quanto no Congresso.”

#### **Quadro 7 – Síntese do período Reforma do estado e estagnação da Rede Federal de Educação Profissional (1986-2002).**

Cenário Político, Econômico e Social	A década de 1980 ficou conhecida como a “década perdida”, devido à crise e à profunda estagnação econômica enfrentada pela América Latina neste período.
--------------------------------------	--

	<p>Segundo a lógica neoliberal, o Estado é o grande culpado pela crise mundial do capital. O desemprego e a inflação são os grandes desafios a serem enfrentados pelo Estado. A década de 1990 é marcada pela chamada Reforma do Estado, que se baseia no sucateamento e na posterior privatização de instituições estatais, bem como na terceirização de serviços públicos essenciais.</p> <p>Ao mesmo tempo, as transformações no mundo do trabalho e os avanços tecnológicos são as justificativas usadas para promover reformas educacionais profundas, quase sempre financiadas por organismos financeiros internacionais. A educação consolida-se como mais um setor empresarial, com destaque para a expansão do Ensino Superior privado.</p>
Papel da Educação Profissional	<p>Cabe à Educação Profissional formar o “trabalhador de novo tipo”, em sintonia com as novas formas de organização e gestão do trabalho e com os interesses do mercado. Contudo, transfere-se para o próprio trabalhador a responsabilidade pelo domínio das competências profissionais exigidas pelo mercado e, portanto, pela sua empregabilidade.</p>
Público alvo da Educação Profissional	<p>Jovens trabalhadores que tenham interesse em ingressar no mercado de trabalho imediatamente após a conclusão do curso técnico.</p> <p>Estudantes do Ensino Técnico e Tecnológico atentos às mudanças no mundo do trabalho e dispostos a atualizar seus conhecimentos, constantemente. Jovens e adultos que desejam manter elevado o seu nível de empregabilidade.</p>
Aproximação entre Educação Profissional e ensino propedêutico	<p>A estruturação do Ensino Técnico e Tecnológico em um sistema paralelo ao sistema regular reforça a dualidade estrutural.</p> <p>O Decreto 2.208/97 cria matrizes curriculares e matrículas distintas para o estudante que deseja formar-se técnico: uma no Ensino Médio e outra no Ensino Técnico, podendo ambos ocorrer em épocas ou instituições de ensino diferentes. O reforço na dualidade estrutural ocorre para atender a três objetivos básicos: a) evitar que Escolas Técnicas formem profissionais que sigam no Ensino Superior ao invés de ingressarem no mercado de trabalho, b) tornar os cursos técnicos mais baratos, tanto para a rede pública quanto para os empresários da Educação Profissional que desejam oferecer mensalidades a preços competitivos, e c) promover mudanças na estrutura dos cursos técnicos, de modo que os egressos possam ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho e que as instituições de ensino possam flexibilizar os currículos adaptando-se mais facilmente às demandas imediatas do mercado.</p>

Fonte: (TAVARES, 2012)

Com base nesse quadro, observa-se que, com a redemocratização do Brasil, na década de 1980, deu-se o início do processo de Reforma do Estado, sob forte influência da lógica neoliberal (Peroni, 2010, apud TAVARES, 2012). A expansão da educação ocorre prioritariamente na rede privada (Sguissardi, 2011, apud TAVARES, 2012), enquanto a rede pública passa por um processo estagnação, acompanhada pela terceirização de serviços e o pagamento de taxas em instituições de ensino públicas, além de algumas tentativas de privatização do ensino público. Na década de 1990, o governo Fernando Henrique Cardoso realiza mudanças profundas na legislação educacional que regulamenta o Ensino Profissionalizante, com objetivos claros de reduzir os gastos públicos e favorecer aos empresários do ramo de ensino da rede privada.

### 3.3.1 A retomada da Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2003-2010)

No início do século XXI, o Estado brasileiro assume uma postura mais progressista no campo da educação, tendo em vista a composição de um governo democrático-popular.

Algumas medidas adotadas seguem na contramão das políticas neoliberais do período anterior, com destaque para a retomada do investimento público nas instituições de ensino federais. Mas, a despeito da implantação de novas escolas técnicas e universidades federais pelo Brasil, a ampliação do atendimento continua ocorrendo predominantemente na rede privada (BRASIL/MEC/INEP, 2011).

Este período também é marcado pela profunda reformulação da Rede Federal. Além da implantação de novas unidades de ensino, a Lei 11.892/08 institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, ao mesmo tempo em que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), muitos dos quais são o resultado da mescla de Escolas Técnicas Federais pré-existentes, juntas passam a integrar uma única autarquia. Apesar de manterem, por força desta Lei, a oferta de Ensino Técnico-Profissionalizante, estas novas instituições passam a concorrer com as universidades federais na oferta de Ensino Superior público e gratuito. O diferencial em relação às universidades, segundo a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC, é a priorização da oferta de cursos

superiores de licenciatura (formação de professores) e cursos de bacharelado e de tecnologia em áreas consideradas estratégicas, do ponto de vista econômico.

**Quadro 8 – Síntese do período Retomada da expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica(2003-2010)**

Cenário Político, Econômico e Social	<p>O governo Lula, que foi sucedido pela Presidente Dilma Rousseff, foi marcado pelo grande volume de programas sociais voltados às camadas mais pobres da população. A conquista de relativa estabilidade econômica e a descoberta de grandes reservas de petróleo criaram a expectativa de crescimento da economia no médio e longo prazo. Apesar de pertencerem a um partido de esquerda, estes governos mantiveram a transferência de serviços essenciais à população, como educação, por exemplo, para a iniciativa privada.</p> <p>Se antes prevaleciam as privatizações, agora se estabelecem parcerias público-privadas, mediante o repasse de verbas públicas para que empresas privadas exerçam algumas das funções do Estado, como continua ocorrendo com o ProUni e passa a ocorrer com a criação do PRONATEC (BRASIL/MEC/PRONATEC, 2012). Extingue-se o dispositivo legal que proibia a instalação de novas Escolas Técnicas mantidas pela União e revoga-se o Decreto 2.208/97, o que motivou muitas instituições de ensino a retomarem a oferta de Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio. A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica passa por uma expansão e é reconfigurada a partir da criação dos Institutos Federais.</p> <p>Paralelamente, ocorre um processo de expansão das universidades federais. De acordo com dados da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, de 2003 a 2008, foram implantadas 12 novas universidades federais (ANDIFES, 2008).</p>
Papel da Educação Profissional	<p>Promover o desenvolvimento do país por meio da oferta à população de ensino, pesquisa e extensão, em sintonia com as demandas dos Arranjos Produtivos Locais. Formar professores para suprir a carência de profissionais habilitados enfrentada pela educação básica, sobretudo na área de Ciências. Formar técnicos, tecnólogos e engenheiros em áreas específicas, de modo a contribuir para o desenvolvimento de setores estratégicos da economia nacional.</p>
Público alvo da Educação Profissional	<p>Jovens e adultos da classe trabalhadora e parte da classe pequeno-burguesa ou classe média que historicamente não tiveram acesso à Educação Profissional e Superior públicas.</p>
Aproximação entre Educação	<p>Embora presente em suas diretrizes e concepções uma proposta de educação integral, que aproxime e integre</p>

Profissional e ensino propedêutico	conhecimentos gerais e específicos, o Estado realiza, contraditoriamente, mais uma bifurcação no sistema educacional brasileiro. Se, no ensino secundário, o estudante já se deparava com dois caminhos, o da preparação para o vestibular e o da profissionalização, parece que a criação de Institutos Federais ocasionou este mesmo processo no Ensino Superior. Não se sabe ainda, contudo, se estes dois caminhos se apresentarão como escolas diferentes para classes sociais distintas ou se futuramente serão instituições de ensino equivalentes e equiparadas em termos de condições de acesso pelos estudantes, qualidade do ensino e finalidade institucional.
------------------------------------	--

Fonte: (TAVARES, 2012)

O marco do governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva foi a revogação do Decreto 2.208/97 e, para regulamentar o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, foi editado o Decreto 5.154/04, que está em vigência e estabelece, no § 1º do art.4º, a articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio da seguinte forma (BRASIL, 2004):

Art. 4º, § 1º. A articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio dar-se-á de forma:

I - **integrada**, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno;

II - **concomitante**, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso, podendo ocorrer:

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; ou

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projetos pedagógicos unificados;

III - **subsequente**, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio. (Grifo nosso)

Essa articulação ocorreu no contexto da economia competitiva, da reestruturação produtiva e do ajuste à globalização, em resposta ao debate que ressurgiu sobre a função que seria desempenhada pela educação básica e pela formação profissional, pois existia um foco de tensão entre a formação para o mercado de trabalho, em que o trabalhador não necessitava

ter uma visão geral do processo, e a formação para o mundo do trabalho, que demandava do trabalhador uma visão ampliada, uma vez que a organização produtiva não mais era taylorista/fordista, e sim, integrada e flexível.

### 3.3.2 O Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2005-2020)

A retomada da expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica teve início com a derrubada de um dispositivo legal criado em 1994. A Lei 8.948/94, ao mesmo tempo em que constituía o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, paralelo ao sistema de ensino regular, transformava as antigas Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica – CEFETs, sob os mesmos moldes dos CEFETs de Minas Gerais, Rio do Janeiro e Paraná, que já existiam desde 1978. Tratamento diferenciado foi dirigido às Escolas Agrotécnicas Federais, que, apesar de integraram o mesmo sistema, passariam por esta transformação somente mediante a avaliação de desempenho a ser coordenada pelo Ministério da Educação e Desporto – MEC.

Mas o grande entrave que esta Lei representava à expansão da Rede Federal podia ser traduzido pelo § 5º do artigo 3º, em que se lia o seguinte conteúdo:

§ 5º A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, **somente** poderá ocorrer em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino (Grifo nosso).

As poucas unidades de ensino recém-criadas que iniciaram suas atividades no período de vigência desta Lei, tendo em vista que os prédios já se encontravam em condições de uso, mantiveram-se vinculadas a outras autarquias federais pré-existentes, sob a condição de Unidades de Ensino Descentralizadas - UNEDs, desprovidas de autonomia financeira, administrativa e pedagógica. Esta legislação, responsável pelo “congelamento” da Rede Federal vigorou até o ano de 2005, quando o governo Lula da Silva substituiu, através da Lei 11.195, o conteúdo do parágrafo citado pelo que segue:

§ 5º A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, ocorrerá, **preferencialmente**, em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino. (Grifo nosso).

Apesar de dar preferência ao estabelecimento de parcerias, inclusive com a iniciativa privada, na criação de novas unidades de ensino por parte da União, a Lei 11.195/05 é considerada um marco histórico pelo fato de possibilitar, legalmente, a retomada da expansão da Rede. Para dar conta deste desafio, o governo Lula lançou o Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, cuja operacionalização foi dividida em Fase I e Fase I, com um investimento previsto de R\$ 1,1 bilhão (BRASIL/MEC/SETEC, 2012). Tendo lançado o Plano de Expansão no final de seu primeiro mandato (2003-2006), este governo concentrou a maior parte das ações no segundo mandato (2007-2010), sem conseguir alcançar todas as metas previstas. Contudo, a eleição da Presidente Dilma Rousseff, em 2010, garantiu não só a conclusão das metas previstas para o período entre 2005 e 2010, mas também a sua continuidade através do lançamento da Fase III.

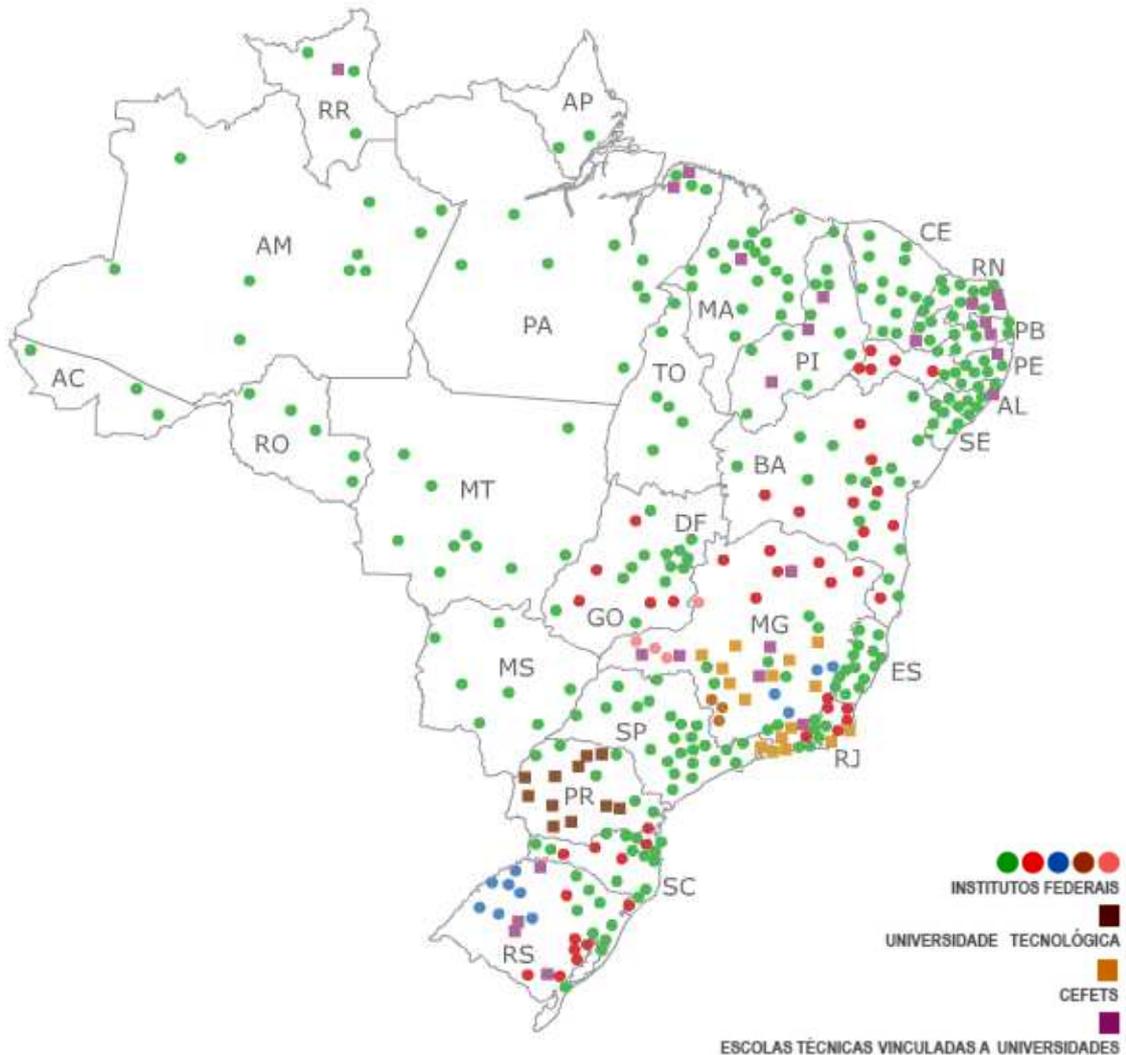
Se, em quase um século 1909 – 2002, o governo havia criado 140 instituições de ensino profissionalizante, o governo Lula se propõe a construir em menos de 10 anos mais de 200 escolas profissionalizantes.

**Quadro 9 - Periodização dos fatos que caracterizaram cada fase da expansão de Rede Federal.**

FASE I (2005-2006)	Criação de 64 novas unidades. 37 novas UNED'S – Unidades de Ensino Descentralizadas, vinculadas aos CEFET's, 9 novas autarquias, e 18 novas escolas que não pertenciam à Rede Federal.
FASE II (2007-2010)	Instalação de mais 150 novas unidades de ensino. Somando às 64 unidades criadas na fase I, contabilizava-se 214 novas unidades, que somadas as 140 já existentes, totalizavam 354 (MEC/SETE/C2010).
FASE III (2011-2020)	Implantação de 86 novos campi de Instituto Federal, dos quais 46 remanescentes da Fase II. Segundo este documento, o prazo para a implantação destes campi era dezembro de 2011. Segundo o site da SETEC, até 2014 serão 562 unidades, oportunizando 600 mil vagas em todo o Brasil.

Fonte: (BRASIL/MEC/SETEC, 2013)

Figura 1 – Mapa da Expansão da Rede Federal no Estado do Piauí até 2014.



Fonte: (BRASIL/MEC/SETEC, 2013)

Em 2008, o governo brasileiro instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Profissional e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, através da Lei nº 11.892, aprovada em 29 de dezembro de 2008. Assim, os 31 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), as 75 Unidades de Ensino Descentralizadas (UNEDs), as 39 Escolas Agrotécnicas, as 9 Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, deram origem aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Algumas

instituições não aderiram ao processo de transformação, sendo os CEFET's do Rio de Janeiro e Minas Gerais, a Universidade Tecnológica do Paraná, e 25 Escolas vinculadas à Rede, porém isso não impediu que fossem criados posteriormente, Institutos Federais nestes Estados. Sendo Minas Gerais o estado contemplado com o maior número de unidades, ou seja, cinco Institutos Federais.

Em agosto de 2011, dando continuidade à política de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, o governo da presidenta Dilma Rousseff lançou a terceira fase do Plano. Nesta fase, foram criadas mais 120 unidades em todo o Brasil, elevando o número para 474 unidades. Com outras novas escolas previstas para serem entregues até o final de 2014, serão 562 unidades que, em pleno funcionamento, gerarão 600 mil vagas. De acordo com Lopes (2010):

O saber técnico que tem sustentado o aparelhamento da sociedade e cada vez mais interferido diretamente nas formas de viver, de habitar, de produzir, de consumir, de trabalhar, de se comunicar, etc., tem, ao mesmo tempo, intensificada a sua dependência por parte dos indivíduos e coletividades. Dessa forma, percebe-se porque muitos países tem redesenhado seu modelo de desenvolvimento em função de uma maior articulação com uma matriz de desenvolvimento tecnológico e energético. O beneficiamento de matérias prima e a qualificação técnica e profissional têm sido a meta de muitos governos. No Brasil, mais recentemente, um grande aporte de recursos financeiros tem sido direcionado na criação e ampliação de vagas nas escolas técnicas de nível médio e superior. (LOPES, 2010, p. 19).

Concluindo, o conceito de vida produtiva proposto nas políticas governamentais voltadas para a educação profissional parece corroborar com a ideia de Vieira Pinto (2005), que pensou as condições objetivas de vida e trabalho do povo brasileiro e atribuiu a juventude um protagonismo essencial na procura pelo avesso do mundo em desenvolvimento. Pensava ele que os jovens poderiam renovar a ideia de “projeto nacional”, isso corrobora com a fase histórica pela qual passa não só o mundo, como o Brasil, numa busca de reconstrução nacional, visando descentralizar o ensino dos grandes centros para a periferia, interiorizando o ensino técnico profissionalizante. Confirmando o mérito dessa política de expansão no que tange à democratização do acesso ao Ensino Profissional e ao Ensino Superior, e principalmente ao avanço representado pela interiorização dos cursos e instituições de ensino que, via de regra, concentravam-se nas capitais e regiões litorâneas do país. No entender de Vieira Pinto (2005), a reconstrução nacional demanda um esforço considerável no sentido de oferecer para toda a juventude condições de manuseio de tecnologia cada vez mais elaborada.

### 3.4 O Instituto Federal do Piauí - IFPI

Em 1909, o Presidente Nilo Peçanha criou a Rede Nacional de Educação Profissional; entre as 19 instituições recém-criadas, a Escola de Aprendizes Artífices - EAAPI, localizada em Teresina-PI, situada inicialmente no bairro Pirajá. A EAAPI foi a primeira escola federal de ensino profissional implantada no Estado do Piauí. Posteriormente foi transferido para um velho casarão situado na Praça Pedro II, quando recebeu o nome de Liceu Industrial de Teresina em 1934.

A segunda denominação da EAAPI surgiu em 1937, na vigência do Estado Novo. As perspectivas para os avanços na área da indústria eram, naquele momento, o grande propulsor de incentivo à mudança para a transformação da escola primária para secundária, denominada, a partir de então, Liceu Industrial. No caso presente, Liceu Industrial do Piauí.

A Instituição continuou formando profissionais para o setor secundário da economia com forte ênfase na indústria metal-mecânica, na busca incessante de alcançar a tão almejada era da Revolução Industrial.

Em 1938, constituiu-se uma nova sede para a Escola, onde ainda hoje permanece, localizada na Praça da Liberdade e, em 1942, recebeu a denominação Escola Industrial de Teresina. Esse nome proveio da Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942, que dividiu as escolas da Rede em Industriais e Técnicas. As Escolas Industriais ficaram geralmente nos Estados menos industrializados e formaram operários conservando o ensino propedêutico do antigo ginásio. Legalmente, esse curso era chamado de Ginásio Industrial.

No ano de 1965, pela primeira vez, aparece na Rede, que, desde a sua criação, pertenceu ao Governo Federal, a sua marca, isto é, Escola Federal. Noutra formulação: pela primeira vez, o termo **federal** entrou na composição do nome das Escolas da Rede. Essa mudança também permitiu que a Instituição pudesse fundar cursos técnicos industriais, a exemplo das escolas que já eram “técnicas”. Seguindo esta mudança, recebe a denominação de Escola Industrial Federal.

A estrutura física e educacional continuou a mesma da denominação anterior e, em 1967, foram criados os primeiros cursos técnicos de nível médio, quais sejam: Edificações, Agrimensura, que se transformou em curso de Estradas e Eletromecânica, que se desmembrou nos cursos de Eletrônica, Eletrotécnica e Mecânica. Como consequência da criação destes primeiros cursos e do reconhecimento desses pelo Ministério da Educação, a Escola Industrial se torna Escola Técnica Federal do Piauí – ETFPI. Nesse período, houve

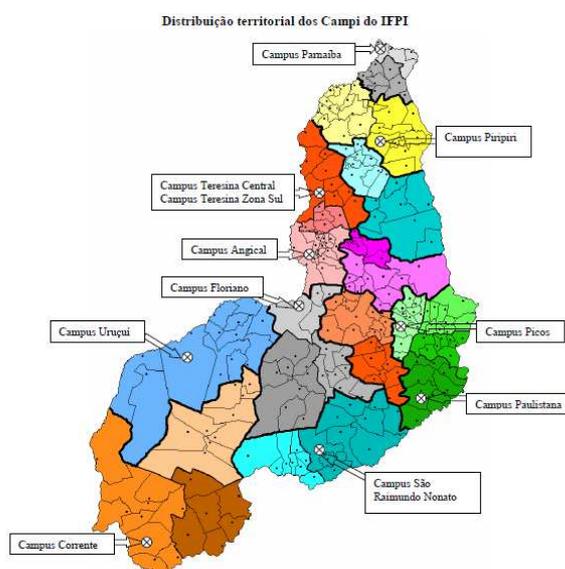
uma grande ampliação da estrutura geral da Escola. Os cursos técnicos, que eram noturnos, passaram a ser também diurnos. O Ginásio Industrial foi se extinguindo gradativamente a partir de 1967, uma série a cada ano.

Em 1994, foi autorizada a transformação em Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí, pela Lei nº 8.948/94, que se efetivou em 22 de março de 1999, com a assinatura do Decreto autorizativo pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

A partir de 2005, o CEFET-PI, atento à política do Ministério da Educação (MEC), tem buscado uma melhor qualificação profissional da comunidade do Piauí e região; desde 2006, tem ofertado cursos de Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio nas áreas de: Gestão, Construção Civil, Informática, Indústrias e Meio Ambiente, a partir de habilidades e competências individuais.

Para dar continuidade à formação de profissionais, em 2007, o CEFET-PI implantou um Programa de Pós-Graduação Lato Sensu. Todos os cursos de Pós-Graduação do CEFET-PI encontravam-se sob a responsabilidade de Especialistas, Mestres e Doutores das áreas de educação humanística e tecnológica, numa política de incentivo à qualificação. A partir de 2009, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI) adquiriu uma reorganização de sua estrutura para Instituto Federal através criação da lei 11892/2008, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Após a criação da referida lei, o Instituto passou a ofertar cursos de níveis: Técnico, Graduações, Licenciaturas e Pós-Graduações, centrando-se na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino.

Figura 2 – Distribuição territorial dos campi do IFPI



Fonte: MEC (2013)

### 3.4.1 O IFPI – Campus Teresina Zona Sul

O Campus Teresina Zona Sul teve início, em 2007 durante a FASE II da Expansão da Rede Federal de Educação do Piauí, com a cessão das instalações do Centro Tecnológico de Teresina, construído pela Prefeitura Municipal de Teresina, e doado ao Ministério da Educação, com a justificativa que a Prefeitura não possuía recursos para iniciar o funcionamento do Centro Tecnológico. A partir de fevereiro de 2008, a então Unidade de Ensino Descentralizada (UNED -TERESINA) entrou em funcionamento com a oferta de 280 vagas e o remanejamento de cerca de 426 alunos dos cursos de Edificações, Estradas e Saneamento, que funcionavam na Unidade Sede (Campus Teresina Central).

O primeiro ano letivo teve início em 11 de fevereiro de 2008, com a oferta dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (modalidades Integrada, Subsequente e Proeja) em Edificações, Estradas, Saneamento Ambiental, Gastronomia, Cozinha (Proeja) e Vestuário. Em 2009, foram ofertados mais dois novos cursos: Técnico em Cozinha e Técnico em Panificação (ambos na Modalidade Subsequente/Concomitante).

A estrutura administrativa em 2009 era formada por: 16 técnicos administrativos e 63 professores, sendo 41 professores da área Técnica - das disciplinas técnicas e 22 professores do Ensino Médio Integrado – disciplinas básicas (conforme Anexo E).

Os primeiros anos de funcionamento foram de tentativas de ampliação da infraestrutura do prédio, com projetos para construção de ginásio poliesportivo, consultório médico e odontológico, refeitório e biblioteca. Durante os anos 2010 e 2012, o Campus teve melhorias em sua infraestrutura: a construção da quadra poliesportiva, reformas dos consultórios médico e odontológico e Biblioteca. Como também concursos e remoções de servidores para completar o quadro de servidores do Campus, que, desde então, passou a ofertar vagas para além dos cursos técnicos; em 2011, teve início o curso de Tecnólogo em Gastronomia, e, em 2012, o Curso de Licenciatura em Informática, atendendo a uma recomendação do MEC, visto que o Campus deveria ser o antigo Centro Tecnológico de Teresina, ao qual o PROEP<sup>9</sup> havia destinado recursos para compra de acervo da área de Informática. Em 2013, o campus passa por eleição de Diretor e os alunos, professores e técnicos elegem para 4 anos de mandato, a pedagoga Francisca Assunção de Almeida Félix,

---

<sup>9</sup> O PROEP visou à implantação da reforma da educação profissional, especialmente no que dizia respeito às inovações introduzidas pela legislação, abrangendo aspectos técnico-pedagógicos e a expansão da rede de educação profissional no país. O programa contou com recursos da ordem de US\$ 312 milhões, sendo 50% financiado pelo BID e o restante de contrapartida brasileira, e teve o prazo até maio de 2007.

sendo a primeira servidora técnico administrativo eleita para o cargo de Diretora em toda história da Rede Federal de Educação Tecnológica. A nova gestão recebe o Campus com 44 servidores técnico-administrativos, 88 professores e 1.571 alunos matriculados nas diversas modalidades de Ensino do Campus, que, em 2013, são:

▪ Formação Profissional Inicial e Continuada de Trabalhadores:

Programas:

CERTIFIC: A Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada - Rede CERTIFIC<sup>10</sup> constitui-se como uma Política Pública de Educação Profissional e Tecnológica voltada para o atendimento de trabalhadores, jovens e adultos que buscam o reconhecimento e certificação de saberes adquiridos em processos formais e não formais de ensino-aprendizagem e formação inicial e continuada a ser obtido através de Programas Interinstitucionais de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada – Programas CERTIFIC. Cursos ofertados pelo Campus: Padeiro e Torneiro Mecânico.

MULHERES MIL: possibilita que mulheres moradoras de comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano, sem o pleno acesso aos serviços públicos básicos, ou integrantes dos Territórios da Cidadania, tenham uma formação educacional, profissional e tecnológica, que permita sua elevação de escolaridade, emancipação e acesso ao mundo do trabalho, por meio do estímulo ao empreendedorismo, às formas associativas solidárias e à empregabilidade. Cursos ofertados: Vestuário e Operador de microcomputador.

PRONATEC: O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal, em 2011, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica. Cursos ofertados: Auxiliar de Cozinha, Pizzaiolo, Auxiliar de Tesouraria, Costureiro Industrial do Vestuário.

---

<sup>10</sup> O trabalhador interessado em ter seus saberes profissionais reconhecidos formalmente pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Trabalho e Emprego deverá identificar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia ou Instituição Acreditada mais próximo que ofereça o Programa Interinstitucional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada – Programa CERTIFIC que contemple seu setor de atuação profissional (Ex. Construção Civil). Em seguida, o trabalhador deverá inscrever-se, mediante edital público, para participar do processo de reconhecimento de saberes e, se necessário for, de complementação de formação profissional através de Cursos de Formação Inicial e Continuada. Essas duas etapas ou apenas a primeira – reconhecimento de saberes – dará ao trabalhador o direito de receber memorial descritivo do conjunto avaliativo ao qual se submeteu, e, se este contemplou todos os quesitos previstos na profissão/ocupação a qual se inscreveu (Ex. Carpinteiro), o trabalhador terá sua Certificação Profissional.

- MODALIDADE TÉCNICO INTEGRADO AO MÉDIO:

CURSOS: Saneamento Ambiental, Edificações, Vestuário.

Duração: 4 anos (4.240 horas).

- MODALIDADE TÉCNICO CONCOMITANTE/ SUBSEQUENTE:

Cursos: Estradas, Vestuário, Panificação, Edificações, Cozinha.

Duração: 1 ano e meio (1.720 horas).

- GRADUAÇÃO

TECNÓLOGO EM GASTRONOMIA E LICENCIATURA EM INFORMÁTICA

Duração: 2 anos e meio (1.905 horas).

- PÓS-GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO EM ALIMENTOS E GASTRONOMIA

Duração: 400h/aulas.

- OUTROS PROGRAMAS:

ENSINO A DISTÂNCIA – EAD (E-TEC): objetiva ofertar cursos que proporcionem o acesso ao mundo do trabalho para jovens e adultos, inclusive para aqueles profissionais que trabalham, mas sentem falta de uma melhor qualificação para exercerem suas atividades.

PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica: é um programa nacional implantado pela CAPES em regime de colaboração com as Secretarias de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e com as Instituições de Ensino Superior (IES). O objetivo principal do programa é garantir que os professores em exercício na rede pública de educação básica obtenham a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, por meio da implantação de turmas especiais, exclusivas para os professores em exercício.

PIBIC: visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de IC é concedida diretamente às instituições; estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do

Programa. Os estudantes tornam-se bolsistas a partir da indicação dos orientadores.

Essa multiplicidade de cursos e programas, oriundos dos projetos governamentais no incremento da oferta de vagas à sociedade, é válido, porém, no que diz respeito à organização estrutural da instituição, se impõe um desafio gigantesco, retrato do projeto ambicioso do governo federal, para uma instituição que, em 5 anos, duplicou e ampliou seus cursos de maneira expressiva; esse aumento de modalidades é preocupante, com relação à biblioteca, setor onde deve ser disponibilizado os conteúdos voltados para os cursos; a procura é grande por materiais bibliográficos que, em alguns casos, ainda não existem no mercado editorial, por exemplo, o Campus ofertou em 2011 o curso de Torneiro Mecânico na modalidade CERTIFIC; a Coordenação do Eixo de Infraestrutura solicitou à biblioteca a aquisição de livros da área; após longa busca em editoras, não foram localizados materiais bibliográficos que tratassem especificamente do conteúdo voltados para o nível técnico; foi encontrado material bibliográfico sim, mas voltados para o ensino superior, e isso é uma rotina na aquisição de acervos para os IF's.

O que contribuiu para esse quadro hoje pode ter sido a antiga política de ensino das Escolas Técnicas que preparavam o aluno diretamente para o mercado de trabalho, não proporcionando a pesquisa científica no ensino técnico profissionalizante; perdeu-se com isso a oportunidade de muitos trabalhadores pesquisarem seu cotidiano e depois divulgarem seus resultados. O Ministério da Educação, através do documento base sobre a educação profissional de nível técnico integrado ao ensino médio, no item 3.4, traz a pesquisa como princípio educativo e articula o trabalho com a produção do conhecimento nos cursos técnicos integrados; com essa mudança na política de ensino, alguns institutos já começam criar Revistas Científicas e publicar o trabalhos dos alunos; no IFPI, esse processo deve iniciar em agosto de 2014, com o lançamento da Revista Somma, além de um repositório institucional denominado de Biblioteca Digital do IFPI, no qual a produção científica dos alunos ficarão disponíveis para consulta através do link no Portal do IFPI.

### 3.5 As bibliotecas no contexto da expansão do ensino tecnológico

Com a criação da lei 11.982/2008, os CEFET's se transformaram em Institutos Federais e, com eles, surge uma nova modalidade de biblioteca (MOUTINHO;LUSTOSA, 2010, p. 4); denominamos as bibliotecas dos Institutos Federais como Bibliotecas tecnológicas, porém, hoje, percebemos que uma melhor definição voltada para os tipos de usuários para quem essas bibliotecas prestam serviços, seria melhor denominada como bibliotecas multiníveis. Na literatura biblioteconômica, as bibliotecas são classificadas em: Públicas, Nacionais, Universitárias, Escolares e Especializadas; antes da criação dos Institutos, as bibliotecas dos Cefets se enquadravam na tipologia de bibliotecas escolares e especializadas pois forneciam material informacional aos alunos do ensino médio e técnico profissionalizante. Após a criação da lei 11.892/2008, essas bibliotecas se tornaram escolares, universitárias e especializadas, pois passou a ter demandas dos níveis: ensino médio, técnico, graduações e pós-graduações tecnológicas, programas como PIBIC, PARFOR, Mulheres Mil, Certific, entre outros. Com essa grande quantidade de cursos e modalidades, surge uma instituição ímpar em nosso país, uma instituição multinível e multimodal, sendo necessária uma classificação para o tipo de biblioteca que essa instituição possui, a que classificaremos como bibliotecas multiníveis, pois atende a usuários de vários níveis de ensino.

Durante muito tempo, essas instituições ofertaram cursos profissionalizantes e foram consideradas escolas: industrial, técnica, voltadas a formar profissionais para o trabalho. Diferentemente do que ocorre nas universidades, em que MEC, para autorizar/reconhecer os cursos dessa instituição, utiliza critérios de avaliação das bibliotecas e de seus serviços; nas bibliotecas das Escolas Técnicas, não havia essa exigência; sabemos que, no Brasil, a situação das bibliotecas escolares é precária. Não há profissionais qualificados; a maioria das bibliotecas serve de depósito para guarda de livros; na maior parte do tempo de funcionamento das escolas, elas permanecem fechadas.

Uma tentativa do governo brasileiro de mudar esse quadro foi a sanção da Lei nº12.244, de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas, que obriga todas as escolas do Brasil, públicas e privadas, a criar e manter em funcionamento, com profissional bibliotecário e um acervo mínimo de 1 livro para cada aluno matriculado, porém dá o prazo de 10 anos para a implementação dessas bibliotecas escolares em todo o país.

Uma biblioteca, seja escolar, universitária ou especializada, deve conter materiais informacionais de acordo com o público a que atende. As instituições de Ensino Técnico

Profissionalizante há menos de uma década passaram a ofertar curso de nível Superior; suas bibliotecas eram vistas como guardiãs do acervo patrimonial, não recebiam investimentos de infraestrutura e o acervo era adquirido por setores pedagógicos e de ensino, e não na Biblioteca, o que ocasionava diversos transtornos pois, na aquisição de acervos, o responsável deve no mínimo saber qual o acervo existente na biblioteca, correndo o risco de comprar materiais já existentes, em quantidade suficiente para atender à demanda das turmas. A consulta ao acervo não era mensurada e o que temos é uma instituição de 104 anos, mas que não tem memória histórica de sua biblioteca. Após a criação da Lei 11892/2008 e a expansão da Rede Federal, as bibliotecas dessas instituições aos poucos vão conquistando o status de fomentadoras do conhecimento. Pois a Lei 11.892/2008 (BRASIL,2010) permite aos IFs:

I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos; II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica; III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade; IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos; V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e VI - ministrar em **nível de educação superior**: a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia; b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional; c) cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento; d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e e) cursos de pós-graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica (Grifo nosso).

Isto insere, em suas bibliotecas, as demandas de ensino superior, e consequentemente essas bibliotecas serão avaliadas de acordo com o acervo e serviços que prestam à comunidade acadêmica, visando à autorização /reconhecimento dos cursos de nível superior.

É importante que os bibliotecários dessas instituições estejam atentos ao Instrumento de Avaliação/ Reconhecimento de cursos disponível no Site do SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior que, a partir de 2012, reformulou seus critérios incluindo o termo impresso/ virtual com relação à disponibilização de acervo (de livros e periódicos) pelas bibliotecas das instituições superiores.

Cabe ao bibliotecário reconhecer seu papel social (BECKER, 2013, p. 2) para construir esta nova identidade, de acordo com a missão institucional dos IF's. Mas também os dirigentes dessas Instituições precisam se atentar para o cumprimento dos critérios exigidos nos Instrumentos de Autorização/Reconhecimento.

A Internet possibilita a biblioteca expandir seus serviços; no caso dos Institutos Federais, avanços imensuráveis podem ser alcançados, visto que cerca de 500 bibliotecas com infraestrutura e orçamento anual garantido estão inseridas no processo de expansão dos IF's.

Acreditamos que este novo contexto de biblioteca requer novas competências ao bibliotecário, pois sua atuação irá definir a qualidade na prestação de serviços. Devendo o este abordar novas condutas gerenciais de melhorias para o enfrentamento da complexidade e multidiversidade do novo contexto tecnológico que se apresenta nos Institutos Federais. De acordo com Macedo (2005, p. 344), ter capacidade individual e coletiva de antecipar, desencadear, influenciar e direcionar os processos de mudança no âmbito das articulações: “ação-informação-conhecimento-tecnologias da informação e da comunicação” a serviços das novas práticas educativas, destinadas ao aprendizado ao longo da vida do aluno.

Os bibliotecários devem conhecer as limitações da instituição e procurar melhorar as condições de atendimento e serviços da biblioteca, resistindo às adversidades encontradas. Para tanto, deve se utilizar o planejamento como meio para prever as necessidades e assim inserir e se adequar ao plano de gestão da instituição (orçamento, pessoal e estrutura física).

A fim de atingir os objetivos, é necessário optar por um estudo de perfil de usuário da biblioteca multidisciplinar, na qual se encontram as bibliotecas multiníveis dos Institutos Federais: o ponto crítico deixa de ser quantos usam os serviços e com que frequência o faz (diagnósticos de estatísticas de uso na biblioteca) e passa a ser com quais propósitos os serviços são utilizados e se a biblioteca contribui para o seu crescimento enquanto

profissional. Dessa forma, os paradigmas atuais pressupõem pensar em termos de necessidades de informação e usos da informação, ou melhor, em termos de demandas de informação.

Tomando por base os preceitos de Brito e Vergueiro (2010, p. 2) que dizem:

pode haver algumas discrepâncias entre o que a biblioteca oferece e o que o cliente realmente necessita. Esse desencontro pode resultar tanto da falha da biblioteca em satisfazer as necessidades de seus clientes como de expectativas irreais destes. Torna-se necessário algum sistema no qual as necessidades dos usuários sejam ouvidas para contribuir para o aumento da qualidade das bibliotecas.

Le Coadic (2005) afirma que o objetivo final de um produto de informação deve ser pensado em termos dos usos dados à informação e dos efeitos resultante desses usos nas atividades dos usuários.

No contexto atual da emergência de tecnologias da informação, no qual a digitalização facilitou o acesso e a mobilidade dos conteúdos, está na moda dizer que isto (digital) matará aquilo (livro impresso); as bibliotecas e os profissionais da informação não podem se intimidar com as mudanças trazidas pelas tecnologias, não devem ter receio; é mais que importante, é essencial entender e se incluir nesse movimento que traz mais benefícios que perdas para os nossos alunos. Com as Tecnologias digitais, a biblioteca pode ampliar seus serviços e ser um ponto de acesso à Internet para aqueles que não o possuem.

A *Internet* possibilita para a biblioteca planejar e disponibilizar os seguintes serviços, que antes não eram possíveis:

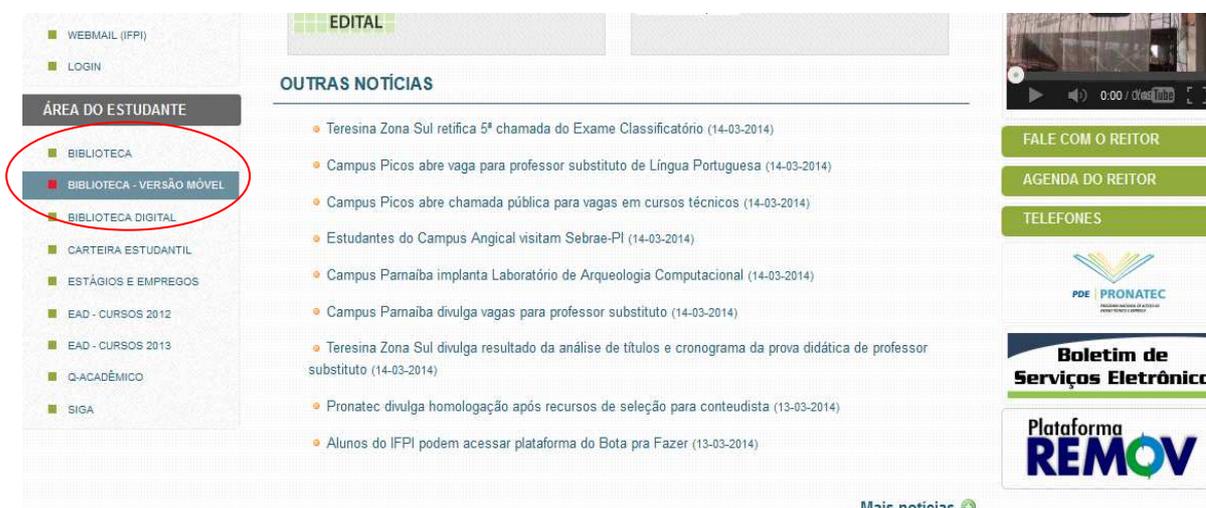
Ações prioritárias:

- Disponibilizar um sítio web e catálogo online, adaptado para acesso via dispositivos móveis;
- Recomendar aplicativos educacionais para computadores, laptops e dispositivos móveis;
- Assessorar sobre o uso da tecnologia pelos alunos;
- Adaptar documentos a formatos acessíveis;
- Serviços de referência online – canal aberto com o usuário para solução de dúvidas, entre outros, através das mídias sociais;
- Parcerias com os professores, possibilitando publicação de livros na internet por meio da autopublicação dos conteúdos produzidos pelos alunos;

- Atrair os alunos com postagens na página da biblioteca, que tenham a ver com a rotina dos alunos, como por exemplo, realizar concursos de fotografias e publicar as fotos dos alunos no *Facebook* da biblioteca ou *Instagram*, nas mídias sociais que a biblioteca utilizar.

Dos serviços acima descritos, a biblioteca do IFPI – Campus Teresina Zona Sul, desde 2012, possui acervo automatizado através do sistema de gerenciamento Pergamum e disponibiliza seu catálogo do acervo na *Internet*, com *link* para acesso via dispositivo móvel, visando facilitar a pesquisa e a renovação de livros para os alunos.

Figura 3 – Imagem da página do IFPI na Internet



Fonte: [www.ifpi.edu.br](http://www.ifpi.edu.br)

Na pesquisa do catálogo, é possível o aluno acessar diretamente o arquivo *online*; isto atualmente é possível, por motivo de muitas revistas disponibilizarem os artigos eletronicamente na Internet. Ao indexar uma revista na biblioteca, inserimos o arquivo no sistema, para que o aluno possa acessar de qualquer lugar em que estiver e, caso seja de seu interesse, baixar o arquivo e realizar a leitura no dispositivo que ele desejar, como também imprimir e ler analogicamente. Antigamente isso não era possível, as pessoas só poderiam encontrar tal conteúdo indo fisicamente na biblioteca; hoje, pode-se acessar conteúdo informacional disponíveis em bases de dados e revistas eletrônicas de instituições de todo o mundo.

Figura 4 – Imagem da consulta do catálogo da biblioteca

Pesquisa Geral Selecione outras Pesquisas ▾

Abrir mais opções de consulta

---

Termo Pesquisado: "vertices" Adicionar à Cesta: [Todos](#) | [Esta Página](#)

[Primeira Página](#) [Anterior](#) **1-20** [Próxima](#) [Última Página](#)

**Refinar sua busca**

**Unidade de Informação**

- Biblioteca Campus Angical(1)
- Biblioteca Campus Central(1)
- Biblioteca Campus Parnaíba(1)
- Biblioteca Campus Piripiri(1)
- Biblioteca Campus Teresina Zona Sul(1)

**Tipo de Obra**

- Artigos(149)
- Periódicos(1)

**Data de publicação**

- 2012(53)
- 2011(33)
- 2010(28)

Resultados "146" Cesta

1.  [A educação ambiental e o uso do solo-cimento / 2006 - \( Artigos \)](#)

CORDEIRO, Martha Eleonora Venâncio Mignot; CONCEIÇÃO, Patricia Marliuci da; LIMA, Thiago Vicente. A educação ambiental e o uso do solo-cimento. *Vértices*, Campos dos Goytacazes, v. 8, n.1/3, p. 36-54, jan./dez.2006.

**Vértices - ( Periódicos )**  
 VÉRTICES. Campos dos Goytacazes: Essentia,1997-. Quadrimestral. ndice acumulado. ISSN 1415-2843  
**Número de Chamada: P 370**

[Exemplares](#) | [Referência](#) | [Marc](#)

7444

---

2.  [Água de lastro e bioinvasão : introdução de espécies exóticas associada ao processo de mundialização / 2008 - \( Artigos \)](#)

SANTOS, Julio Gustavo Augusto da Silva; LAMONICA, Maurício Nunes. Água de lastro e bioinvasão: introdução de espécies exóticas associada ao processo de mundialização. *Vértices*, Campos dos Goytacazes, v.10, n.1/3, p.141-152, jan./dez. 2008.

**Vértices - ( Periódicos )**  
 VÉRTICES. Campos dos Goytacazes: Essentia,1997-. Quadrimestral. ndice acumulado. ISSN 1415-2843  
**Número de Chamada: P 370**

<sup>11</sup> Endereço do link de acesso ao catálogo da biblioteca:  
[http://sardes.ifpi.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024\\_1&tipo\\_pesquisa=&filtro\\_bibliotecas=&filtro\\_obras=&termo=&tipo\\_obra\\_selecionados=](http://sardes.ifpi.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&tipo_pesquisa=&filtro_bibliotecas=&filtro_obras=&termo=&tipo_obra_selecionados=)

## 4 PRÁTICAS DE LEITURA CONTEMPORÂNEA

### 4.1 Do papiro à nuvem

O homem sempre esteve preocupado em garantir que os seus sucessores conhecessem a história ou o pensamento de seus antepassados, seja pela via oral, seja pela escrita.

Com relação à cultura escrita, o que motivou sua criação foi o temor pela perda! Ela levou a buscas de textos ameaçados, à cópia dos livros mais preciosos, à impressão dos manuscritos, à edificação das grandes bibliotecas, às grandes bases de dados, e agora à nuvem.

A acumulação de informação tem como função dar conta do nosso medo de perder. Esse temor praticamente domina a nossa relação com o mundo. Todas as culturas buscaram guardar suas memórias e seus ensinamentos para as futuras gerações. A primeira tentativa de perpetuar o conhecimento foi pela via oral; nossos antepassados utilizavam da oratória para repassar o conhecimento às gerações futuras.

Santaella (2013, p.287) faz uma pequena descrição da história da escrita e da leitura no capítulo intitulado: literatura expandida. Segundo a autora, para gravar a escrita, os sumérios utilizaram tijolos de barro; os indianos folhas de palmeira; os maias e os astecas “valiam-se de uma matéria-prima encontrada entre a casca e a madeira das árvores, os “tonalamati”, enquanto os romanos faziam uso de tábuas de madeiras cobertas com cera.

A origem remota do papel remonta aos egípcios, que, 2.500 anos atrás, encontraram o papiro, extraído da medula da planta do mesmo nome, o suporte para a escrita hieroglífica.

Na Grécia, floresceu uma arte livresca bem organizada. A partir do século V a.C., comerciantes como o nome de “bibliopoli” formavam um grêmio independente com trabalhos abertos ao público. Além de serem pontos de venda, os locais eram pontos de encontro de eruditos que se reuniam para ouvir leituras em voz alta de livros.

A cultura europeia na era pré-Gutenberg era baseada na oralidade. Os textos sofriam alterações de acordo com os interesses de quem lia e repassava os conteúdos. Estes, por sua vez, sofriam novas modificações quando recontados. É o famoso “quem conta um conto, aumenta um ponto”. A substituição da leitura em voz alta pela silenciosa foi uma novidade para a formação do leitor moderno.

Além de permitir a comunicação sem testemunhas entre o livro e o leitor (MANGUEL apud SANTAELLA, 2004, p. 21), “a leitura silenciosa criou a possibilidade de ler mais rapidamente, e portanto, de ler mais textos complexos”.

Houve o surgimento de um diálogo íntimo entre leitor e texto. Michel de Certeau, observou uma libertação do leitor com relação à leitura silenciosa:

não é mais acompanhada, como antes, pelo rumor de uma articulação vocal, nem pelo movimento de manducação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou à meia voz é uma experiência ‘moderna’, desconhecida durante milênios. Antigamente, o leitor interiorizava o texto; ele fazia de sua voz o corpo do outro; ele era, ao mesmo tempo, autor. Hoje o texto não impõe o seu ritmo ao indivíduo, ele não se manifesta mais pela voz do leitor. Essa suspensão do emprego do corpo, condição de sua autonomia, equivale a um distanciamento do texto. Ela é o habeas-corpus do leitor. (apud CHARTIER, 1999, p. 23)

Essa individualização do leitor modifica para sempre sua relação com o texto. A velha “moral da história” foi substituída por diferentes morais, visto que cada um passou a interpretar o que lia à sua maneira, de acordo com a sua leitura de mundo (Chartier, 1999, p. 22); da relação entre texto impresso e leitura, surge uma terceira figura quando um texto, estável na sua leitura e fixo em sua forma, é apreendido por novos leitores que o leem diferentemente de seus predecessores.

Inicialmente presente somente entre os nobres, o livro aos poucos, foi se popularizando. O acesso das camadas populares aos textos começou a se fazer presente com o aumento da circulação dos livros escritos em línguas vernáculas. Valentin Jamerey-Duval, expulso de casa pela miséria da família aos treze anos, um camponês não escolarizado do século XVIII, tornou-se, aos vinte e cinco anos, professor de História e de Antiguidades na academia de Lunèville, no ducado de Lorena. Autodidata, a trajetória de Jamerey-Duval é um exemplo da popularização do livro e do novo leitor que se formou na Europa — com possibilidade de crescimento social pela leitura.

A possibilidade técnica inaugurada pelo códex permitiu ao leitor uma postura, conforme salienta Santaella (2004, p. 20), mais contemplativa, expressa na gestão do ato de ler comandada pela fruição sem pressa e pela informação disponível ao alcance das mãos.

O advento da prensa *Gutenberguiana* e a conseqüente sofisticação dos meios de reprodução da informação impuseram um novo ritmo aos processos de leitura, e o leitor foi

acossado pelo tempo e pela fragmentação das informações. O esquecimento instaurou-se e os registros da memória, tornaram-se, cada vez mais, imprescindíveis.

A substituição do livro em rolo (volumen) pelo livro em cadernos (cordex) nos primeiros séculos da era cristã foi a mais importante, outras foram também ocorreram, mais discretas, modificando os dispositivos visuais da página impressa entre o século XVI e XVIII. O que resultou em uma mudança em larga escala, tanto das competências quanto dos modos de leitura.

#### 4.1.1 Os leitores dos livros azuis, da Biblioteca Azul

Os livros azuis da biblioteca blue apontam para a importância de um movimento que tinha o objetivo de levar textos impressos às camadas mais populares da sociedade. Esse processo não foi simples, mas teve a Biblioteca Azul como um dos principais impulsos. Os livros deveriam chegar a todas as camadas da sociedade, ampliando o público de leitores, em um período em que somente às elites cabiam os livros. Mas, como dar às massas condições de conhecerem e interpretarem textos? Um processo de adaptação foi operado no texto de obras apropriadas pela Biblioteca Azul, reescritos em uma matriz cultural diferente daquela de seus destinatários originais. Com isso, diversas vezes era grande a distância entre a primeira publicação do material e sua entrada na Biblioteca Azul.

Brochuras normalmente encapadas em papel (nem sempre azul) e com um custo de produção de menos de um centavo por exemplar (o preço de revenda era maior, mas ainda acessível), os livros azuis se tornaram progressivamente, entre 1660 e 1780, um elemento particular da cultura camponesa. Textos de ficção cômica, conhecimentos úteis e exercícios de devoção agradaram de forma imediata às camadas popular e rural. A Biblioteca Azul constitui-se de um acervo que buscava o leitor — ia até ele e isso foi um ponto importante para seu sucesso: as distâncias entre livro e leitor foram encurtadas pelos mascates. Não era mais preciso ir às cidades para ler. A leitura chegou ao campo.

Publicados por editores como Oudot ou seu rival Garnier, a prática era buscar entre os textos já editados aqueles que se julgavam como os mais adequados ao grande público.

Não podemos deixar de mencionar que a livraria ambulante não era dedicada apenas às obras antigas; havia uma busca pela novidade, por títulos da moda — resultando daí a diversidade do repertório de Troyes — textos que podiam ser comprados por um vasto

número de leitores, em resposta a uma expectativa partilhada, seja da ordem da devoção, da utilidade ou do imaginário.

O catálogo dos textos transformados em livros azuis não era deixado ao acaso. Tratavam da vida de Santos, de contos de fadas, romances de cavalaria, receitas culinárias, aprendizado, discursos sobre as mulheres etc. Eram ligados ao cotidiano e obedeciam a certas estruturas ou narrativas que empregam temas comuns. Mais do que os temas, o parentesco das estruturas textuais explica a escolha dos impressores, pois deviam estar em sintonia com as competências culturais do público alvo.

A Biblioteca Azul visava a uma prática de leitura diferente da elite erudita ou daqueles já familiarizados com o livro. Seus leitores eram numerosos e cambiantes. O pré-conhecimento das narrativas ou qualquer outro conteúdo era utilizado para a compreensão dos textos. Assim, a leitura do catálogo azul caracteriza-se mais como uma modalidade de reconhecimento do que uma leitura de descoberta, como se pode ver nas memórias de Jamerey-Duval: “Era um daqueles livros que formam o que se chama na França biblioteca azul e que tinha por título a *Vida de Jesus Cristo com a de Judas Iscariotes*, impressa em Troyes na Champagne (...) Os habitantes do campo o sabiam de cor e o punham nas mãos de seus filhos para aprender a ler” (Chartier, 2004, p. 282).

O desejo de possuir este objeto mudou a Europa e a entrada dele no campo criou um novo homem, capaz de ler e interpretar o mundo a partir de sua própria realidade. Um homem cujas experiências lhe dariam poder e liberdade. No nosso entender, os caminhos percorridos pelos livros da biblioteca blue trataram de inserir aqueles que não tinham acesso à leitura. As pessoas são diferentes, têm formas diferentes de leitura, conforme o nível intelectual em que se encontram. Concordamos com Rousseau quando ele afirma: “Todos os métodos de aprendizagem da leitura são bons, os extraescolares e os escolares”. Essas mudanças de práticas de leituras estavam preparando o terreno para o que estava por vir. Afinal, essas foram as práticas do século XVIII, no século XIX, após a II Grande Guerra Mundial o mundo assistiu a muitas evoluções científicas e tecnológicas, graças à capacidade de obtenção do conhecimento pelo ser humano.

#### **4.2 A leitura na cultura digital**

Para iniciarmos esse capítulo, no qual iremos tratar dos tipos de leitores que vêm se construindo no decorrer da história, estudados e sistematizados por Santaella (2004), os que

nos diz muito sobre o que é a leitura contemporânea; antes de descrevermos os perfis de leitores que Santaella observou em duas pesquisas, é importante conceituarmos e entender a Informação. Segundo Le Coadic (2004):

A informação é um conhecimento<sup>12</sup> inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte.

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

Seja qual for a necessidade de informação, seja pelo simples prazer de conhecer (Freud), de estar informado sobre os acontecimentos políticos, os progressos da ciência e da tecnologia, ou pelo prazer menos simples de estar a par dos últimos temas e resultados de pesquisas (fatos, teoria, hipóteses, etc.), de acompanhar a vanguarda do conhecimento científico, o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento, e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura.

Propiciada, entre outros fatores, pelas mídias digitais, a revolução tecnológica que estamos atravessando é psíquica, cultural e socialmente muito mais profunda do que foi a invenção do alfabeto, do que foi também a revolução provocada pela invenção de Gutenberg. É ainda muito mais profunda do que foi a explosão da cultura de massas, com os seus meios técnicos mecânico-eletrônicos de produção e transmissão de mensagens (SANTAELLA, 2005, p. 389).

A base dessa revolução em torno da informação está no processo digital. Via digitalização, quaisquer fontes de informação pode ser homogeneizada em cadeias sequenciais de 0 e 1. Essas cadeias são chamadas *bits*. Um bit não tem cor, tamanho ou peso, e é capaz de viajar a velocidade da luz. É o menor elemento atômico no DNA da informação. Os bits sempre foram partículas subjacentes à computação digital, mas ao longo das duas últimas décadas, o vocabulário binário foi expandido, para incluir bem mais do que apenas números e mesmo letras. Diferentes tipos de informação, como áudio e vídeo, passaram a se

---

<sup>12</sup> Um conhecimento (um saber) é o resultado do ato de conhecer, ato pelo qual o espírito apreende um objeto. Conhecer é ser capaz de formar a ideia de alguma coisa; é tê-la presente no espírito. Isso pode ir da simples identificação (conhecimento comum) à compreensão exata e completa dos objetos (conhecimento científico). O saber designa um conjunto articulado e organizado de conhecimentos a partir do qual uma ciência - um sistema de relações formais e experimentais - poderá originar-se (LE COADIC, 2004, p. 4).

digitalizados, e reduzidos a uns e zeros. Isso possibilitou a universalização da linguagem, seja sonora, visual ou verbal.

Além disso, a digitalização possui outros dois méritos. Segundo Santaella (2005, p.389), permite compressão dos dados, fenômeno que possibilita de maneira cada vez menos onerosa, estocar e fazer circular uma grande quantidade de informação; de outro lado, a independência da informação digital em relação ao meio de transporte. Sua qualidade permanece inalterada seja ela transmitida via fio de telefone, onda de rádio, satélite de televisão, cabo de fibra ótica etc. Tendo sua base na digitalização, os fatores de aceleração da co-evolução entre o homem e as máquinas destinadas ao tratamento da informação têm sido a hibridização das tecnologias e a convergência das mídias.

Para Santella (2005, p. 390), trata-se do nascimento de uma nova linguagem, a hipermídia. Ela explica que, antes da era digital, os suportes estavam separados por serem incompatíveis: o desenho, a pintura e a gravura nas telas, o texto e as imagens gráficas do papel, a fotografia e o filme de película química, o som e o vídeo em fita magnética. Depois de passarem pela digitalização, todos esses campos tradicionais de produção de linguagem e processos de comunicação humanos juntaram-se na constituição da hipermídia.

Para essa linguagem, convergiram o texto escrito (livros, periódicos científicos, jornais, revistas), o audiovisual (televisão, vídeo, cinema) e a informática (computadores e programas informáticos). Aliada às telecomunicações (telefone, satélite, cabo) das redes eletrônicas, a tecnologia da informação digital conduziu à disseminação da Internet que resultou da associação de dois conceitos básicos, o de servidores da informação com o de hipertexto. O usuário pode navegar de um texto a outro, bastando para isso um simples gesto, alguns dispositivos viram a página de um livro eletrônico com um simples movimento ocular (SANTAELLA, 2013).

A hipermídia trata-se de fato de uma linguagem revolucionária, um novo tipo de meio e ambiente da informação no qual ler, perceber, escrever, pensar e sentir adquirem características inéditas, digo linguagem revolucionária, porque diferentemente da imprensa criada por Gutenberg que mecanizou a produção de livros, permite um novo modo de leitura, possibilita não somente ler jornais, como também tecer comentários, não só ler livros eletrônicos, como compartilhá-lo com os amigos, não só assistir ao programa favorito na TV, como também assistir a qualquer momento conectado na Internet, ou baixar para assistir off-line em um dispositivo eletrônico, além de permitir que eu, você, nós, qualquer pessoa grave um vídeo e faça um canal e divulgar para o mundo. A hipermídia é inovadora e suas possibilidades são imensas, antes dela, os livros eram transformados em filmes, para serem

facilmente disseminados para a população; com a digitalização dos meios, já vemos canais de vídeos produzirem livros de seus vídeos. Tudo é possível com os meios digitais.

As possibilidades de leitura não se restringem atualmente ao texto; de acordo com Santaella (2013, p. 266), a multiplicidade de leitura vem aumentando historicamente. E essa multiplicidade reflete em seus leitores: há o leitor das imagens, do desenho, pintura, gravura, fotografia, o de jornal, revista, há ainda o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Existem sistemas que, em uma planilha com números de dados, descrevem o funcionamento de toda uma empresa, portanto há os leitores da miríade de signos, símbolos, sinais em que se converteu a cidade. Toda essa variedade de leitores resulta do fato de que, desde os livros ilustrados e, depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre palavra e imagem, entre texto, foto, e a legenda, entre o tamanho de tipos gráficos e o desenho da página. Santaella (2004) estuda o perfil cognitivo do leitor, os tipos de leitores que foram se delineando na história até o contexto atual, vejamos quais são esses leitores.

- **O leitor contemplativo**

É o leitor meditativo da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. O perfil deste leitor pressupõe a prática, que se tornou dominante a partir do século XVI, da leitura individual, solitária, silenciosa. Ela implica a relação íntima entre o leitor e o livro, a leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado, que tem, na biblioteca, o seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de divertimento mundano. É um leitor de uma leitura essencialmente contemplativa.

- **O leitor movente**

É o leitor filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão. É o leitor do mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. Esse leitor nasceu também com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema e manteve suas características básicas quando se deu o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes, cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais, o leitor apressado de linguagens

efêmeras, híbridas, misturadas. É o leitor da cidade, de setas, sinais, diagramas. Santaella (2004) explica que o leitor contemplativo, aprender assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, de direções, traços, cores, leitor de luzes que se acendem e apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo. A rapidez do mundo cinematográfico e sua fragmentação audiovisual de alto impacto constituíram um paralelo aos choques e intensidades da vida moderna. Esbarrando em signos por toda parte, esse leitor aprendeu a transitar entre linguagens, passando da imagem ao verbo, do som à imagem, com familiaridade imperceptível. Isso se acentua com o advento da televisão: imagens, ruído, falas, movimentos e ritmos na tela se confundem e se mesclam com situações vividas. Assim, enquanto a cultura do livro tende a desenvolver o pensamento lógico, analítico e sequencial, a exposição constante a conteúdos audiovisuais conduz ao pensamento associativo, intuitivo e sintético.

Santaella (2004) afirma que esse perfil de leitor preparou a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo, que navega entre nós e conexões de *hiperlinks* nos espaços informacionais da Internet. Foram as mudanças na estrutura da sensorialidade, na aceleração da percepção, no ritmo da atenção, flutuando entre a distração e a intensidade da penetração no instante perceptivo, que foram trazidas pelo leitor movente, ficaria difícil compreender o perfil do leitor imersivo que surgiu nos processos de navegação no ciberespaço; esse leitor que busca, encontra, relaciona, associa e compara fragmentos de informação com uma velocidade inusitada, compondo e interpretando uma mensagem intersemiótica<sup>13</sup> composta de elementos sonoros, visuais e textuais.

- **O leitor imersivo**

Este leitor inaugura um modo de ler que implica habilidades muito diferentes daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso que segue as sequências de um texto virando páginas, manuseando volumes. São habilidades também distintas daquelas

---

<sup>13</sup> Termo utilizado por Santaella (2013) retirado da obra *Intersemiótica* de Julio Plaza. Significa a transcrição de formas de linguagem. Implica saber penetrar nas entranhas dos diferentes sistemas sógnicos, buscando minuciosamente iluminar os procedimentos que regem a tradução da literatura para o filme, da pintura para o vídeo, da poesia para a música, desta para a animação computacional etc. Julio Plaza determinou três modos de aproximação das formas de linguagem imprescindíveis para operações tradutoras: a captação da norma na forma, como regra ou lei estruturante (código incorporado); a captação da interação dos sentidos humanos no nível de intracódigo (modo de formar com os sentidos humanos) e a captação da forma como se apresenta a percepção, como simultaneidade qualitativa.

empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, televisão. Antes de tudo, esse leitor pratica pelo menos quatro estratégias de navegação:

- a) Escanear a tela, cobrindo uma larga superfície não linear, sem profundidade de campo.
- b) Navegar, seguindo pistas até que o alvo seja encontrado.
- c) Buscar, ou seja, esforçar-se para encontrar o alvo preciso.
- d) Explorar em profundidade, chegar até ao nível da informação mais especializada (CANTER et al, 1985, p. 93-102 apud SANTAELLA, 2013, P. 271).

É imersivo porque, no espaço informacional, perambula e se detém em telas e programas de leitura, num universo de signos evanescentes e disponíveis. Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se através de nós e nexos, seguindo roteiros multilíneares, multissequenciais e labirínticos, que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que transitam entre textos, imagens, documentação, músicas, vídeos etc. Através de saltos que vão de um fragmento a outro, esse leitor é livre para estabelecer sozinho a ordem informacional, pois, no lugar de um volume encadernado onde as páginas se apresentam em uma ordenação associativa que só pode ser estabelecida no e através do ato de leitura, há uma série de possibilidades de leitura.

Lúcia Santaella chama atenção para o fato de que o surgimento de um tipo de leitor não leva o anterior ao desaparecimento: eles coexistem e se completam, a pesquisadora traçou esses 3 perfis há dez anos, por conta das transformações por que tem passado a cultura digital, numa acelerada de causar espanto, devido à chegada dos dispositivos móveis, resultou no surgimento de um novo tipo de leitor, que Santaella (2013) batizou de leitor ubíquo<sup>14</sup>.

Antes dos equipamentos móveis, nossa conexão às redes dependia de uma interface fixa, os computadores de mesa. Enquanto que as redes digitais, por sua própria natureza, são sempre móveis; a entrada nas redes implicava que o usuário estivesse na frente do computador. Agora, ao carregar consigo um dispositivo móvel, a mobilidade se torna dupla: mobilidade informacional e mobilidade física do usuário. Para navegar de um ponto a outro das redes informacionais, nas quais se entra e sai para múltiplos destinos, Youtube, Facebook, Twitter, Foursquare, sites, blogs etc., o usuário também pode estar em movimento. O acesso passou a se dar em qualquer momento e em qualquer lugar, Acessar e enviar

---

<sup>14</sup> Tecnologicamente, a ubiquidade pode ser definida como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e a qualquer lugar via aparelhos eletronicamente espalhados pelo meio ambiente. Idealmente a conectividade é mantida independente do movimento ou da localização da entidade.

informações, transitar entre elas, conectar-se com as pessoas, coordenar ações grupais e sociais em tempo real tornaram-se uma atividade cotidiana. Assim, o ciberespaço digital fundiu-se de modo indissolúvel com o espaço físico. A popularização das mídias sociais no ciberespaço não seria possível sem as facilidades que os equipamentos móveis trouxeram; uma mídia é social porque necessita continuamente estar sendo alimentada de informações de seus usuários; ao ter disponível um artefato digital móvel que permite tirar fotos e enviar instantaneamente para o seu *Instagram*, *Facebook* e outras mídias, está se mantendo um fluxo que é vital para elas; caso esse fluxo pare, a mídia social perderá o seu sentido.

- **O leitor ubíquo**

Ao traçar o perfil deste leitor, Santaella (2013) define o adjetivo “ubíquo” como sendo a união da computação móvel com a computação pervasiva, a primeira é quando um dispositivo de computacional e os serviços que ele providencia podem ser transportados, mantendo sua conexão na Internet; o segundo se refere à distribuição de meios computacionais pelos ambientes e objetos. Dotados de sensores, os computadores seriam capazes de detectar e extrair dados e variações do ambiente, gerando automaticamente modelos computacionais que controlam, configuram e ajustam aplicações conforme as necessidades dos usuários e dos demais dispositivos. Santos (2009, apud SANTAELLA, p. 278) prefere unificar esses tipos de computação sob o nome de ubíqua. O importante é perceber que a ubiquidade se refere principalmente a sistemas operacionais de pequeno porte, que se fazem presentes nos ambientes e podem ser transportados de um lugar a outro.

É a ideia de estar sempre presente em qualquer tempo e lugar que caracteriza o leitor ubíquo, uma nova condição de leitura e cognição, que, segundo Santaella (2013, p.278), traz desafios para a educação. Por conta do curto período, o leitor ubíquo herdou do leitor movente a capacidade de ler e transitar entre formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se acendem e se apagam, pistas, mapas, enfim, esse leitor cujo organismo mudou de marcha sincronizando – se ao nomadismo próprio da aceleração e do burburinho do mundo no qual circulamos em carros, transportes coletivos e apressadamente a pé. Ao tempo em que está em um local fisicamente, pode estar virtualmente em outro, o bate-papo, a leitura online deixa de ser feita somente em frente à tela do computador; ao usuário é permitido levar 30, 50 ou mais livros no dispositivo móvel e ler quando lhe der vontade; as informações do mundo são lidas antes de sair no Jornal Nacional; em um só dispositivo, é permitido ler, ouvir música, assistir a vídeos, acessar jogos, enfim, o

leitor ubíquo é de todos os leitores o mais privilegiado pela oportunidade de acesso e disponibilidade de conteúdo.

Ainda é preciso fazer uma última distinção entre o que seria leitura online e off-line. Como vimos nos 4 (quatro) perfis de leitores delineados pela pesquisa de Lúcia Santaella (2013), fica claro: o leitor da web não lê da mesma forma que o leitor de impressos. A leitura online é a leitura na hipermídia, é a leitura conectada. Ao acessar páginas na web e clicar em links, o leitor vai construindo seu itinerário de leitura; é uma leitura garimpada e que vai se conectando aos nós conforme o interesse do navegador. A leitura off-line é a leitura de livros impressos, livros em formato PDF, que, em algum momento, o aluno conectou na Internet e fez o download para sua máquina a fim de ler posteriormente. A leitura de off-line é aquela que, para ter acesso à leitura, não precisamos necessariamente estar conectados.

O fato de estar ou não conectado ressalta uma diferença fundamental em relação ao perfil do leitor e esclarece que não é possível pensar esses perfis de leitores de forma absoluta, já que estar ou não conectado é condição para diferentes posturas do leitor diante de um dispositivo. É assim que o digital e a conectividade são campos de possibilidade de manifestação de diferentes perfis por uma mesma pessoa, novamente afirmando o fato de que não há perfis ou práticas de leitura que se excluem, mas sim que se manifestam em diferentes contextos e momentos.

Portanto, percebe-se que o leitor contemporâneo é aquele que vem acumulando as habilidades cognitivas específicas requisitadas em diversas modalidades de leitura que o mundo atual contempla, porém há um risco do leitor contemporâneo nunca mobilizar a leitura contemplativa, sedo assim, concordamos com Santaella (2013) ao apontar que o grande desafio da educação hoje, em todos os níveis, dos elementares aos pós-graduados, é o da criação de estratégias de integração dos quatro tipos de leitores: contemplativo, movente, imersivo e ubíquo, ou seja, estratégias de complementação e não de substituição de um leitor pelo outro.

## **5 DETECTANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE**

### **5.1 Práticas de leitura no contexto da Educação Tecnológica do IFPI – Campus Teresina Zona Sul**

Este capítulo tem por objetivo apresentar resultados obtidos mediante a pesquisa realizada com os alunos do curso Técnico Integrado do IFPI – CTZS, no período de agosto a dezembro de 2013, com vistas a conhecer as práticas de leitura dos alunos, buscando conhecer quais as estratégias de leitura por eles utilizadas, qual o perfil leitor do aluno, para compreender o papel da biblioteca na formação oportunizada aos alunos por meio do curso referido. Primeiramente apresentamos o resultado da aplicação do questionário, a fim de obter um panorama do perfil dos alunos dos cursos técnico integrado; após a tabulação das respostas, foi realizada a seleção dos alunos que concordaram em ser entrevistados e que mais se enquadraram no perfil de leitor contemporâneo, ou seja, aqueles que acessam diariamente à Internet, realizam pesquisas em sites de busca; após as entrevistas, foi agendado um momento de observação com os alunos para analisar as leituras que os alunos fazem na web. Dos 100 questionários aplicados, os alunos dos cursos técnicos integrados retornaram 70 deles, sendo deste quantitativo, 36 alunos assinalaram que gostariam de contribuir com a pesquisa caso fossem convidados para a entrevista em grupo.

### **5.2 O Curso Técnico Integrado no IFPI – Campus Teresina Zona Sul**

O curso técnico profissionalizante na modalidade integrado foi implantado, no CTZS, com o seu primeiro ano letivo, no primeiro semestre de 2008, com os Cursos de Edificações, Saneamento Ambiental, Gastronomia e Vestuário. Ao público foram ofertadas, inicialmente, 280 vagas, ocorrendo a entrada de duas turmas por ano, no turno vespertino. (PPC, 2009). Sendo 40 vagas ofertadas por turma no exame classificatório 2008.1.

A partir da segunda turma, foi reduzido o número de turmas ofertadas, como consta no PPC, para uma turma por ano para cada curso, com 40 alunos; isso devido à infraestrutura dos laboratórios não estarem se adequando para um maior número de alunos.

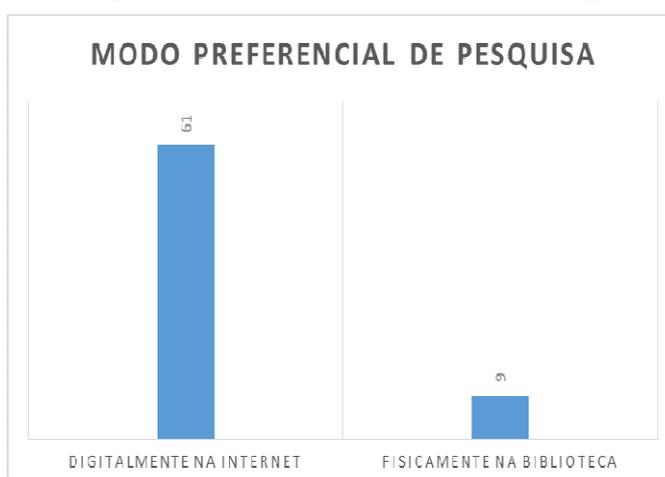
Para o período letivo de 2013.1, o CTZS ofertou 120 vagas, assim, no 5º ano de funcionamento, o Campus possui 419 alunos matriculados na modalidade integrada (ver anexo A). Ao todo 8 turmas concluíram até o momento.

### 5.3 As Práticas de Leitura dos alunos do curso Técnico Integrado

#### ▪ Perfil do leitor

Para ter uma ideia sobre o acesso à leitura pelos alunos, a fim de compreender o que ele pesquisa e como pesquisa. A primeira pergunta do questionário foi: qual o seu modo preferencial ao realizar pesquisas, enumere por ordem preferencial. A maioria dos alunos, quase 90%, disseram preferir primeiro pesquisar via Internet e só depois dizem pesquisar na biblioteca do Campus.

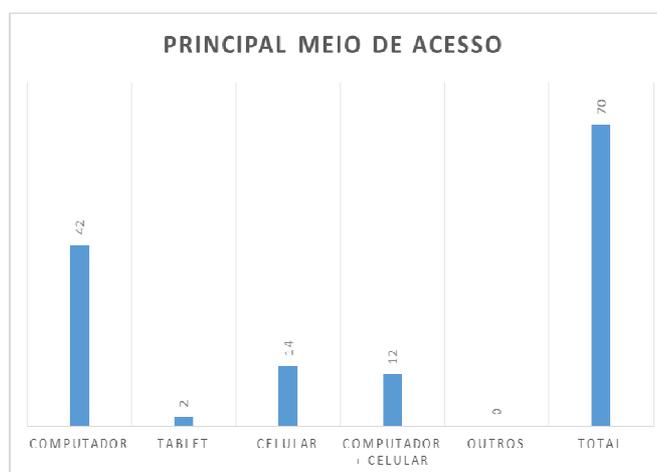
**Figura 5 – Modo Preferencial de Pesquisa**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O principal meio de acesso que os alunos utilizam é o computador; em 2º lugar, vem o celular; em 3º, os dos dispositivos; o *tablet* ficou em 4º lugar.

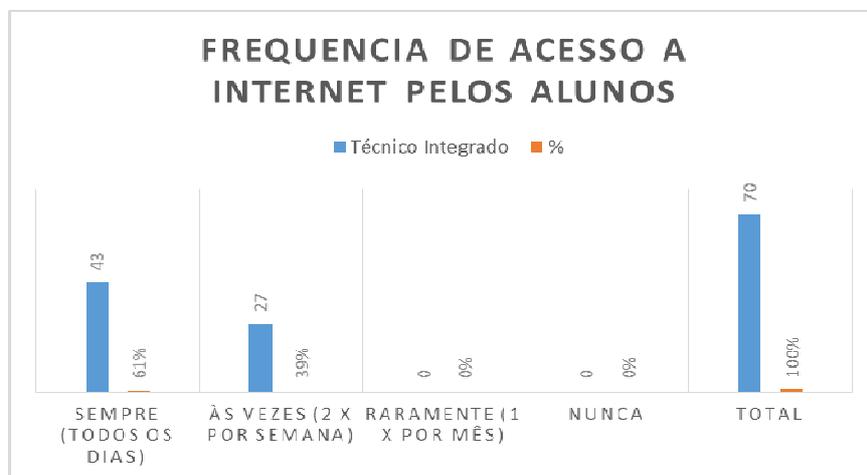
**Figura 6 – Principal meio de acesso**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Questionados sobre a frequência de acesso à Internet, todos assinalaram que acessam sempre ou pelo menos 2 vezes por semana.

**Figura 7 – Frequência de acesso à Internet pelos alunos**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Referente à questão sobre o que eles acessam quando se conectam na Internet, as mídias sociais aparecem em 1º lugar (como Facebook, twitter, instagram); em 2º, são os sites de pesquisa (Google, Yahoo e outros); em 3º, correio eletrônico; em 4º, bate-papo, 5º e 6º são jornais e revistas, respectivamente; em 7º jogo e 8º livrarias.

#### RANKING DE PREFERÊNCIA DE ACESSO

---

1º Mídias Sociais (Facebook, Google Social, Instagram, Foursquare)

2º Site de Pesquisa

3º E-mail

4º Bate-papo

5º Jornais Online

6º Revistas online

7º Jogos

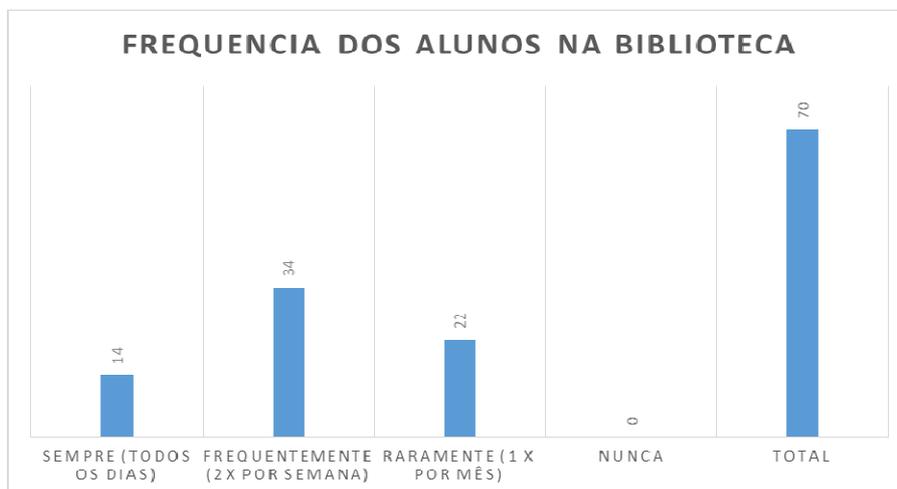
8º Livrarias Virtuais

---

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Os alunos marcaram que frequentam a biblioteca do Campus: uns diariamente, outros semanalmente, porém quase 1/3 dos alunos frequentam raramente a biblioteca.

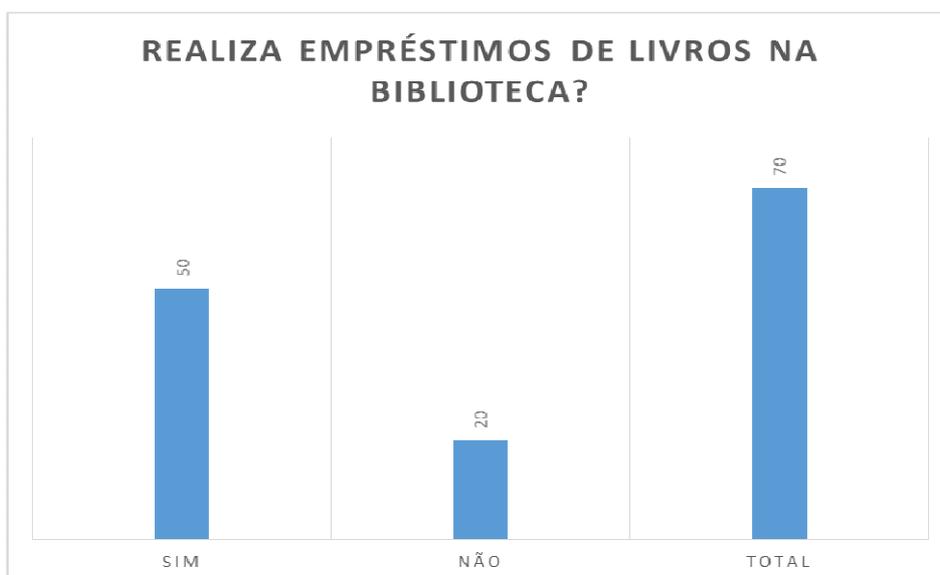
**Figura 8 – Frequência dos alunos na Biblioteca**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Uma expressiva quantidade de alunos não faz empréstimos de livros na biblioteca; 20 alunos marcaram que não realizam empréstimo de livros na biblioteca.

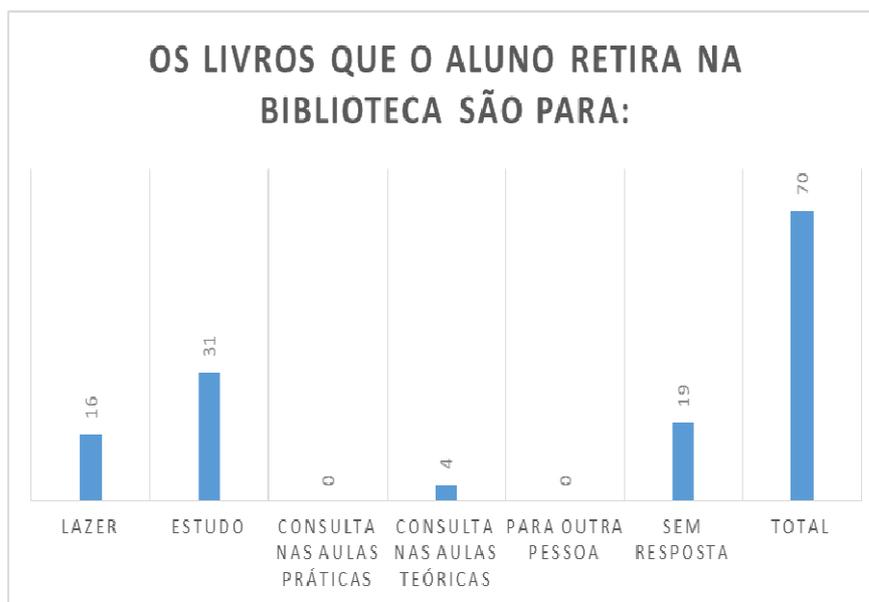
**Figura 9 – Quantitativo de alunos que realizam empréstimos na Biblioteca**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A maioria dos alunos 31 (44,28%) fazem empréstimo na biblioteca para estudo; 16 (22,85%) para lazer; 4 (5,71%) para consulta nas aulas práticas; e 19 (27,14%) não fazem empréstimos de livros na biblioteca.

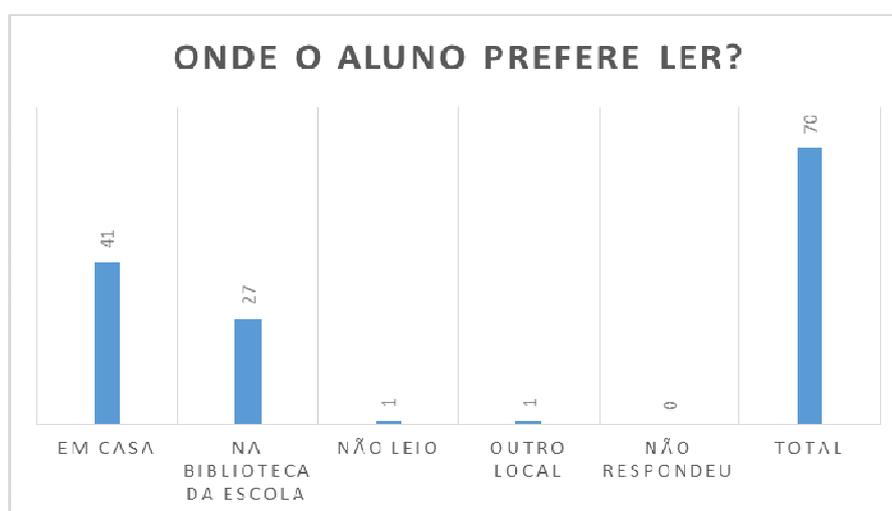
**Figura 10 – Motivo de retirada de livros na Biblioteca**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Perguntados sobre onde os alunos preferem ler, tivemos 41 alunos (58,57%) que disseram preferir estudar em casa; 27 (38,57%) que preferem ler na biblioteca da escola; 1 (1,42%) não lê; e outro 1 (1,42%) prefere ler em outro local.

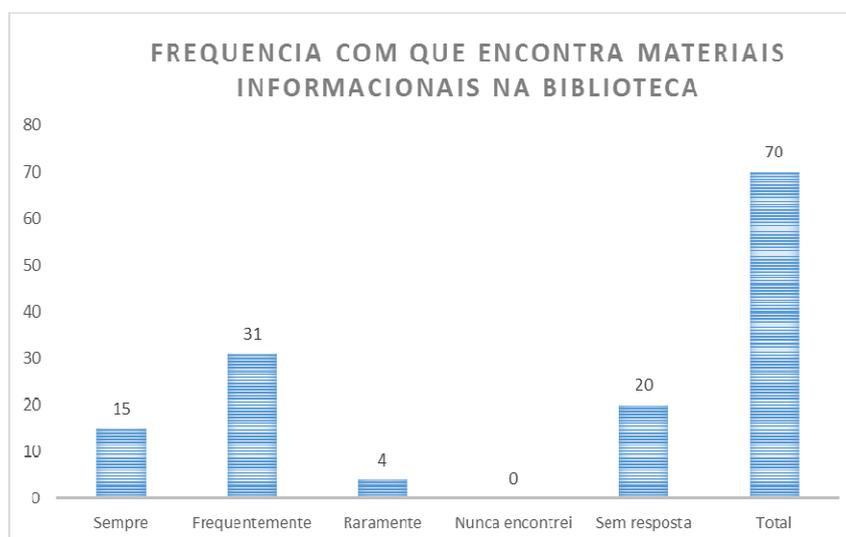
**Figura 11 – Preferência de local de leitura do aluno**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao serem questionados sobre a frequência com que encontram materiais informacionais na biblioteca, 15 alunos (21,42%) marcaram **sempre** encontram materiais informacionais na biblioteca; 31 (44,28%) disseram que **frequentemente** encontram materiais; 4 alunos (5,71%) disseram **raramente** encontrar e 20 alunos (28,57%) não responderam.

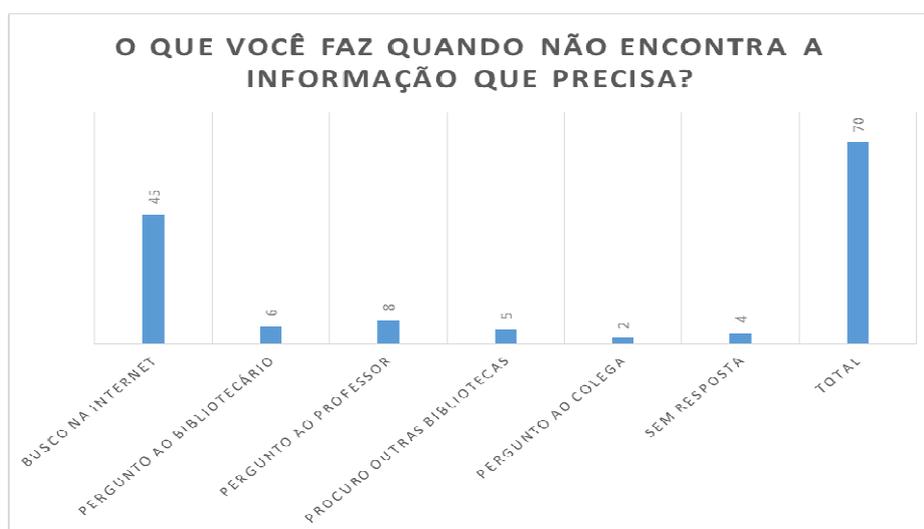
**Figura 12 – Frequência com que os alunos encontram informações de seu interesse na Biblioteca**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao serem questionados sobre o que eles fazem quando não localizam a informação que precisam na biblioteca, 45 (64,28%) marcaram que pesquisam na Internet; 8 (11,42%) marcaram que perguntam aos professores; 6 (8,57%) perguntam ao bibliotecário; 5 buscam em outras bibliotecas (7,14%); 2 (2,85%) perguntam ao colega e 4 não marcaram respostas.

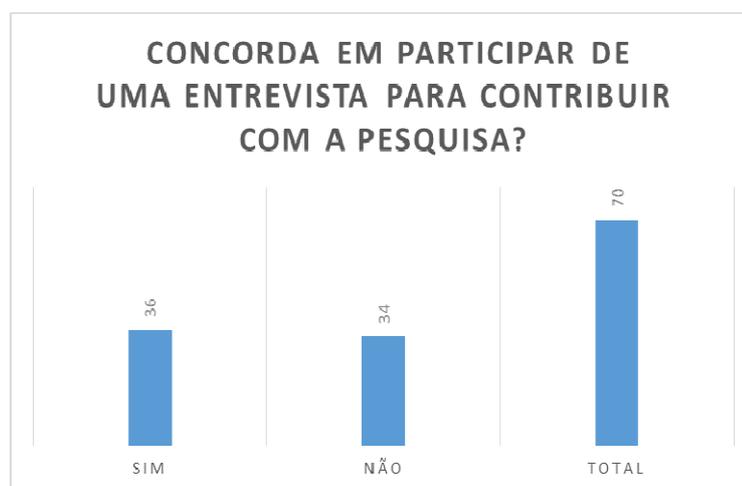
**Figura 13 – Ações dos alunos quando não localizam a informação na Biblioteca**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Dos alunos que responderam ao questionário aplicado, 36 alunos (51,42%) marcaram que aceitavam participar de uma entrevista, e 34 alunos (48,57%) marcaram que não aceitavam participar.

**Figura 14 – Quantitativo de alunos que concordam em participar da entrevista**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

#### 5.4 Perfil dos colaboradores da pesquisa / Observados

Neste item, apresento o perfil dos 6 (seis) alunos que contribuíram com a pesquisa nos três instrumentos trabalhados. O perfil foi construído tendo por base os dados produzidos nas 4 primeiras perguntas do questionários, a partir das quais, busquei conhecer qual o principal meio de acesso à informação e qual o artefato que eles utilizavam. Os alunos selecionados foram:

Codiname: Nanda

Idade: 18 anos                      Sexo: feminino

Curso: Técnico Integrado em Saneamento Ambiental

Preferência de Acesso: 1º Internet/ 2º Biblioteca

Principal meio de acesso: Celular/ *Smartphone*

Frequência de acesso: Sempre (Todos os dias)

Ao entrar na Internet acessa: E-mail/ Mídias Sociais/ Sites de Pesquisa

Codiname: Thesco

Idade: 19 anos                      Sexo: masculino

Curso: Técnico Integrado em Edificações

Preferência de Acesso: 2º Internet/ 1º Biblioteca

Principal meio de acesso: Computador

Frequência de acesso: Sempre (Todos os dias)

Ao entrar na Internet acessa: E-mail/ Mídias Sociais/ Sites de Pesquisa/ Jornais Online/ Livrarias online

Codiname: Carlos

Idade: 16 anos                      Sexo: masculino

Curso: Técnico Integrado em Edificações

Preferência de Acesso: 1º Internet/ 2º Biblioteca

Principal meio de acesso: Computador/ *Smartphone*

Frequência de acesso: Sempre (Todos os dias)

Ao entrar na Internet acessa: Bate-papo/E-mail/ Sites de Pesquisa/ Jornais Online/ Mídias Sociais/Jogos

Codiname: Pedro

Idade: 17 anos                      Sexo: masculino

Curso: Técnico Integrado em Saneamento Ambiental

Preferência de Acesso: 2º Internet/ 1º Biblioteca

Principal meio de acesso: Computador e *Smartphone*

Frequência de acesso: Sempre (Todos os dias)

Ao entrar na Internet acessa: Mídias Sociais/ E-mail/ Sites de Pesquisa/Leitura de jornais online/ Revistas online/ Bate-papo/ Livrarias online/ Jogos

Codnome: Iara

Idade: 17 anos Sexo: feminino

Curso: Técnico Integrado em Saneamento Ambiental

Preferência de Acesso: 1º Internet/ 2º Biblioteca

Principal meio de acesso: Computador / Celular *Smartphone*

Frequência de acesso: Às vezes (pelo menos 2 vezes por semana)

Ao entrar na Internet acessa: Mídias Sociais/ Bate-papo/ Sites de Pesquisa/ Jornais online/ livrarias online/Revistas online/E-mail/ Jogos

Codnome: Raquel

Idade: 15 anos Sexo: feminino

Curso: Técnico Integrado em Confecção de Vestuário

Preferência de Acesso: 2º Internet/ 1º Biblioteca

Principal meio de acesso: Computador / Celular *Smartphone/ Tablet*

Frequência de acesso: Sempre (Todos os dias)

Ao entrar na Internet acessa: Mídias Sociais/ Sites de Pesquisa/E-mail

Os dados produzidos referentes ao principal meio de acesso por eles escolhidos revelaram que os (6) alunos acessam a informação referente ao curso tanto pela Internet quanto na biblioteca, porém desses (3) preferem a *Internet* como primeira opção de pesquisa e (3) preferem a biblioteca. Buscando compreender as práticas de leituras dos alunos dos cursos técnicos, optamos por selecionar para a entrevista alunos que utilizam dispositivos móveis e que acessam a *Internet* com uma boa frequência, para assim delinear e entender quais as práticas de leituras contemporâneas dos alunos.

As informações obtidas das análises das entrevistas foram divididas em duas categorias, que se subdividiram em outras subcategorias. As categorias de análise das entrevistas foram: práticas de leitura oriundas da formação técnica e práticas oriundas das vontades individuais dos indivíduos: onde foram investigadas dentro dessas categorias as práticas de leitura; estratégias; dificuldades; facilidades e modos de uso.

As leituras oriundas da formação técnica são voltadas para dar apoio pedagógico na formação de competências e habilidades referentes a formação profissional. (ver as competências e habilidades no anexo H)

#### 5.4.1 Práticas de leitura oriundas da formação técnica

A formação técnica aqui referida pressupõe os fundamentos científicos e tecnológicos que sustentam uma determinada área do processo produtivo da sociedade; neste caso específico, na área dos cursos dos alunos de: Edificações, Saneamento e Vestuário.

Em suas falas, com relação à relevância das leituras, a maioria dos alunos coloca a leitura técnica como essencial para sua prática profissional; talvez por ser mais perceptível devido ao seu caráter operacional decorrente do “saber fazer”. Essa perspectiva condiz com o significado de técnica ou tecnologia como “atividade voltada para a prática” ou “aplicação de teorias” e mesmo por conta da expectativa com que o aluno tenha ingressado no curso. Nesse caso em particular, todos os alunos buscavam, além da formação básica do ensino médio, uma formação profissional, e suas expectativas eram aprender as técnicas concernentes às atividades desenvolvidas na área.

Para os alunos, os livros da formação técnica, além de contribuir com o ensino deles, também oportunizam leituras mais aprofundadas sobre a área que eles estão estudando. O que se percebe em suas falas:

*“Os livros da área técnica são essenciais, que, caso se a gente for seguir a área, a gente vai ter uma base, já vai ter uma noção prévia do que a gente vai enfrentar. Às vezes dá até pra se aprofundar mais, tem uns livros que te deixam escolher entre ler superficialmente ou aprofundar mais”. Thesco*

*“Eu acho que é importante tipo pra aprimorar o conhecimento da gente sobre a área, pra saber o que realmente um profissional vai fazer, porque quando eu coloquei o curso, eu não sabia o que um técnico de saneamento fazia, então eu acho importante pra isso, pra saber no que vai servir a profissão da gente.” Nanda*

Com relação às estratégias que eles utilizam para pesquisar sobre os conteúdos, eles afirmam que não utilizam uma estratégia específica, normalmente colocam o assunto que querem, no site do Google, Ebah! Yahoo.

*“Quando a agente pesquisa alguma coisa, alguma matéria, algum trabalho que a gente vai pesquisar, a gente joga na Internet, geralmente em quase todos os casos que a gente encontra algo relacionado ao curso de ensino superior, aí aquilo está muito avançado, muito além do que a gente está vendo. A gente encontra mais é artigo de universidade, de monografia, pesquisa de mestrado, aí aquilo já está acima do nosso nível.” Carlos*

Com relação à seleção da informação em ambientes digitais, Levy (1999, p. 68) já alertava que devido à quantidade de informações na web, com o uso da tecnologia inteligente, o problema é o de aproveitar a quantidade no que a rede tem de melhor e não afogar-se nela. Com o crescimento da Internet, um novo problema surgiu: como encontrar informações relevantes em um oceano de informações?

Com relação às dificuldades de pesquisa de assuntos da área técnica na Internet, os alunos afirmaram ser muito difícil, pois eles não conseguem localizar conteúdo referente ao nível que eles estão estudando; eles dizem encontrar materiais de nível mais elevado. Conforme suas afirmações:

*“Bem pouco, pro curso de formação bem pouco, porque geralmente o que a gente encontra na Internet são geralmente artigos, mas quando a gente vai fazer uma pesquisa específica sobre a área é difícil de encontrar.” Thesco*

*“A maioria das matérias do curso (técnico) não tem livros, e na Internet também a gente não encontra, não acha, então termina por recorrer a algum livro da biblioteca e aqui tem e é a salvação.” Pedro*

O aluno fala com relação a eles não receberem livros de programa do governo para a área técnica, diferentemente do ensino básico que eles recebem todos os livros de apoio ao ensino médio através do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio – PNLEM.

*“É complicado, você pesquisa na Internet e não tem, não encontra, aí na biblioteca já tem o livro que ajuda.” Iara*

Muitos dos alunos disseram que não localizaram a informação da web; a questão não é que não tenha informação relacionada aos cursos deles na web, eles que provavelmente não utilizaram os indexados corretos para recuperar aquilo que poderia ser relevantes a eles. Pois em um outro momento, questionados sobre como a Internet contribui para o ensino deles, eles afirmam:

*“De todas as formas, primeiro porque é na área de saneamento, a gente necessita da Internet porque às vezes, o que a gente não acha em livros, por exemplo escalas, que a gente não acha em livros, a gente acha na Internet; a questão de programas que a gente tem que fazer pra determinar uma área, pra fazer projetos também, a gente necessita da Internet, ela é essencial.” Pedro*

*“Como o Pedro falou, tem muitas coisas que a gente não encontra nos livros de jeito nenhum, tem que procurar na Internet, que nem o da (Prof. Y) de Biologia não tinha livro nenhum nessa biblioteca que falasse sobre umas folhas, ela teve que pedir pra não sei aonde aí fora*

*daqui e trouxe pra cá, enquanto isso a gente pesquisava na Internet. Dai encontramos um livro aí, pouco mas encontramos.” Iara*

A questão não é que, na *Internet*, seja difícil ter conteúdos e na biblioteca seja fácil; na *Internet*, pode ser um pouco mais difícil por conta da quantidade de informações, então é preciso saber como localizar, e os alunos ainda não sabem utilizar estratégias de buscas, sentem dificuldade. Percebe-se com isso que é preciso desenvolver oficinas de busca avançada e seleção de dados, arquivamento, mapas conceituais, etc. Com relação à biblioteca do IFPI/CTZS, assim que os alunos novatos iniciam na instituição, assistem a uma palestra informando sobre as normas de biblioteca e a funcionalidade do sistema, quando vão à biblioteca, eles acessam o sistema e, se têm alguma dificuldade em localizar o livro, a equipe de bibliotecários localiza o livro que contém o assunto na área e entrega ao aluno, se certificando de que realmente aquele assunto irá contribuir para a pesquisa que o aluno pretende fazer. Na *Internet*, o *Google* e o *Yahoo* viram os bibliotecários deles, caso eles não pesquisem com os termos corretos, não terão como solicitar ajuda, a não ser que saibam como utilizar as estratégias de pesquisa que restrinja a busca. Nota-se que os bibliotecários não podem ficar na posição de guardiões do acervo, sua função enquanto também profissional atuante na Educação, não pode ser somente localizar o dado para o aluno, mas sim, ajudá-los a localizarem os dados e transformá-los em informação pertinente. Pensar em como estas podem contribuir para o processo de construção do conhecimento deverá ser um assunto a ser discutido na área de biblioteconomia e educação.

Na fala do aluno Pedro, podemos perceber essa questão claramente:

*“é em si, então tem muitos sites às vezes você entra, e que vai parar em outras coisas e acaba que você termina ficando muito desorientado. É muita informação, e muitas vezes são coisas muito mais complexas que às vezes não é aquilo que a gente está buscando, tem muito isso na Internet também, que a gente pesquisa uma coisa e é outra coisa. Recentemente fui pesquisar sobre tratamento químico em relação a resíduos sólidos, só que apareceram resíduos químicos e eu não achei sobre tratamento químico e aí eu fiquei prejudicado no meu seminário por causa disso” Pedro*

Ainda com relação à pesquisa na *Internet* de assuntos relacionados à formação técnica:

*“A Internet contribui bem pouco pro curso de formação, bem pouco, porque geralmente o que a gente encontra na Internet são geralmente artigos, mas, quando a gente vai fazer um pesquisa específica sobre a área, é difícil de encontrar. A Internet tem muita informação realmente, mas nem toda essa informação é confiável; na biblioteca não, ela pode ter menos informação, mas a informação que ela tem é bem mais confiável do que você encontra na Internet. Pra mim, a Internet é uma fonte de pesquisa infinita, lá você encontra de tudo, bom*

*ou ruim, certo ou errado; a biblioteca é uma fonte de pesquisa limitada, porque aqui você só vai encontrar coisas boas teoricamente, só que às vezes com pouco acervo. Só que esse pouco acervo vale mais do que você encontra na Internet, porque é muito mais confiável, um livro todo produzido, com normas e tudo, principalmente quando um professor indica, do que a Internet, porque geralmente você encontra coisas que não têm certa confiança.”* Carlos

Ao relatarem suas práticas de leitura da formação técnica, os alunos, além de afirmarem a importância das leituras, buscaram, em muitos momentos, explicar as “facilidades” e as “dificuldades” encontradas por ele na pesquisa de um determinado assunto da área; demonstraram, mediante suas falas e gestos, a insegurança com que realizam pesquisas, porém se nota que essa dificuldade é somente com relação aos conteúdos da formação técnica; quando eles se referem a leituras que fazem como forma de distração ou assuntos de interesse individual, eles mostram bastante conhecimento; é o caso do aluno que está se formando, pretende fazer concursos para conseguir um emprego na área técnica e também fazer o Enem, disse que os conteúdos referentes ao ensino médio possuem grande quantidade de informação na Internet e têm muitos resumos.

*“Eu prefiro pesquisar na Internet, porque são muitas coisas, então quando tem muito assunto, eu procuro mais pesquisar resumos, eu sou mais do tipo de ler resumo, entender o resumo e fazer a atividade”* Pedro

*“Acho que a Internet em si ela é a maior biblioteca que existe, porque ali você acessa tudo, basta você digitar uma coisa, que ele vai em todo canto, e ele acha qualquer tipo de assunto, de registro, de trabalho, de qualquer coisa. Ensino a distância é uma prova, em um certo horário você entra, e assiste à aula aqui ao vivo pelo computador, em tempo real, é interessante demais; você pode fazer em qualquer lugar, se você está aqui em Teresina, e você quer fazer um curso em Brasília, aí você pode fazer no conforto, em casa.”* Raquel

Para os discentes, a leitura na web é sinônimo de facilidade, levando em consideração que se pode ter vários livros em um dispositivos de menos de 100 gramas, o *smartphone*, o qual permite ler e levar os livros que você quiser para qualquer lugar; o discente também se referiu à facilidade de encontrar um livro na Internet e fazer o download gratuito, atualmente são inúmeras as obras que estão sob licença *creative commons*, que diferentemente do *copyright* e dos direitos do autor, essa licença dá flexibilidade e protege as pessoas que vão usar a obra do autor, para que elas não precisem se preocupar com violações aos direitos autorais, desde que elas obedeçam as condições que o autor condicionou. Ao mesmo tempo, essas condições são colocadas de forma clara — por exemplo, todas as licenças exigem que o autor seja citado em caso de uso futuro – de antemão, sem que você

precise considerar cada caso individual. Se você quer permitir alguns usos de antemão, mas outros não, esses outros usos deverão ainda ser autorizados caso a caso pelo autor; sendo assim, basta acessar com o *smartphone* e baixar os livros disponíveis para download, como também compartilhá-los, depois de lidos. Os alunos se referiram ao ensino EAD, que acham fantástico poder assistir a aulas de qualquer lugar do mundo sem sair de casa.

Outro ponto positivo no que se refere a leituras na Internet, de acordo com os alunos, é a atualização das informações contidas na Internet, os sites estão constantemente sendo atualizados, 24h. Segundo eles, algo que acontece do outro lado do planeta, a informação é divulgada instantaneamente; a TV possui qualidade referente à atualização também, porém, com a Internet, comunidades locais podem noticiar, trocar informações. Cada vez mais estamos sendo informados primeiro pela *Internet* e depois pela TV; então com relação à informação atualizada é uma vantagem que os alunos demonstraram valorizar.

Os alunos também se referiram ao acesso de vídeo aulas na Internet, visto que é possível rever as cenas várias vezes; caso não se compreenda uma fala, há a possibilidade de retornar e ver novamente.

Questionados sobre o modo que eles preferem ler:

*“Eu, para ler um livro, tenho que estar em absurdo silêncio, pra ter bastante concentração, eu gosto mais de ler sentado com uma postura boa porque, quando eu leio deitado, eu termino dormindo em cima do livro, com o livro na cara, é mais isso mesmo, absurdo silêncio, eu e meu livro.” Pedro*

*“Em casa, é escutando música, na escola tem que estar no silêncio; em casa, ligo a TV, o som até pra estudar mesmo; se não tiver televisão ligada, eu não me concentro de jeito nenhum. Eu consigo, eu amo ler dentro do ônibus, eu fico com uma mão aqui e a outra lendo o livro no celular.” Iara*

*“Eu leio ouvindo música, às vezes no celular, no ônibus, aí eu passo um arquivo no celular e leio quando está perto de prova, acho que eu não preciso muito me isolar tanto pra conseguir me concentrar.” Nanda*

Com relação aos perfis de leitores, em suas práticas, fazem leitura de modo contemplativo, outros têm características de leitor movente e ubíquo. Segundo Santaella (2013, p.282), esses são os leitores contemporâneos, porém a escola tem um desafio de criar integração dos variados tipos de leitura existentes e delineadas em seus estudos: contemplativo, movente, imersivo e ubíquo. Não sendo o objeto de estudo deste trabalho, saber se a escola tem trabalhado essa integração, penso que seria interessante um estudo para averiguar como as escolas estão se organizando com relação à integração das formas de leitura atuais com as formas de leituras anteriores.

Com relação às práticas de leituras, os alunos acreditam que passaram a ler mais livros, por terem acesso aos livros da formação técnica, que têm uma introdução, começando com o conteúdo mais básico e vão aos poucos aprofundando a leitura para um nível mais complexo; eles veem como ponto positivo isso, pois podem aprofundar as leituras; dizem que isso favorece o crescimento em relação as suas leituras, pois ali encontram livros com conteúdo além do conteúdo básico que eles estudam no nível técnico.

*“Depois que eu vim pra cá, acho que meu nível de leitura aumentou muito mais, por mais que do curso que eu estou fazendo aqui, que é o técnico em edificações, é uma área que eu me interessou né, a área da construção civil, então eu desenvolvi muito mais a prática da leitura e tudo, dentro da área que eu quero, porque o acesso daqui também é bom”.*  
Carlos

Percebe-se que, apesar da dificuldade na localização de conteúdos da área técnica nas buscas que eles realizam na Internet, eles afirmam ser ela muito importante, que ambos meios de informação complementam-se; demonstraram em suas falas e gestos, que, quando não encontram na Internet, procuram na biblioteca e, quando não encontram na biblioteca, encontram na Internet, que isso possibilita que eles estejam constantemente em busca de informação, o que termina por contribuir em sua vida profissional, pessoal e social, à medida que lhes permitem ter práticas diferentes de leituras.

A relevância de cada leitura está relacionada ao grau de dificuldade e necessidade de cada aluno. Assim, trago Grinspun (2009, p. 74), que assevera que “na tríade ciência, tecnologia e sociedade, a educação, por certo, tem um lugar de destaque pelo que ela produz e desenvolve, e principalmente pelo que ela pode construir”. E acrescenta que temos que educar o homem para aprender e fazer uso de novas tecnologias, desenvolver e refletir sobre a necessidade ou não de utilizá-las e, ao mesmo tempo, fazê-las aliadas de seu bem-estar e da sociedade. (GRISPUN, 2009).

Com relação às leituras dos livros didáticos, percebemos o fato de esta ser uma leitura obrigatória.

Portanto, sobre as práticas de leitura da formação técnica, observa-se que a escola deve não só se preocupar em disponibilizar computadores e rede *wifi* para os alunos terem acesso à Internet; é importante planejar, juntamente com os professores e bibliotecários, um plano de formação do aluno, que vise à transmissão de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades para procedimentos e técnicas de busca e uso da informação na Internet.

#### 5.4.2 Práticas oriundas das vontades individuais dos indivíduos

A importância da leitura para o aluno não se encontra apenas dentro dos muros da instituição escolar, mas além, no cotidiano de vida do aluno. A escola é o local que deve disponibilizar todas as possibilidades para que a leitura dentro e além dela seja possível, ou seja, a materialização da leitura crítica é para ser feita na escola, para além dela.

Durante a entrevista, foi possível perceber que a dificuldade que os alunos têm com relação à busca de livros ou conteúdo da formação técnica é devido a eles não localizarem os conteúdos na Internet. Com relação às leituras oriundas das vontades individuais deles, questionados sobre o que eles estavam lendo:

*“Eu tô preso em uma, Games of Trones. Crônicas de gelo, com fé em Deus eu vou terminar, porque é grande.”* Carlos

*“Eu tô lendo literatura Piauiense agora, e leio uns livros de romances, da trilogia dos 50 tons de cinza.”* Nanda

*“Não conte a ninguém! foi muito ótimo esse livro e você vai lendo e muitas vezes você não quer parar porque você quer saber o que vai acontecer, fica muito instigante aquela leitura, já teve vários livros que eu fico o dia inteiro lendo, não sinto vontade nem de comer, porque eu queria saber o que iria acontecer, também li alguns livros de autoajuda”* Iara

*“Mangá online do site Mangahost.e, leio notícias também: jornais online e revistas.”* Thesco

*“O príncipe Maquiavel ensina muito, uma conduta pra você seguir.”* Pedro

Com relação às leituras individuais, Carlos está lendo uma obra de ficção americana bem extensa, são 5 obras cada uma com mais de 600 páginas, de autoria de George R. R. Martin. Ele comprou o livro e prefere ler em casa, no seu quarto, de preferência deitado. Segundo ele: *“Participava de uma página no Facebook, de pessoas que gostam do seriado Games Of Thrones, queria ler as obras antes para poder criticar o seriado que, na minha opinião, é um lixo.”* O que o motivou a essa leitura foi ele ter assistido ao seriado *Game of Thrones* via Internet e ter sentido vontade de participar de duas páginas (Figura 11 e 12) no Facebook, que tratam uma sobre o seriado e outra sobre o livro e poder inserir críticas e opiniões com autoridade de conhecedor da obra original, pois acredita que o seriado em comparação com a versão dos livros é inferior. A vontade de ler para ser incluído nas redes! Ler para poder participar da comunidade, da rede social. Seguem as páginas que o aluno disse participar e que o motivou a ler os livros.

**Figura 15- Página no Facebook que trata sobre a série *Games of Thrones***



Fonte: <https://www.facebook.com/GameOfThrones?fref=ts>

**Figura 16 – Página no Facebook para seguidores da série *A Guerra dos Tronos***



Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Guerra-dos-Tronos-A-As-Cr%C3%B4nicas-de-Gelo-e-Fogo/191577067537964?fref=ts>

Com este depoimento, fica claro que a *Internet*, ou a TV não afastam os jovens das leituras de livros; no caso mencionado, aconteceu o contrário; a partir de uma série de TV

e por ele acompanhar as discussões nas páginas do *Facebook*, o aluno foi instigado a ler toda a série *Guerra dos Tronos*, a fim de poder tecer comentários nas mídias sociais.

Nanda está lendo uma obra de literatura piauiense, questionada sobre se a obra tinha sido indicação de professores, ela disse que sim, que o professor de literatura havia indicado; ela tinha lido *Rio Subterrâneo*, de autoria de O. G. Rego de Carvalho, tinha gostado e estava lendo outra obra do mesmo autor. Iara diz ter lido *Não conte a Ninguém!* Que foi ótimo, não desgrudou do livro até acabar de ler; em seu depoimento, ela diz ter lido durante muito tempo livros de autoajuda, pois passou por momentos difíceis, e os livros a ajudaram nesse período; não só os livros, mas a escola ajudou bastante no período pois ela precisou de apoio psicológico e do serviço social do Campus; ao analisar o histórico da aluna, confere a informação; ela tirou como empréstimo na biblioteca 6 livros de autoajuda durante o ano de 2013.

Thesco está lendo mangá online, no site Mangahost, ele diz que:

*“Como uso o computador com frequência, uso pras pesquisas, pra jogar, falar com os amigos, e agora ler eu gosto mais no papel, só que Mangá é caro e tem na Internet, eu acabo lendo, mas não gosto muito, a luz da tela incomoda, arde na vista quando se passa muito tempo”.* Thesco

*“Me sinto mais melhor lendo impresso que lendo na tela, mas por via de tempo, de espaço, locomoção, o celular fica mais acessível pra mim.”* Iara

Percebemos que os alunos distinguem os diversos tipos de leitura e os objetivos nas escolhas e preferências associadas aos suportes que os sustentam. Os livros impressos são os preferidos para uma leitura mais contemplativa, aprofundada, no que tange à leitura, aparecem como práticas mais usuais e apreciadas; já a Internet, eles também apreciam, porém com finalidades diferentes, utilizam para pesquisas de conteúdo, para conversarem com os amigos, se comunicarem, interagirem por meio das mídias sociais.

Com relação às dificuldades encontradas pelos alunos com relação à pesquisa dessas leituras, eles não sentem nenhuma dificuldade pois, ao entrarem no site de pesquisas, colocam o termo que eles procuram e como eles têm domínio do conteúdo que estão buscando mesmo que a pesquisa retorne milhões de resultados, eles localizam rápido o que querem. Percebe-se que a facilidade de compartilhar é algo que eles acham fantástico.

*“Tudo mesmo é mais acessível, às vezes tem vários livros que são muito bons, não dá pra sair andando com eles por aí, dá pra baixar no celular, e se eu gosto, compartilho com minhas amigas. Questão de espalhar, dá pra espalhar mais.”* Iara

Esses estudantes afirmaram que usam os meios eletrônicos para se comunicarem – “falar com os amigos”, e como entretenimento – “para jogar”. Podemos constatar a existência de leituras diferenciadas no espaço escolar. Ao associarmos os dados empíricos provenientes das entrevistas dos alunos da instituição à teoria das práticas leitoras, construídas principalmente por Roger Chartier, nos permitimos opor as aprendizagens oriundas das práticas escolares, didáticas, instrucionais ordenadas, daquelas mais livres, selvagens do autodidatismo, segundo termo utilizado por Chartier (1998, p. 104). Essas aprendizagens, contudo, constituem um caminho já percorrido pelas primeiras. “Fora da escola e de suas pedagogias formalizadas, a conquista do saber ler supõe, ao mesmo tempo, a entrada de uma cultura já penetrada e trabalhada pelo escrito” afirma o autor. Essa conquista seria realizada na tela do computador, nas mensagens trocadas na comunicação virtual, na Internet. Todavia, é importante perceber que esses usos mais livres referem-se a leituras mais breves e relacionadas à comunicação e ao lazer. Nas entrevistas constata-se que não é só a leitura escolar que exige maior duração e concentração, nas leituras individuais e recreativas, a preferência recai sobre o livro, com predominância pelo impresso. Seguindo essa linha de raciocínio, buscamos problematizar as preferências dos alunos fazendo uma analogia das práticas relatadas às formas de leitura formuladas por Chartier (1998). Há a leitura mais densa que exige maior esforço cognitivo, repetida, com propósito de assegurar a obtenção de conhecimentos mais duradouros. Trata-se da leitura intensiva, de apropriação lenta e atenta. Este tipo de leitura se destaca na escola, constituindo-se uma das principais formas de aprendizagem, referendada pelos alunos. Contudo, há o que esse teórico denominou de leitura extensiva, mais superficial e menos eficaz que, segundo os alunos entrevistados, se dá principalmente diante da tela do computador e de dispositivos móveis, porém é preciso considerar que estes alunos ainda não leem no *Tablet*, *iPad* ou *E-Readers* que são dispositivos próprios para leitura contemplativa no digital. O universo de leitura digital dos alunos entrevistados é a Tela de computador e *Smartphones* plataformas não confortáveis e que não foram preparadas para este fim híbrido contemplativo / imersivo.

Aprofundando essa questão teórica, “as figuras de leitura” nos termos de Chartier (2001) dizem respeito a estilos próprios que revelam as relações existentes entre leitor e objeto lido. Nesse sentido, podemos contrastar essas formas de ler, nas quais noções quantitativas de acesso à leitura e às diversas formas de apropriação determinam suas especificidades.

A leitura intensiva refere-se ao acesso reduzido a livros cuja leitura se dá de forma repetitiva, memorizada, reconhecida. Esse conceito de leitura é o mesmo tipo leitura

contemplativa denominada por Santaella (2004); essas leituras revelam-se, historicamente, nessas práticas culturais, antigas leituras, individuais ou coletivas, de reverência e respeito pelo livro. Chartier (1998) entende que a leitura intensiva é uma maneira de ler que assegura eficácia ao texto, graças a um trabalho de apropriação lento, atento e repetido”. Em sua perspectiva, o importante não é ler, mas reler.

É importante salientar, contudo, que as maneiras de ler não se restringem a esses dois estilos, devendo-se entender os protocolos de leitura como relacionados aos diferentes grupos de leitores e traços e representações de suas práticas.

A partir da investigação histórica realizada por Chartier (1998), uma questão central, difícil se impõe quanto aos estilos ou figuras de leitura, qual seja: nas aprendizagens da leitura, qual o peso respectivo das estruturas perceptivas e cognitivas do ser humano e dos condicionamentos históricos e socialmente variáveis que regem as aquisições?

A escolha desses jovens quanto aos suportes de leitura associados a objetivos não poderão ser fruto de condicionamentos transmitidos pela escola, sua forma e sua organização? Embora tenha havido um grande investimento em novas tecnologias nesse espaço institucional, perguntamos até que ponto a imagem de uma estrutura escolar recém-criada, com apenas 6 anos, mas com um corpo docente de uma estrutura escolar profissionalizante centenária, no caso os Institutos Federais, possuidores de uma identidade de formação e excelência histórica, colabora na constituição desses condicionamentos.

Não pretendemos nos aprofundar nessa análise voltada para os aspectos psicológicos e epistemológicos das práticas leitoras e suas consequências. No entanto é importante reconhecer que os múltiplos usos e as diversas práticas de leitura nos conduzem a apropriações diversas que carregam significados, incluindo aqueles que se vinculam às aprendizagens, escolares ou não.

Na pesquisa em questão, vale intuir que, nas questões relacionadas às aprendizagens escolares associadas aos textos que lhes são próprios em seus diferentes suportes, a leitura impressa dos livros se configura como associada á leitura intensiva, presente nos livros didáticos e outros materiais que acompanham os alunos ao longo dos anos letivos, como as gramáticas e os compêndios. Trata-se de leitura atenta, individual ou coletiva, compreendida, memorizada. Revela-se em gestos concretos de atenção. Com o texto eletrônico, ocorre algo inverso. Os gestos de alguns são mais despojados diante da tela do computador, quando em grupo conversam, riem, exibem algo que foi encontrado. Quando pesquisam solitariamente, ficam mais atentos, porém, os textos são vários, a tela do computador se move frequentemente. Ao serem questionados sobre esse fato, declaram que

buscam algumas coisas específicas, mas há muita informação e eles às vezes sentem-se perdidos com esse excesso. Concluimos a análise das entrevistas, com a compreensão de que as práticas de leitura na atualidade são múltiplas e que há nelas convergências importantes que merecem ser estudadas; o importante foi detectar que eles precisam de orientação com relação a essas pesquisas que eles fazem, pois buscar uma informação, mesmo no mais poderoso serviço, muitas vezes produz um resultado que nem sempre é específico e preciso, ocasionando perda de tempo e credibilidade nas informações obtidas na web.

### 5.5 Leitura com suporte digital

A observação da navegação dos alunos não tem intenção de concluir, a partir das capturas de tela do usuário, que esse estudo se refere a um padrão de navegação de todos os alunos; sabemos que a leitura no ambiente da web se faz a partir de hipertextos, os quais possuem entre outros princípios, o de exterioridade (LEVY, 1999) que preconiza: os caminhos escolhidos em um hipertexto são de origem externa ao texto, ou seja, vêm de seu usuário. Sendo assim, os caminhos escolhidos pelos alunos em suas navegações vão de acordo com suas necessidades informacionais. Para ajudar no entendimento como são inúmeras telas e foram muitos cliques em botões de minimizar e maximizar, vamos registrar a tela principal e algumas telas que serão abertas por mais de 5 minutos, pois acreditamos ser esse o tempo suficiente para se fazer uma leitura compreensível do texto. Não será necessário nos ater às *hyperlinkagens*. Apenas no modo de pesquisa (buscando entender como o aluno utiliza a hipermídia) e no conteúdo que eles buscam, descreveremos quando surgirem elementos distratores de uma leitura extensiva e elementos de leitura intensiva durante a leitura do aluno na web.

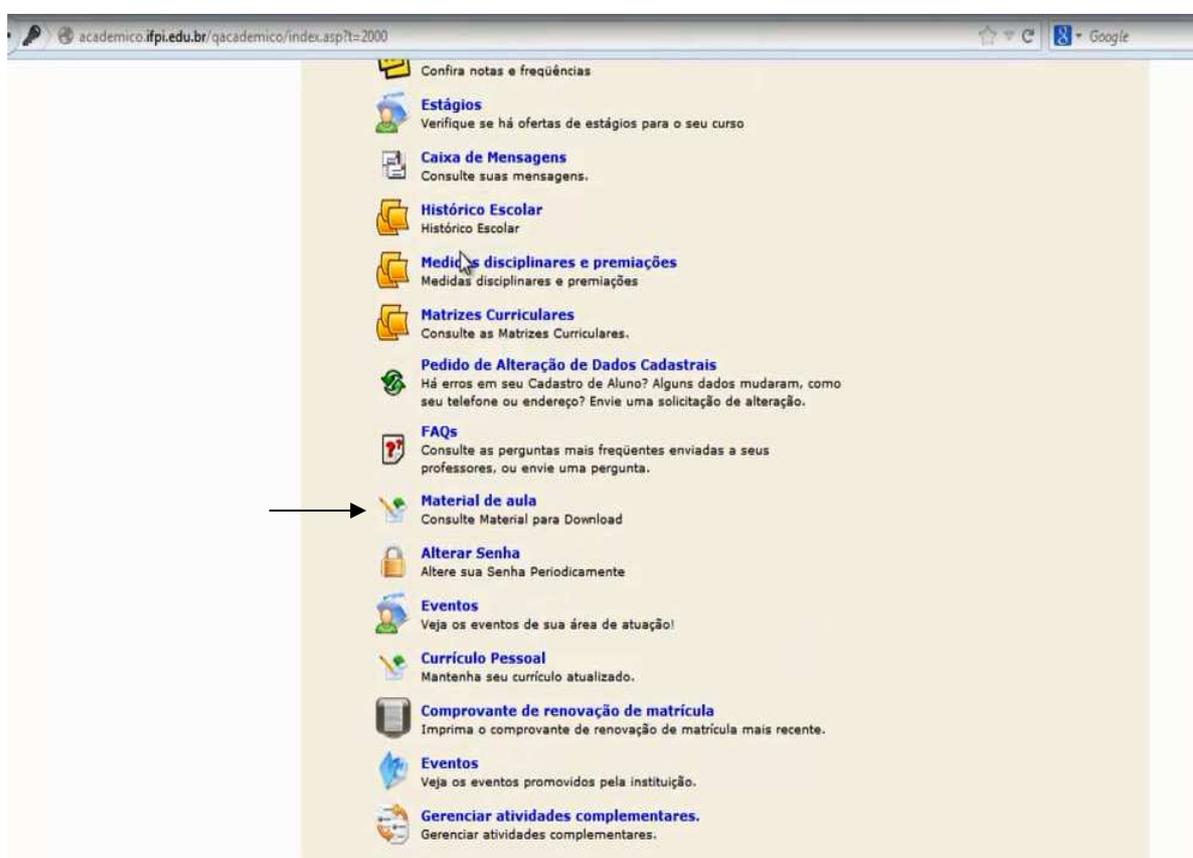
**Quadro 10 - Descritivo de Observação de navegação do aluno Pedro**

Tempo de navegação: 30 min.	
<b>Aluno observado:</b>	Pedro, 17 anos, 4º ano do Curso Técnico Integrado em Saneamento Ambiental
<b>Conteúdo a pesquisar:</b>	Análise físico-química da água
<b>Sites navegados:</b>	1ª Aba: Site do IFPI> acesso ao sistema Acadêmico> busca de material de aula disponibilizado pelo prof.> acesso ao slides da aula>slide da Profª. X 2ª Aba: Facebook> 3ª Aba: Google>Pesquisa do termo alcalinidade da água 4ª Aba:Google> Pesquisa do termo dureza da água 5ª Aba Site da Lady Gaga
<b>Programas utilizados:</b>	Word – editor de textos
<b>Estratégias de pesquisa:</b>	usou os termos: alcalinidade da água/ dureza da água e cloreto
<b>Crítérios de escolha de busca</b>	<i>Porque é mais rápido e já tem tudo explicado.</i>

<b>Observações:</b>	O aluno pesquisou informações sobre a alcalinidade da água, para fazer um relatório em grupo de análise físico-química da água. Ao final da elaboração do arquivo, ele disse que aquilo não era para ser entregue para a professora, e sim para discutir com os colegas do grupo, para eles construírem o relatório final do grupo.
---------------------	---

Página inicial do sistema acadêmico da escola onde os professores disponibilizam materiais de aula.

**Figura 17 – Tela de navegação do aluno Pedro – Material de Aula**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao clicar em material de aula, surgiu um ambiente com inúmeros materiais para estudo da disciplina Análise Físico Química da água ordenados por data de postagem pelo professor.

Figura 18 - Tela de navegação do aluno Pedro – lista de material inserido pelo professor

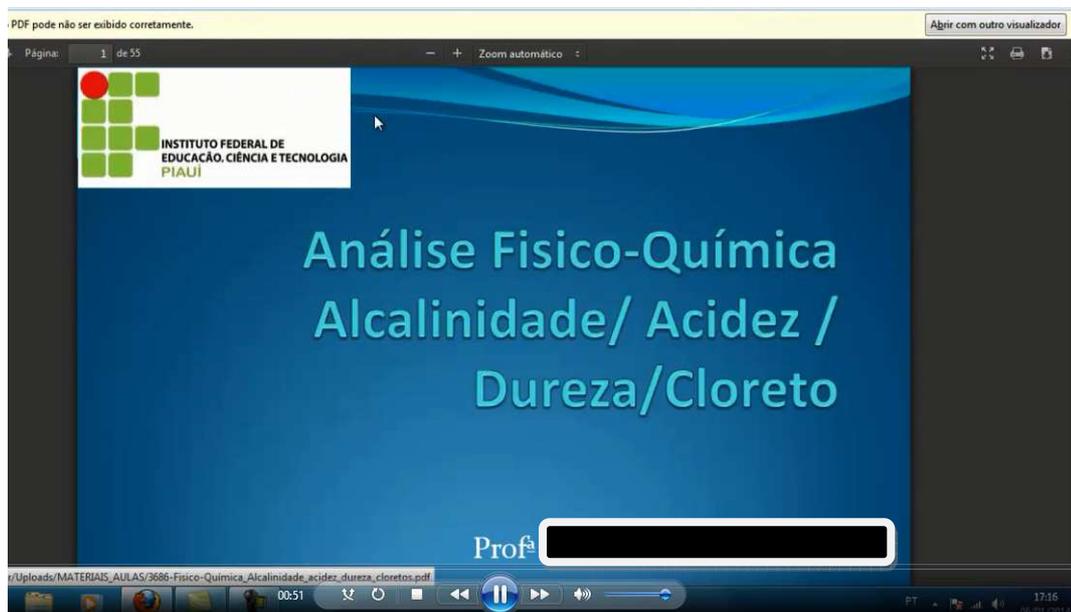
Data de publicação	Diário
	<b>55813 - 20131.ISA.4M - ANÁLISE FÍSICO-QUÍMICA D'ÁGUA - 60HRS(60H)</b>
23/06/2013	Material: <a href="#">Análises Físico-química: ph,condutividade, temperatura e turbidez</a>
23/06/2013	Material: <a href="#">Revisão</a>
23/06/2013	Material: <a href="#">Introdução Microbiologia</a>
23/08/2013	Material: <a href="#">Cloração</a>
	Observações: 2 Bimestre
23/08/2013	Material: <a href="#">Cor e Fluoretação</a>
	Observações: 2 Bimestre
28/08/2013	Material: <a href="#">Espectrofotometria</a>
28/10/2013	Material: <a href="#">Resíduos: RCD</a>
01/11/2013	Material: <a href="#">Resíduo de Serviço de Saúde</a>
14/11/2013	Material: <a href="#">Seminário Resíduo</a>
01/11/2013	Material: <a href="#">Artigo Resíduo Radioativo</a>
01/11/2013	Material: <a href="#">Artigo AterroXIncineração</a>
01/11/2013	Material: <a href="#">Artigo Situação Teresina</a>
01/11/2013	Material: <a href="#">Alcalinidade,acidez, dureza e cloreto</a>
	<b>55814 - 20131.ISA.4M - ANÁLISE FÍSICO-QUÍMICA E MICROBIOLÓGICA DO ESGOTO(60H)</b>
14/08/2013	Material: <a href="#">Indicadores</a>
14/08/2013	Material: <a href="#">Contagem de Placas</a>
14/08/2013	Material: <a href="#">Coloração Gram</a>
02/10/2013	Material: <a href="#">Métodos de Análises</a>
	<b>55823 - 20131.ISA.4M - RESÍDUOS SÓLIDOS(90H)</b>
14/11/2013	Material: <a href="#">Seminário Resíduo</a>

isico-Química Alcalinidade acidez dureza cloretos.pdf DE CARVALHO LIMA © 2004

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

O aluno escolheu entre alguns materiais publicados no dia 01/11/13, intitulado alcalinidade-acidez-dureza e cloreto. Ao clicar no material, abriu o slide (figura 15) abaixo:

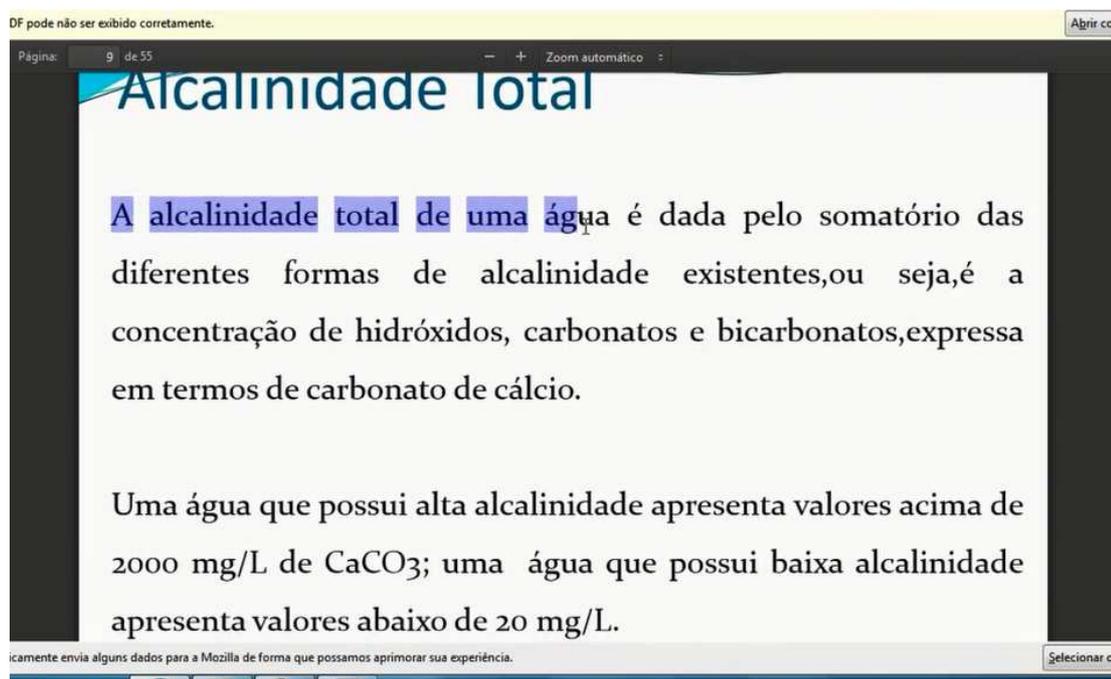
**Figura 19 - Tela de navegação do aluno Pedro – Slide inserido pelo Professor**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O aluno leu parcialmente os slides, rapidamente como quem busca uma agulha no palheiro, desceu os slides e localizou o conceito de alcalinidade total da água. Tentou selecionar, mas o slides não permitiu.

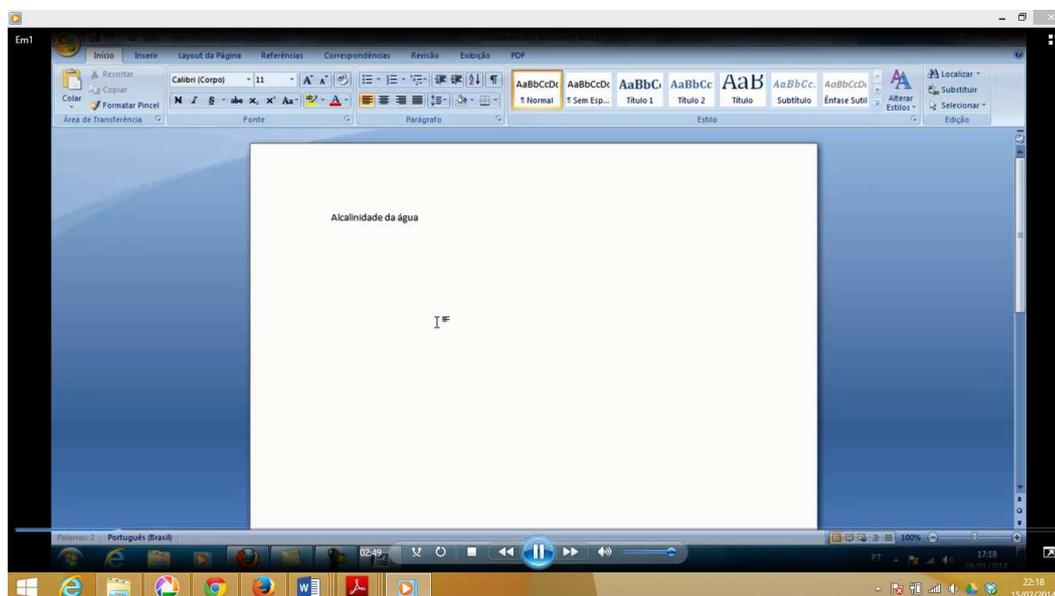
**Figura 20 - Tela de navegação do aluno Pedro – Aluno selecionando item do Slide**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O aluno abriu um documento do word em branco e escreveu: Alcalinidade da água.

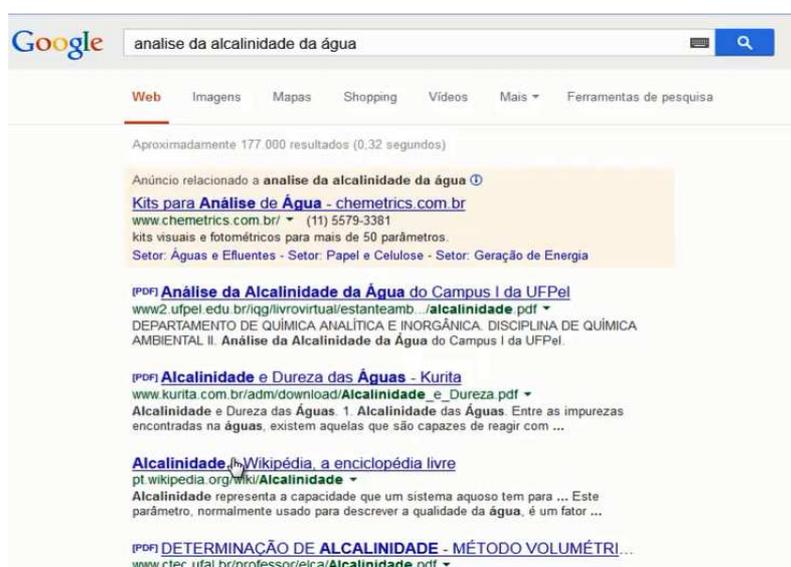
**Figura 21 - Tela de navegação do aluno Pedro – Aluno construindo o texto a partir de pesquisas na Internet**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Havia 3 abas abertas: Acadêmico do IFPI/CTZS, Google e Facebook. O aluno abria e fechava as abas à medida que ia fazendo o texto no Word, pesquisou no Google o termo: análise da alcalinidade da água. Visualizou o resultado da pesquisa, clicou no link que remetia ao Wikipédia e selecionou o conceito de alcalinidade total da água ao mesmo tempo em que pesquisava no Google o termo dureza da água.

**Figura 22 - Tela de navegação do aluno Pedro – Pesquisa no Google**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

À medida que o aluno lia o texto no Wikipédia, ele selecionava as partes que para ele eram interessantes incluir no arquivo word que ele estava construindo. Fez nova pesquisa no Google com o termo alcalinidade da água que resultou em 178.00 resultados; ele leu brevemente os resultados e escolheu aquele que continha o título alcalinidade.

**Figura 23 - Tela de navegação do aluno Pedro – Selecionando um resultado da pesquisa no Google**



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Selecionou a definição de alcalinidade e colou no documento do word.

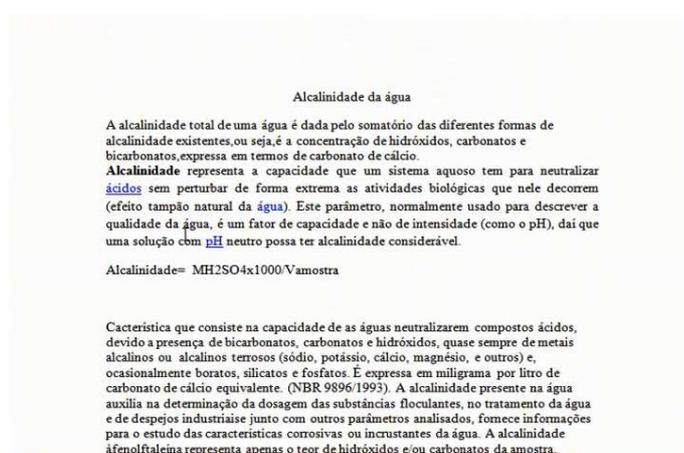
**Figura 24 - Tela de navegação do aluno Pedro – Seleção para montagem do texto**

	<p><b>Ministério da Educação</b> Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Curitiba – Departamento de Química e Biologia Disciplina: ANÁLISE DE CONTAMINANTES AMBIENTAIS</p>
Prof. Colombo	Determinação da ALCALINIDADE EM ÁGUAS
<b>1- INTRODUÇÃO</b>	
<p><b>DEFINIÇÃO:</b> Característica que consiste na capacidade de as águas neutralizarem compostos ácidos, devido a presença de bicarbonatos, carbonatos e hidróxidos, quase sempre de metais alcalinos ou alcalinos terrosos (sódio, potássio, cálcio, magnésio, e outros) e, ocasionalmente boratos, silicatos e fosfatos. É expressa em miligrama por litro de carbonato de cálcio equivalente. (NBR 9896/1993).</p>	
<p>A alcalinidade presente na água auxilia na determinação da dosagem das substâncias floculantes, no tratamento da água e de despejos industriais e junto com outros parâmetros analisados, fornece informações para o estudo das características corrosivas ou incrustantes da água.</p>	
<p>A alcalinidade à fenolftaleína representa apenas o teor de hidróxidos e/ou carbonatos da amostra, expresso em termos de <math>\text{CaCO}_3</math>. Enquanto a alcalinidade total representa o teor de hidróxidos, carbonatos e bicarbonatos da amostra, expressa em termos de <math>\text{CaCO}_3</math>.</p>	
<p>Uma água que possui alta alcalinidade apresenta valores acima de 2000 mg/L de <math>\text{CaCO}_3</math>; uma água que possui baixa alcalinidade apresenta valores abaixo de 20 mg/L.</p>	
<p><b>MÉTODOS:</b> 1) Método titulométrico com indicador. 2) Método potenciométrico.</p>	
<b>2- OBJETIVO</b>	

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao mesmo tempo, o aluno pesquisava assuntos relacionados a hobbies e interesses pessoais, abria o Facebook, conferia se tinha alguma mensagem ou nova postagem e também construía o texto analisando várias definições de alcalinidade da água, dureza da água e cloreto. Durante 30 minutos, ele foi pesquisando no Google cada termo e construindo um texto à parte, como se costurasse palavras. Finalizado o texto, ele gravou em um pendrive.

**Figura 25 - Tela de navegação do aluno Pedro – Documento do Word finalizado**



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Percebemos que o aluno foi colando e copiando o texto gradualmente ligando-o a uma rede de outros textos. A partir do material disponibilizado pela professora, o aluno foi pesquisando os termos no *Google*, lia os resultados, escolhia um texto, abria, o conteúdo não tinha a ver com o que ele estava pesquisando, voltava pesquisava de novo, num trabalho de garimpagem na web, colocava os termos no Google e ia vendo pelas breves descrições o que tinha a ver com o que ele queria para o trabalho dele; pelo modo de navegação do aluno, ele se enquadra no que Santaella define como navegador detetive; ele já possui internalizado um processo de navegação e repete como um hábito, utiliza um site de busca, digita a palavra e seleciona o que quer; na última pesquisa com o termo cloreto, ele demorou mais a encontrar o texto que desejava, devido haver vários tipos de cloretos; ele poderia restringir a pesquisa colocando o tipo de cloreto, como exemplo: cloreto de prata ou cloreto de sódio, o que depende também do que o aluno deseja para o seu trabalho.

Ao observar a navegação do aluno, percebemos que não houve referência aos autores dos conteúdos acessados. Questionado sobre o que o aluno faria com o texto

construído durante a navegação, o aluno disse que irá fazer o trabalho juntamente com outros alunos, o que nos traz a preocupação se esse aluno fará com seu grupo um grande “corta e cola” ou se irá debater e retirar dessa discussão uma produção autoral do grupo. Sabemos que esse não é o objeto de estudo dessa pesquisa, porém abre-se uma discussão que futuramente poderá ser objeto de estudo de outros pesquisadores, sobre como fica a escrita autoral dos alunos na contemporaneidade.

**Quadro 11 - Descritivo de observação de navegação da aluna Iara**

Tempo de navegação: 30 min.	
<b>Aluno observado:</b>	Iara, 17 anos, 2º ano do Curso Técnico Integrado em Saneamento Ambiental
<b>Conteúdo a pesquisar:</b>	Trabalho de sociologia  A origem da sociologia no Brasil
<b>Sites navegados:</b>	1ª Aba: Site BrasilEscola 2ª Aba: Facebook> 3ª Aba: Google>Pesquisa do termo Sociologia do Brasil 4ª Aba:Google> Pesquisa do termo História da sociologia 5ª Aba: Google> Pesquisa do termo: História da Sociologia do Brasil
<b>Programas utilizados:</b>	Word – editor de textos
<b>Estratégias de pesquisa:</b>	Não utiliza estratégias, coloca os termos de acordo com o assunto que o professor indica.
<b>Crítérios de escolha de busca:</b>	<i>Escolho os sites que têm Edu, BrasilEdu, EscolaEdu</i>
<b>Observações:</b>	A aluna durante a navegação pesquisou sobre os assuntos de sociologia e, ao abrir uma página, copiava o texto e colava para o documento Word, sem alteração. Ao mesmo tempo fez um pôster para um evento religioso. Ao tempo que acessava o Facebook e conversava com os amigos que estavam online.

Ao acessar o Google, a aluna buscou por: Sociologia e selecionou o link do site Brasil Escola.

Figura 26 - Tela de navegação da aluna Iara – Site Brasil Escola



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Abriu um documento no Word, copiou e colou o texto, depois fez uma nova pesquisa com o termo: Sociologia no Brasil.

Figura 27 - Tela de navegação da aluna Iara – Resultado da pesquisa no Google



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Selecionou o texto, copiou e colou no documento Word.

Figura 28 - Tela de navegação da aluna Iara – Site Brasil Cultura

The screenshot shows a web browser window with the URL 'cultura.com.br/sociologia/sociologia-no-brasil/'. The page features the 'brasilcultura' logo and a navigation menu with items like 'início', 'sobre', 'seções', 'destaques', 'agenda', 'noticias', 'almanaque', 'anuncie', and 'contato'. The main content is titled 'Sociologia No Brasil' and includes a publication date of 9/11/2009. A central image shows three men, with the caption 'Sociologia Brasileira'. To the right, there is a sidebar with 'base da cultura', 'acompanhe' (with Twitter and RSS feeds), and 'boletim' (newsletter sign-up).

**Sociologia No Brasil**  
 Publicado em 9/11/2009 by Redação, nas categorias **Sociologia**.

A **Sociologia** é uma das ciências humanas que estuda a sociedade, ou seja, estuda o comportamento humano em função do meio e os processos que interligam os indivíduos em associações, grupos e instituições. Enquanto o indivíduo na sua singularidade é estudado pela psicologia, a Sociologia tem uma base *teórico-metodológica*, que serve para estudar os fenômenos sociais, tentando explicá-los, analisando os homens em suas relações de interdependência. Compreender as diferentes sociedades e culturas é um dos objetivos da sociologia.

**1-GERAÇÃO DE 30**  
 A sociologia, como atividade voltada para o conhecimento sistemático e metódico da sociedade, só aparece na década de 30 com a fundação da Universidade de São Paulo, embora o pensamento sociológico já existia no Brasil dès do final do século XIX, desenvolvido por Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões* e nas idéias abolicionistas e republicanas.

Nessa época uma das preocupações em geral dos intelectuais era o interesse da descoberta do Brasil verdadeiro, contradizendo aquela visão etnocêntrica dos europeus. Buscavam também desenvolver e modernizar a estrutura social brasileira.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Ao tempo em que pesquisava sobre o termo sociologia, fazia uma pesquisa sobre terço no Google Imagens:

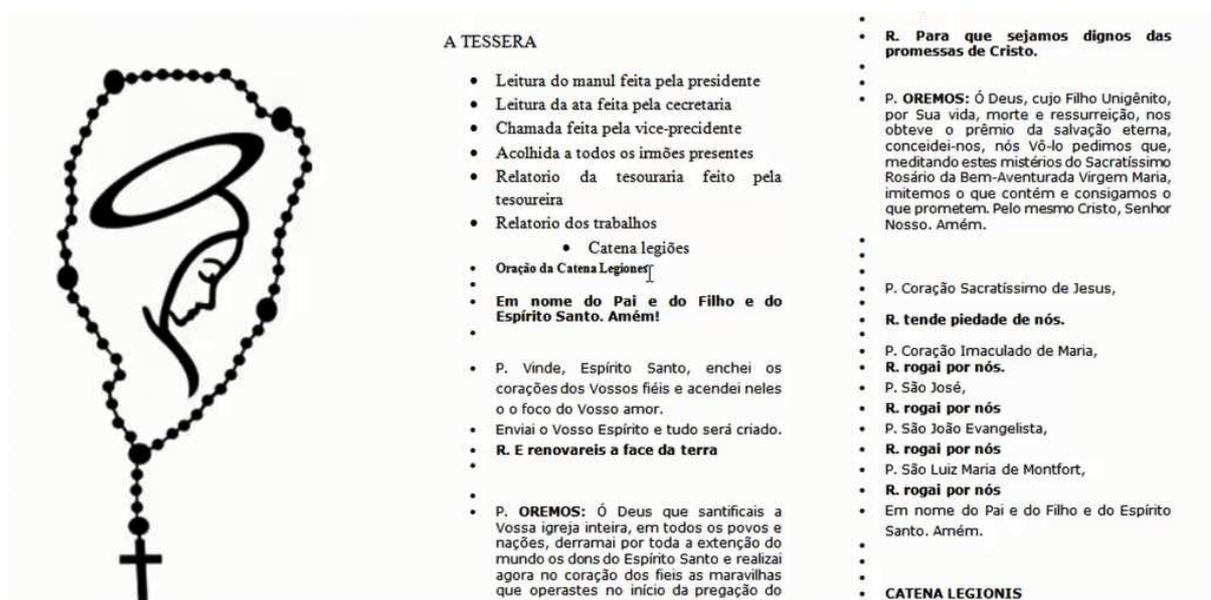
Figura 29 - Tela de navegação da aluna Iara – Pesquisa de Imagens

The screenshot shows a Google search for 'terço'. The search results are displayed in a grid format. The first row shows three image thumbnails: 'Terço Tattoo', 'Terço na Mão', and 'Santo Terço'. The second row shows several diagrams and images of different styles of prayer beads, including a red cross, a blue cross, and a black cross. The third row shows more diagrams and images of prayer beads, including a blue cross and a black cross. The search results are displayed in a grid format.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Finalizada a pesquisa sobre o trabalho do professor de sociologia, a aluna fez pesquisas no Google sobre uma religião e elaborou à parte orações para um fôlder para um evento da Igreja de que é membro.

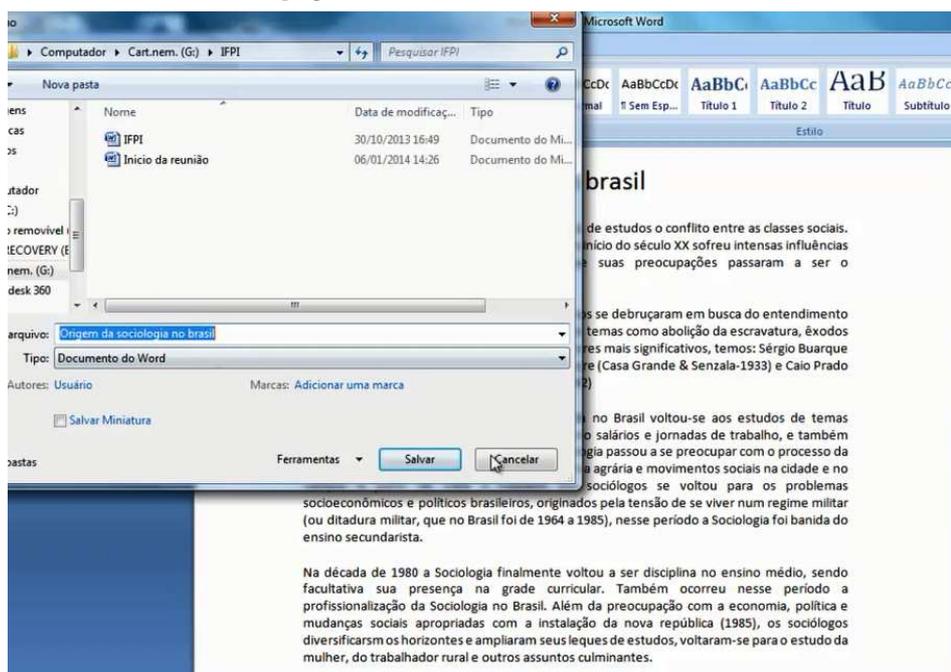
**Figura 30 - Tela de navegação da aluna Iara – Construção do Folder no Word**



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Trabalho sobre sociologia: finalizado, a aluna salvou em seu celular:

**Figura 31 - Tela de navegação da aluna Iara – Salvando o trabalho no Word**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

**Quadro 12 - Descritivo de observação de navegação da aluna Raquel**

Tempo de navegação: 30 min.	
<b>Aluno observado:</b>	Raquel, 15 anos, 1º ano do Curso Técnico Integrado em Confeção de Vestuário
<b>Conteúdo a pesquisar:</b>	Neonazismo de Sociologia (Trabalho em grupo) e Tecido muscular de Biologia
<b>Sites navegados:</b>	1ª Aba: Google> Pesquisa com o termo Neonazismo 2ª Aba: Facebook> 3ª Aba: Google>Pesquisa do termo tecido muscular 4ª Aba: E-mail 5ª Aba Site de músicas
<b>Programas utilizados:</b>	Word – editor de textos
<b>Estratégias de pesquisa:</b>	Utilizou os termos que o professor indicou
<b>Crítérios de escolha de busca</b>	<i>Procuro o que é mais atualizado.</i>
<b>Observações:</b>	A aluna pesquisou informações sobre Neonazismo para um trabalho em grupo, depois sobre tecidos musculares para um trabalho de biologia. Ao final da elaboração do documento Word, salvou e enviou para o seu e-mail, ao tempo em que ouvia suas músicas favoritas, quando a música era em língua estrangeira, pesquisava a letra no Google, copiava, abria o Google Tradutor e colava fazendo a tradução da letra, também navegou no Facebook, curtindo fotos de amigos e vendo algumas postagens.

A aluna pesquisou no Google o termo Neonazismo e escolheu o primeiro resultado da busca, um link para o wikipédia:

**Figura 32 - Tela de navegação da aluna Raquel – Pesquisa no Google**

The screenshot shows a Google search for "Neonazismo". The search bar contains the text "Neonazismo" and a magnifying glass icon. Below the search bar, there are tabs for "Web", "Imagens", "Notícias", "Vídeos", "Livros", "Mais", and "Ferramentas de pesquisa". The search results indicate approximately 214,000 results found in 0.21 seconds. The first result is "Neonazismo – Wikipédia, a enciclopédia livre" with the URL "pt.wikipedia.org/wiki/Neonazismo". The snippet below the link reads: "O neonazismo está associado ao resgate do nazismo, ideologia política propagada por Adolf Hitler, no começo da década de 1920. 1 O movimento -neonazista ... Negacionismo, negação ou ... - Grupos neonazistas - Grupos racistas não correlatos". The second result is "Neonazismo no Brasil – Wikipédia, a enciclopédia livre" with the URL "pt.wikipedia.org/wiki/Neonazismo\_no\_Brasil". Its snippet reads: "O movimento neonazista surgiu no Brasil no início da década de 1980, em meio à efervescência local do movimento punk. 1 As duas subculturas, por sua vez, ...". Below the text results, there is a section titled "Imagens de Neonazismo - Denunciar imagens" which includes a collage of images: a group of people with the word "CARECAS" above them, a person with a swastika on their shirt, and a person with a swastika on a wall. To the right of the images is a bar chart. Below the images, there is a link "Os neonazistas - Brasil Escola" with the URL "www.brasilestela.com > Geografia > Curiosidades". The snippet below this link reads: "Símbolo que pode ser considerado como o logotipo do nazismo e que ainda é usado pelos neonazistas. O nazismo é uma ideologia política racista que ...".

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A aluna fez a leitura do conteúdo do wikipédia.

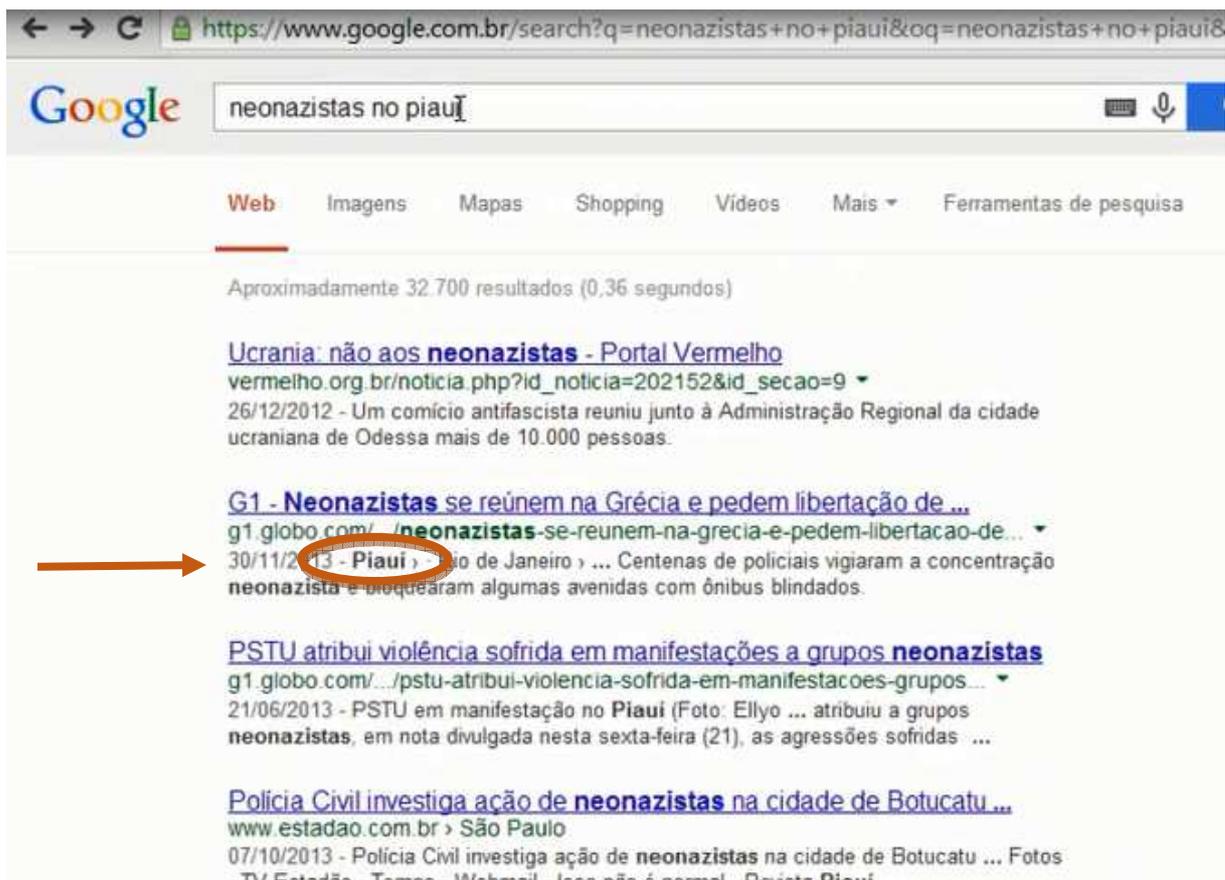
**Figura 33 - Tela de navegação da aluna Raquel - Wikipédia**

The screenshot shows the Portuguese Wikipedia page for "Neonazismo". The page title is "Neonazismo" and the subtitle is "Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre." There is a warning box that says: "Esta página ou secção foi marcada para revisão, devido a inconsistências e/ou dados de confiabilidade duvidosa. Se tem algum conhecimento sobre o tema, por favor, verifique e melhore a consistência e o rigor deste artigo. Para associar este artigo com um WikiProjeto e colocar uma explicação mais detalhada na discussão." Below the warning, the main text of the article begins: "O neonazismo está associado ao resgate do nazismo, ideologia política propagada por Adolf Hitler, no começo da década de 1920. 1 O movimento -neonazista tem suas origens assentadas na intolerância e em preceitos racialistas, primando sempre pela "raça pura ariana" ou pela "superioridade da raça branca". 1 Os seguidores da doutrina em sua maioria promovem discriminação contra minorias e grupos específicos, como homossexuais, negros, estrangeiros 1 americanos, judeus e comunistas (bem como outras correntes político-ideológicas correlatas à esquerda política), além de imigrantes caboclos e islâmicos. Algumas correntes preferem apenas a segregação da "raça pura ariana" das demais "raças", condenando agressões físicas contra tais grupos (muitas vezes condenando também a violência moral e psicológica). Outras promovem explicitamente o ataque físico aos grupos citados. Há grande oposição vinda dos neonazistas de grupos punks, fazendo com que cresça uma hostilidade entre os dois grupos. Alguns grupos chegam a defender o uso da força para tomar o controle do Estado ou segregar regiões através de movimentos separatistas, como o Neuland. 2 3 4 5". Below the main text, there is a section titled "Índice [esconder]" with a list of contents: "1 Negacionismo, negação ou minimização do Holocausto", "2 Grupos neonazistas", "2.1 Influências", "2.2 Recrutamento", "3 Grupos racistas não correlatos", "4 Influência musical". On the left side of the page, there is a sidebar with the Wikipedia logo and various navigation links such as "Página principal", "Conteúdo destacado", "Eventos atuais", "Esplanada", "Página aleatória", "Portais", "Informar um erro", "Colaboração", "Bom-vindas", "Ajuda", "Página de testes", "Portal comunitário", "Mudanças recentes", "Manutenção", "Criar página", "Páginas novas", "Contato", "Donativos", "Imprimir/exportar", "Ferramentas", and "Noutras línguas".

Fonte: Dados da pesquisa(2014)

A Aluna fez uma pesquisa com o termo nazistas no Piauí, e o Google não retornou nos resultados que falasse sobre o assunto; teve resultados nos quais o termo Piauí aparecia, mas os conteúdos recuperados não eram o que a aluna precisava.

**Figura 34 - Tela de navegação da aluna Raquel – Pesquisa no Google**

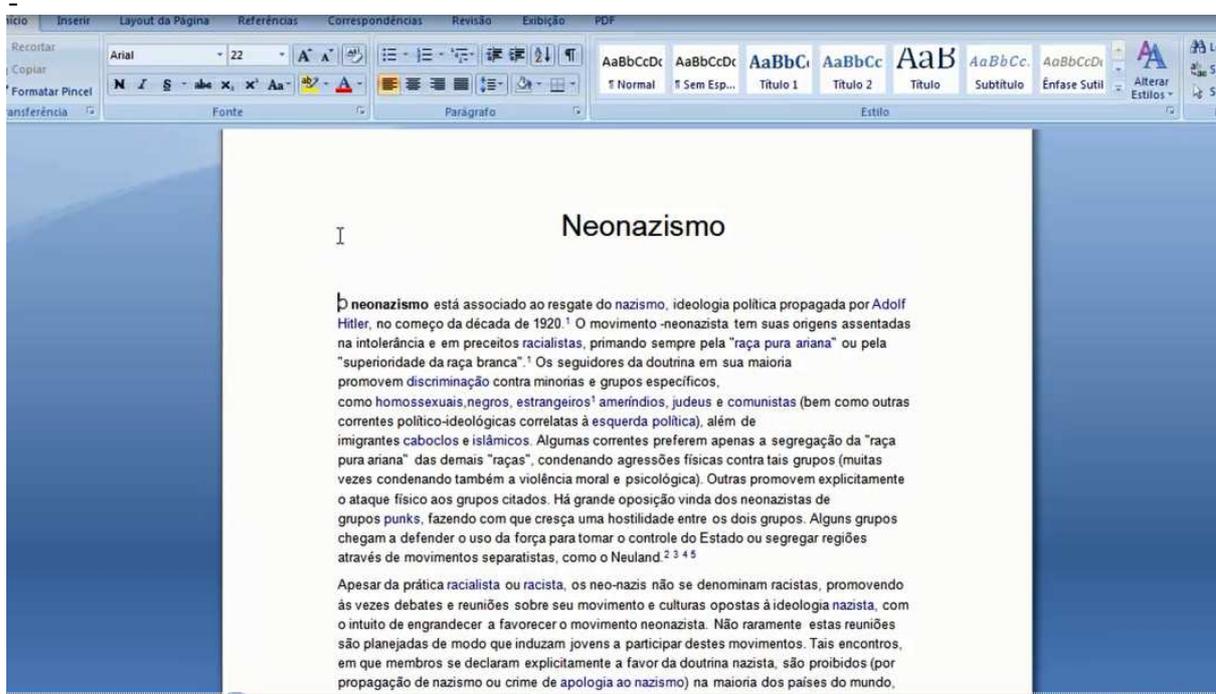


Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Questionada sobre o que ela poderia fazer para conseguir a informação, a aluna disse não saber. Os alunos devem ser orientados que existem bibliotecas e centros de estudos históricos nos quais eles podem conseguir informações que não constem na Internet.

A aluna resolveu fazer seu trabalho com os dados do site Wikipédia, selecionou, copiou e colou no documento *Word*, conforme a figura abaixo:

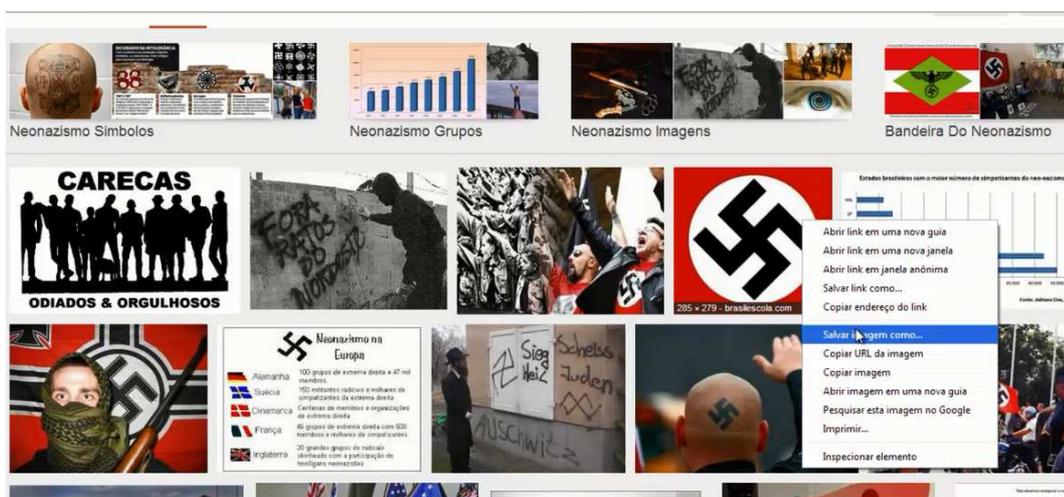
**Figura 35 - Tela de navegação da aluna Raquel – Construção de texto no Word**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

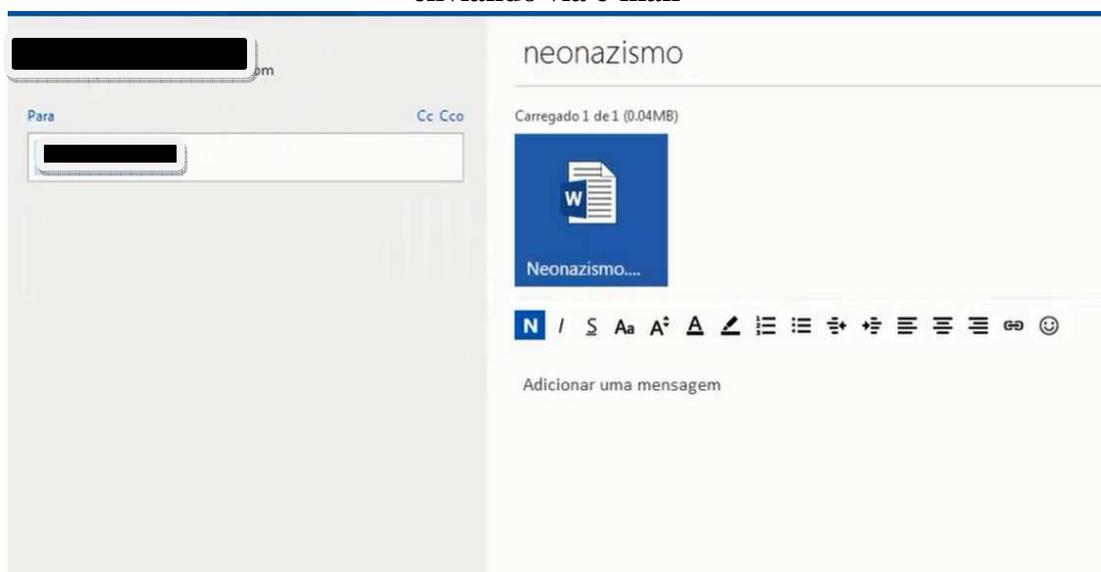
Depois pesquisou imagens do neonazismo no Google Imagens e salvou uma imagem no computador para inserir em seu trabalho.

**Figura 36 - Tela de navegação da aluna Raquel – Pesquisa de Imagens no Google**



Fonte: Dados da pesquisa

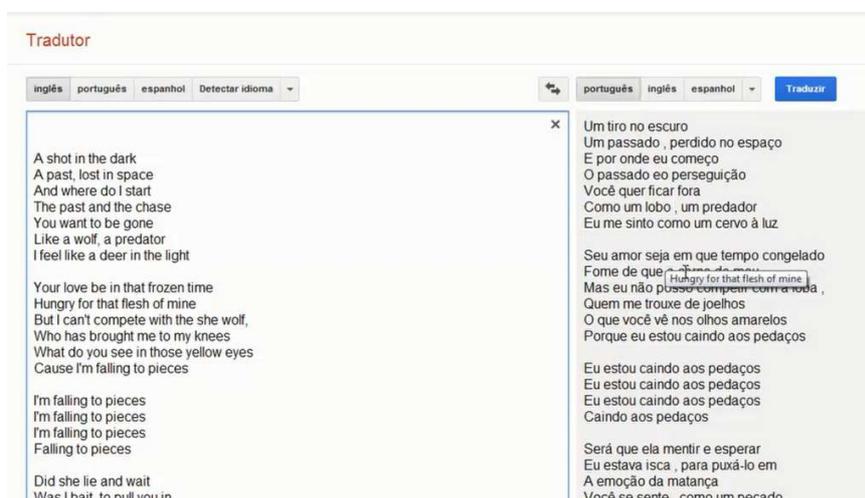
**Figura 37- Tela de navegação da aluna Raquel – Anexando o documento finalizado e enviando via e-mail**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A aluna realiza o mesmo procedimento com o termo tecidos musculares, pesquisa no Google o termo, escolhe o link do Wikipédia, seleciona o conteúdo do site, copia e cola para o documento Word aberto, salva e envia para o seu e-mail. Enquanto isso, pesquisa sobre letras de música, curte postagens no *Facebook*, seleciona músicas para ouvir, quando toca música de língua estrangeira, a aluna abre a aba do navegador, procura o Google Tradutor, copia e cola a letra da música; o Google tradutor traduz e a aluna faz a leitura da tradução.

**Figura 38 - Tela de navegação da aluna Raquel – Tradução de letra de música**



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao analisarmos as navegações dos alunos, todos seguem um mesmo padrão de pesquisa, se diferenciando nos estilos de buscas e em suas preferências pessoais; primeiro realizam a pesquisa de um assunto que o professor indicou, seja trabalho individual ou em grupo, pesquisam no Google, garimpam os resultados, selecionam o documento, selecionam, copiam e colam, construindo um novo documento em cima do que vão encontrando na Web. Enquanto constroem, visitam outros sites, mídias sociais, batem papo com os amigos, o que nos mostra que a leitura dos alunos é superficial, pode ser que depois eles façam uma leitura mais intensiva dos documentos construídos, o que apenas em um estudo longitudinal poderia ser verificado. A escola deve estar atenta a essa concepção de pesquisa pelo aluno, que pode não estar aproveitando a Internet.

Contudo, foi possível perceber que, durante as navegações, eles leem vários documentos na hipermídia, leem, garimpando os textos, diversos assuntos correlacionados ao que eles pesquisam, seja vídeo, imagem ou texto, num movimento que contribui para seu desenvolvimento cognitivo.

**Quadro 13 - Descritivo de observação de navegação do aluno Carlos**

Tempo de navegação: 30 min.	
<b>Aluno observado:</b>	Carlos, 15 anos, 2º ano do Curso Técnico Integrado em Edificações
<b>Conteúdo a pesquisar:</b>	Conteúdo da disciplina Desenho Arquitetônico II
<b>Sites navegados:</b>	1ª Aba: <i>Google</i> > Pesquisa com os termos: 3608/2007 prefeitura de Teresina 2ª Aba: <i>Facebook</i> > 3ª Aba: <i>Google</i> > Pesquisa do termo transtornos psicológicos 4ª Aba: E-mail 5ª Aba: Site de venda de artigos esportivos Netshoes
<b>Programas utilizados:</b>	Não houve
<b>Estratégias de pesquisa:</b>	Pesquisa no Google e utiliza os termos que conhece para localizar os textos que procura.
<b>Critérios de escolha de busca</b>	<i>Utiliza o Google.com, porque é mais rápido.</i>
<b>Observações:</b>	<i>Como se tratava de uma lei específica, o aluno utilizou os conhecimentos que tinha; segundo ele, imaginou que o site da</i>

	<i>prefeitura teria o documento que ele estava precisando.</i>
	O aluno pesquisou informações sobre a lei complementar 3608/2007, que trata da regulamentação de obras e edificações no município de Teresina, interagiu com os colegas de turma via <i>Facebook</i> , acessou o e-mail da turma e mandou um aviso para os colegas; observamos que os professores postam os conteúdos no e-mail da turma para que eles leiam como material de apoio, também navegou no <i>Facebook</i> , curtindo fotos de amigos e vendo algumas postagens; finalizou a navegação analisando preços de tênis em sites de venda de artigos esportivos e buscando listas de livros de fantasia épicas do ano de 2013.

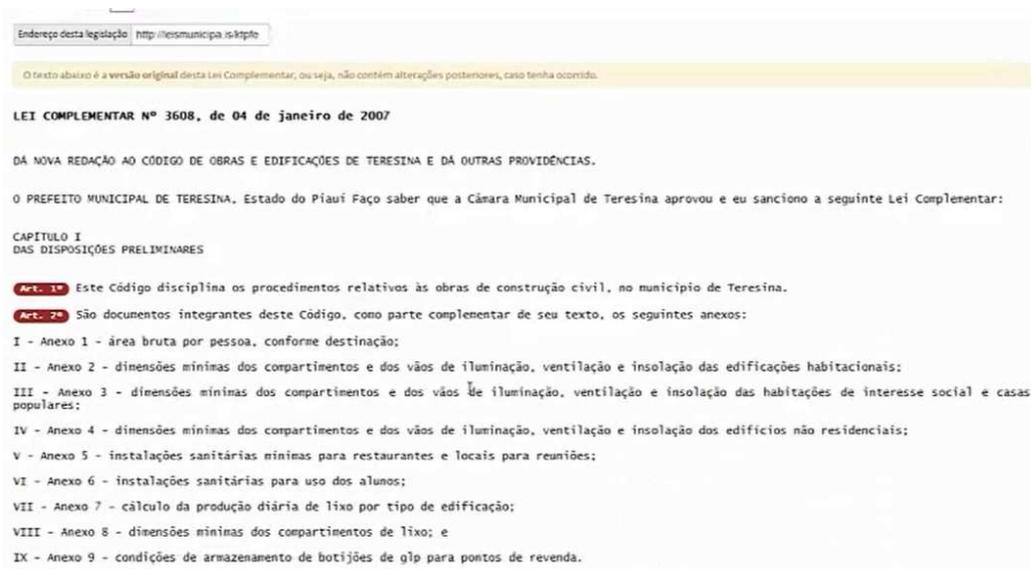
O aluno iniciou a navegação acessando o *Facebook* e buscando uma mensagem que os colegas socializaram na *Internet*; eles criaram uma conversa no bate-papo do *Facebook* para tratarem de assuntos da disciplina Desenho Arquitetônico II; nessa conversa, eles anotam o que o professor solicita que eles estudem para prova ou trabalho da disciplina. Com a criação dessa conversa, eles debatem o tema com um maior número de alunos da turma 205 de Edificações. A mensagem estava intitulada 333 Construções; acessando o bate-papo da mensagem, o aluno selecionou o termo: 3806/2007, uma lei complementar da prefeitura de Teresina, que é a regulamentação de obras e edificações no município de Teresina.

Figura 39 - Tela de navegação do aluno Carlos – Pesquisa no Google



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Figura 40 - Tela de navegação do aluno Carlos – Pesquisa no Google



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Ao realizar a pesquisa, o aluno questionava aos colegas incluídos na mensagem sobre alguns tópicos que ele notou não estarem incluídos na conversa, por exemplo: o item Garagem.

Figura 41 - Tela de navegação do aluno Carlos – Facebook



Fonte: Dados da Pesquisa, (2014)

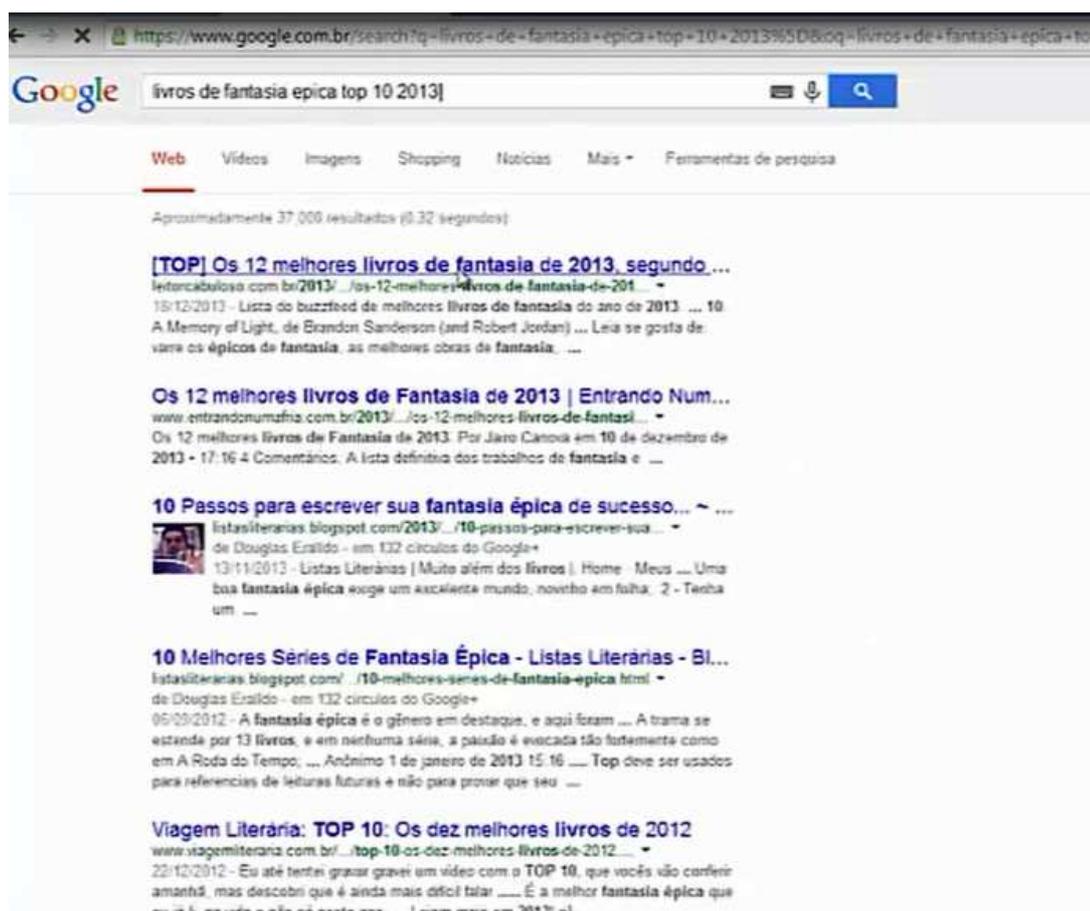
Diferente dos alunos anteriores, o uso que o aluno Carlos fez do *Facebook*, não é apenas para se distrair, curtindo fotos e conversando (teclando) com os amigos; ele utiliza essa mídia social para ajudar nos seus estudos, interagindo com a turma, trocando opiniões e informações a respeito do conteúdo visto em sala de aula.

À medida que fazia pesquisas na internet, ele interagiu com os colegas online, questionando-os sobre tópicos ausentes na lista de ambientes que o outro colega postou; ele observa que faltou o item garagem e avisa os colegas, digitando: falta o item 7 – Garagem.

Finalizando a pesquisa, o aluno acessou o e-mail da turma e enviou um e-mail solicitando que seja marcada uma reunião em breve para escolha de líderes de turma, limpeza do e-mail etc.

Depois ele pesquisou sobre livros de fantasia épica, como segue na captura de tela abaixo:

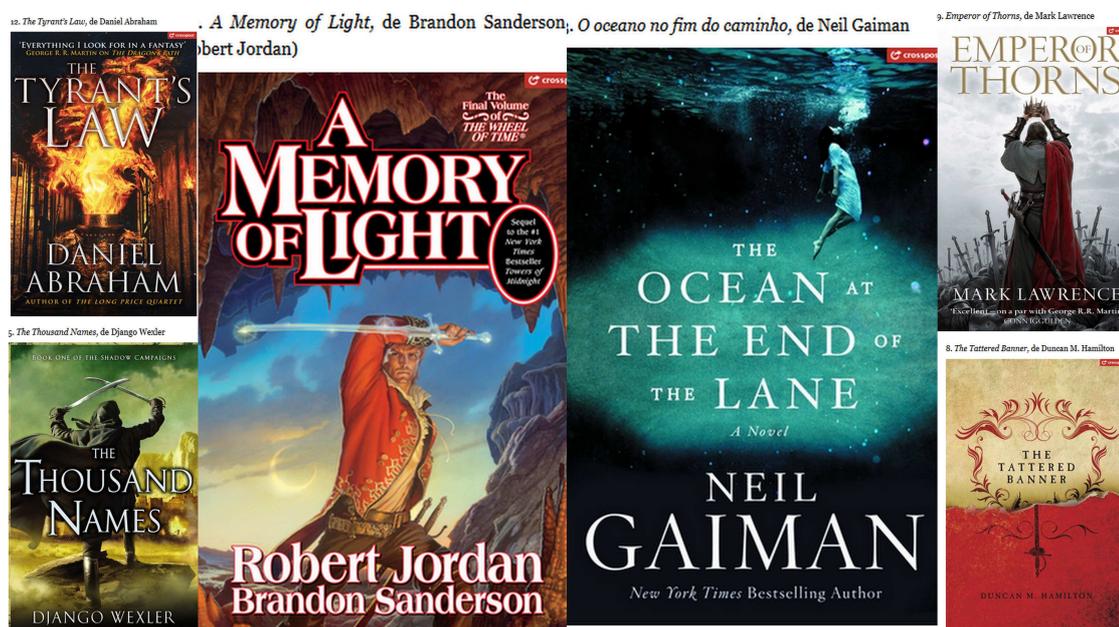
Figura 42 - Tela de navegação do aluno Carlos – Pesquisa no Google



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Encontrou vários livros na língua inglesa conforme a figura abaixo:

Figura 43 - Reunião da relação de obras analisadas pelo aluno Carlos – Site Entrandonumafria<sup>15</sup>



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Ao pesquisar o site, o aluno Carlos encontrou uma relação de livros sobre fantasia épica, com resenhas e indicações de leitura. A lista consultada pelo aluno traz o livro com título original e informações a respeito da publicação em português, se existe ou não, e qual editora publicou. Abaixo da foto segue a seguinte descrição:

Figura 44 - Crítica e informações sobre a obra The ocean at the lane de Neil Gaiman – Site Entrandonumafria

O único da lista que já foi traduzido, mas não se esperava menos do Gaiman.

**Por que está na lista:** é Neil Gaiman

**Leia se você gosta de:** horror bucólico, ficção adulta do Neil Gaiman, crianças preciosas que são sábias além da idade.

No Brasil: dá outro post inteiro o que já foi publicado do [Neil Gaiman](#), [O oceano no final do caminho](#) foi lançado no Brasil pela Intrínseca.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

<sup>15</sup> Endereço do site: <http://www.entrandonumafria.com.br/2013/12/os-12-melhores-livros-de-fantasia-de-2013.html>

Confirma-se, com a navegação do aluno Carlos, que o leitor da era digital é mais livre à medida que possui mecanismos que anteriormente não existia, uma teia que alimenta outra teia de informações; a lista de livros remeterá o aluno a pesquisar e selecionar o livro com a informação que ele deseja ler, seja em meio impresso ou digital.

Segundo Santaella, (2004), “se o usuário for uma pessoa curiosa pode passar horas e esquecer o motivo pelo qual entrou na rede”, o que percebemos é que os alunos priorizam cumprir uma tarefa inicial, ao entrar na web, o que poderíamos chamar de leitura prioritária. Os pesquisados dão voltas, se perdem e se encontram nas leituras da Internet, o que, na nossa opinião, chega a ser um ponto positivo, porque, nessa procura, o usuário vai encontrando leituras que de alguma forma podem contribuir para um melhor esclarecimento de variados assuntos correlacionados com o tema que eles estão pesquisando ou buscam compreender melhor. O aluno Carlos, após encontrar a lei 3608/2007, continuou navegando outros temas e assuntos à procura de informações que, naquele momento, ele desejava compreender. A navegação do aluno confirma seu gosto por literatura americana de ficção, declarado na entrevista e mostra que o adolescente sabe como escolher os futuros livros que irá ler, pois visita blogs de resumos, lendo resenhas e sugestões dos livros mais lidos durante o ano de 2013. Em uma análise voltada mais para a questão do consumo nos dias atuais atrelada aos jovens, percebe-se uma tendência consumista para livros internacionais do que os nacionais, o que penso ser objeto para futuros estudos. Pois se nota muita literatura americana, não só nas livrarias, como também nas solicitações dos alunos que frequentam a biblioteca do Campus Teresina Zona Sul. Lembrando um caso acontecido em junho de 2011, quando a crítica literária americana Meghan Cox Gurdon levou a literatura infanto-juvenil a ser um dos assuntos mais comentados do *Twitter* nos Estados Unidos. Num artigo publicado no site do *The Wall Street Journal*, Meghan conta a experiência de uma mulher de Maryland que foi a uma livraria à procura de um romance para presentear a filha de 13 anos e acabou saindo de mãos vazias, desanimada com a incessante escuridão dos livros da seção de infanto-juvenis.

Após a publicação desse artigo, Meghan foi atacada por leitores, escritores e representantes da indústria dos livros por fazer uma dura crítica ao que se tem produzido para o público jovem americano: livros sombrios, com temas como sequestros, incesto, distúrbios alimentares e automutilação.

Meghan fala de livros como *The Lying Game*, de Sara Chepard, *Abandon*, de Meg Cabot, e *Between Shades of Gray*, de Ruta Sepetys, que estiveram na lista dos infanto-juvenis mais vendidos do jornal *New York Times* nos últimos meses. Poucas horas depois da

publicação do artigo de Meghan Cox Gurdon, ele se tornou um dos tópicos mais comentados do *Twitter* dos Estados Unidos. “Idiota”, “ignorante”, “irresponsável” e “condenável” foram alguns dos adjetivos usados junto ao nome da americana pelos furiosos adolescentes defensores dessa literatura infanto-juvenil. Ela chegou a ser acusada de estar argumentando contra o ato da leitura, encorajando os jovens a se afastar do hábito de ler. Um exemplo dessa literatura dita sombria? “Eu costumava me contorcer quando ouvia pessoas falando sobre automutilação – tirar uma navalha de sua própria carne nunca me pareceu lógico. Mas na verdade é maravilhoso. Você pode cortar de você todas as frustrações que as pessoas colocam em você.” Esse trecho está na contracapa – local onde as editoras tentam ganhar os possíveis compradores – de um dos livros que se encaixam na crítica de Meghan. Para ela, está claro que o livro não é a única coisa sendo vendida aí, mas também a ideia de que a automutilação é uma saída para os problemas. Os defensores desse tipo de literatura dizem que esse tipo de temática tem uma função terapêutica para os adolescentes que passam por dramas pessoais semelhantes. “Infanto-Juvenil salva” era a *hashtag* de milhares dos posts do *Twitter* daqueles que escolheram expressar sua raiva em 140 caracteres ou menos”, escreveu Meghan em “*My ‘Reprehensible’ Take on Teen Literature*” - “Minha repreensível opinião sobre a literatura juvenil”, em tradução nossa), artigo que escreveu em resposta às críticas ao seu primeiro texto. Para ela, é verdade que esse tipo de romance pode ajudar crianças em situações sérias e angustiantes, mas a questão maior que se coloca é se livros sobre sequestros, incesto, distúrbios alimentares e automutilação não acabam por tornar normal esse tipo de comportamento para a grande maioria das crianças que estão simplesmente vivendo os rotineiros e já estressantes desafios da adolescência.

Com esse argumento, Meghan também foi acusada de ter falhado no entendimento das brutais realidades enfrentadas pelos adolescentes modernos, ao que ela respondeu dizendo não acreditar que a maioria dos adolescentes americanos viva em algo parecido com o inferno para precisar de livros assim. “A adolescência pode ser um período turbulento, mas não dura para sempre e com frequência – deixando de lado os casos mais tristes, é claro – parece muito mais dramático no momento do que parecerá no futuro”, escreveu.

No Brasil, o gosto literário dos jovens brasileiros parece ser um pouco diferente daquele dos americanos. Enquanto por lá figuram livros com temáticas mais pesadas e sombrias entre os preferidos, aqui o tema fantástico é o predileto, comprovado neste relatório

de pesquisa. O americano Rick Riordan é quem domina os primeiros lugares com os títulos *O Herói Perdido*, *O Ladrão de Raios* e *O Último Olimpiano* – livros que também fazem sucesso nos EUA. Para Pascoal Soto, *publisher* da editora Leya Brasil, é possível notar uma tendência no mercado editorial infanto-juvenil para livros que abordem temas mais afinados com a realidade dos adolescentes.

No que tange às práticas de leitura, os alunos tendem a gostar de livros de ficção científica e de histórias épicas fantásticas. Leem por obrigação livros da literatura brasileira e regionais, por os professores indicarem e depois cobrarem o assunto em avaliações; no caso da literatura piauiense, o que não quer dizer que isso seja algo negativo; a pesquisa mostrou que as indicações dos professores por estas obras são importantes, pois uma das alunas entrevistadas disse que, a partir da indicação desse tipo de livros, surgiu a necessidade de aprofundar e conhecer outros livros de literatura piauiense. Sendo válida e importante a indicação de livros pelos professores.

#### Quadro 14 - Descritivo de observação de navegação da aluna Nanda

Tempo de navegação: 35 min.	
<b>Aluno observado:</b>	Nanda, 18 anos, 2º ano do Curso Técnico Integrado em Saneamento Ambiental
<b>Conteúdo a pesquisar:</b>	Conteúdo da disciplina Português do Ensino Médio, trabalho indicado pela professora.
<b>Sites navegados:</b>	1ª Aba: <i>Google</i> > Pesquisa com os termos: artigos classificação conceito artigo gramática 2ª Aba: <i>Facebook</i> > 3ª Aba: E-mail do <i>hotmail</i>
<b>Programas utilizados:</b>	Não houve
<b>Estratégias de pesquisa:</b>	Pesquisa no <i>Google</i> , utilizando os termos que conhecia para localizar os textos que possivelmente pudessem ajudá-la a compreender melhor o assunto Artigo.
<b>Crítérios de escolha de busca</b>	<i>A aluna utilizou o site de pesquisa Google, colocou o termo: “artigo”, porém o termo pesquisado possuía vários significados, artigo (de lei no direito), artigo na (gramática portuguesa), o que teve, como retorno, inúmeros resultados. A aluna filtrou a</i>

	<i>pesquisa inserindo o termo gramática e depois classificação até localizar o conteúdo que, segundo ela, contribuiria para o trabalho que a professora havia solicitado.</i>
<b>Observações:</b>	A aluna buscou por 20 minutos o termo “artigo”; nestes 20 minutos, lia textos que falavam a respeito do tema, voltava, fazia nova pesquisa, também acessou o <i>Facebook</i> , o correio eletrônico, e o site do IFPI.

Nanda é aluna do 2º ano do curso técnico em Saneamento Ambiental integrado ao médio; ao analisar a navegação da aluna, nota-se que inicialmente a aluna, ao pesquisar no *Google* o termo “artigo”, realizou várias buscas do assunto a ser estudado.

Observamos que a aluna não teve dificuldades em localizar os textos sobre o assunto pesquisado.

Aos poucos a aluna foi filtrando a pesquisa no *Google*, auxiliada pela função de autocompletar do buscador como segue nas imagens relacionadas à pesquisa feita pela aluna em diferentes momentos de sua navegação (conforme figuras a seguir).

A aluna precisava pesquisar sobre o assunto Artigo, da língua portuguesa; apesar de ter muitas gramáticas que continham o assunto na biblioteca, a aluna preferiu acessar à *internet* para estudar, pois, segundo ela, é mais rápido e simples, não precisa ficar virando páginas. Seguimos, portanto, analisando a navegação da aluna:

Figura 45 - Resumo da pesquisa no Google da aluna Nanda



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao utilizar a função “autocompletar” do Google, esse funciona como a imagem da figura. Ela abre um menu que fornece opções: *Continue você* para continuar digitando; provavelmente vai encontrar aquilo que estava procurando inicialmente. Isso só “corrige” sua pesquisa, formulando uma frase de busca melhor redigida que a sua, já que ela assume que uma busca mais comum trará mais resultados.

E é isso que acontece na pesquisa da aluna: ela segue filtrando, aceitando a sugestão da função autocompletar do Google, a fim de encontrar resultados mais específicos sobre o tema. E é o que acontece conforme figura 46, extraída da navegação da aluna:

Figura 46 - Busca inicial da aluna – site do Google



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

No caso de Nanda, o método utilizado por ela, é semelhante ao descrito por Santaella (2004, p. 112) como internauta detetive; ela faz inferências dedutivas, ela vai encontrando pistas na função autocompletar do Google e vai seguindo; a cada resultado bem sucedido, ela imediatamente converte em regra para ser aplicada em uma busca mais bem elaborada para ser seguida em situações similares.

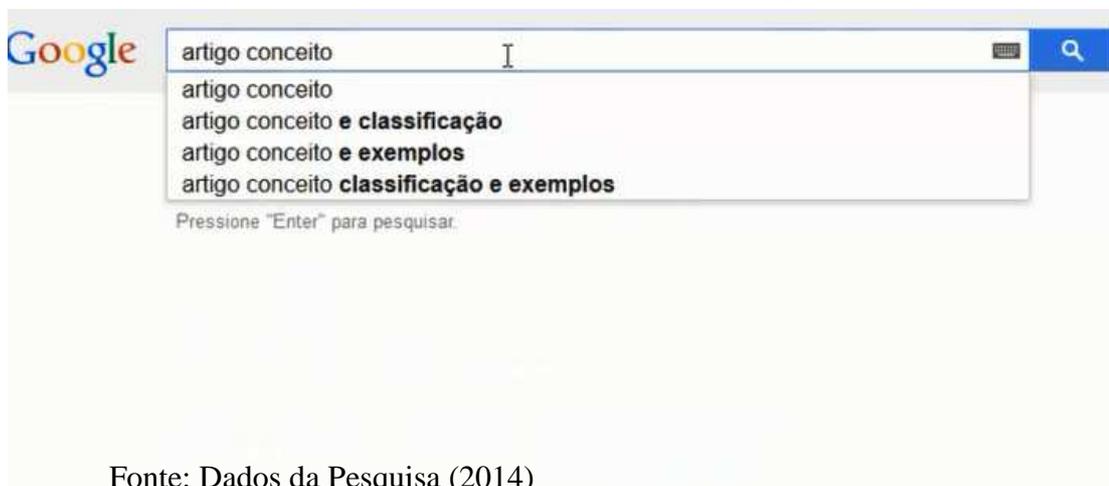
Figura 47 - Tentativa de especificação de pesquisa pela aluna – site do Google



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Ao pesquisar sobre o assunto artigo, a aluna navegou por sites que a levaram de uma leitura abrangente do assunto para uma leitura mais específica sob vários aspectos: conceito, classificação, emprego e uso dos artigos.

Figura 48 - Tentativa de especificação restrição de pesquisa – site do Google



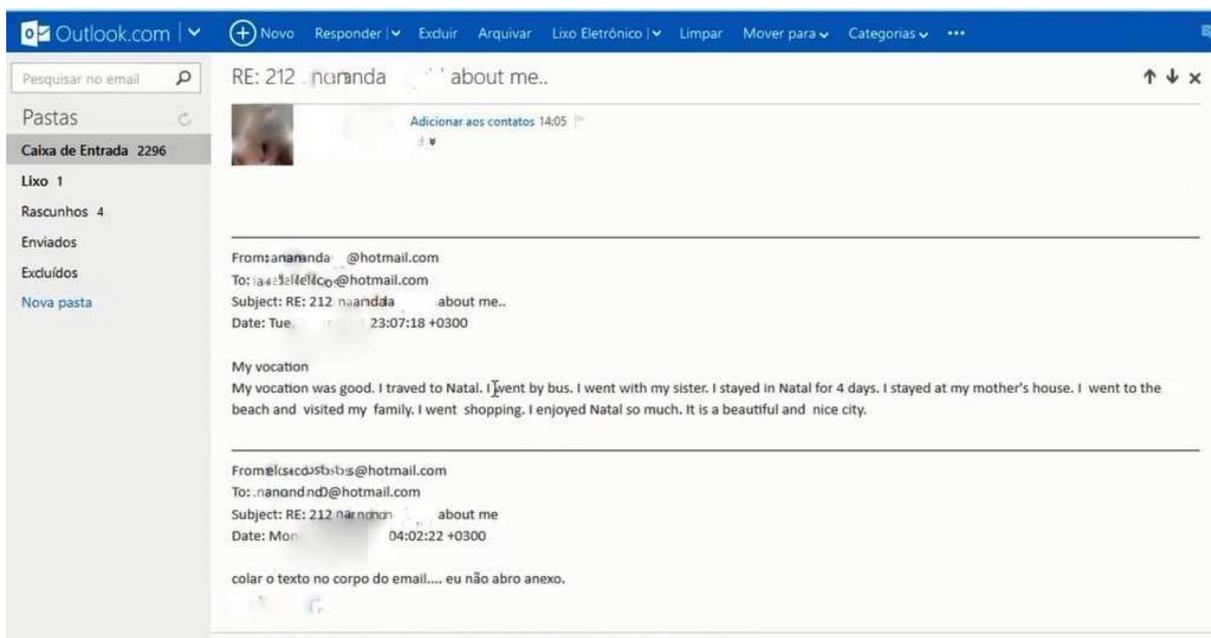
Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Localizados os assuntos, a aluna se concentrou na leitura dos textos e anotações; questionada se para ela havia diferença entre a leitura de um texto eletrônico e a leitura de um texto impresso, a aluna explicou que para ela não há diferença, o suporte é que é diferente, mas o conteúdo é o mesmo, a mensagem a ser passada na leitura seria a mesma.

Um diferencial da navegação da aluna com relação aos demais pesquisados é a ela não utilizar o recurso copiar e colar em um novo documento digital e enviar ou salvar o

arquivo, como os outros estudantes analisados fizeram. A aluna Nanda leu atentamente, todas as páginas que abriu, fazendo, ao mesmo tempo em que lia, anotações em seu caderno. Após navegar por cerca de 11 páginas que tratavam do assunto “artigo”, a aluna entrou em seu e-mail e respondeu a mensagem da professora de Inglês.

Figura 49 - Atividade de inglês via e-mail



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A aluna, ao acessar o e-mail, enviou uma mensagem para a professora de inglês descrevendo suas férias; ao ser questionada sobre o que ela estava fazendo, disse ser uma atividade de inglês. A professora solicitou que os alunos escrevessem em inglês uma mensagem para ela. Observa-se que a professora solicita que os alunos colemb o texto no corpo do e-mail, explicando aos alunos que ela não abre anexos.

Presume-se que a solicitação tenha sido feita por motivo de a professora acessar o e-mail de dispositivo móvel ou não acessar arquivos em anexo prevenindo contaminação de vírus, enfim, somente um estudo longitudinal, com entrevista dos professores, poderíamos entender motivo dessa solicitação da professora de inglês.

Finalizando a análise da navegação da aluna, após fazer anotações e responder ao e-mail dos professores, de inglês e geografia, a aluna acessou o *Facebook*, curtiu fotos de amigos, conversou com colegas.

Acessou o site do IFPI ([www.ifpi.edu.br](http://www.ifpi.edu.br)) e buscou o link de acesso às notícias do Campus Teresina Zona Sul; acessou e leu o edital de seleção de monitorias para o ano de 2014. Como segue a imagem da figura 50.

Figura 50 - Aluna abrindo o edital de monitoria dos cursos técnicos



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Figura 51 - Acessando o edital de monitoria dos cursos técnicos



Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

A aluna logo depois acessou a área de concursos do IFPI, que a redirecionou para o site da empresa responsável por organizar o concurso, como segue abaixo:

Figura 52 - Aluna acessando o site da Funrio para se inscrever no concurso do IFPI para cargos de Técnicos- Administrativos.

The screenshot shows the website of FUNRIO (Fundação de Apoio a Pesquisa, Ensino e Assistência). The header includes the logo and the text 'FUNRIO - Fundação de Apoio a Pesquisa, Ensino e Assistência'. A navigation menu on the left lists 'Cursos', 'Concursos', 'Concursos UNIRIO', 'Eventos', and 'Notícias'. The main content area features a 'Bem-vindo' message and a list of 'Concursos em Andamento' (Ongoing Competitions). A mouse cursor is pointing at the first item in the list: 'Instituto Federal do Piauí - IFPI-TAE - Técnico-Administrativos em Educação'.

**FUNRIO - Fundação de Apoio a Pesquisa, Ensino e Assistência**

Adicionar aos favoritos  
Você está navegando em site seguro

**Bem-vindo**  
Fundação de Apoio a Pesquisa, Ensino e Assistência à Escola de Medicina e Cirurgia e ao Hospital Universitário Gaffrée e Guinle

**FUNRIO**  
Por Melhorar Saúde e Pesquisa, Ensino e Assistência

**Página Principal**

**Concursos em Andamento**

- Instituto Federal do Piauí - IFPI-TAE - Técnico-Administrativos em Educação
- Instituto Federal do Piauí - IFPI - Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
- Instituto Federal da Bahia - IFBA - Técnico-Administrativos em Educação
- Instituto Nacional do Seguro Social - Analista do Seguro Social
- Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – Analista em Tecnologia da Informação
- Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer – CTI - 2012
- Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA - 2012
- Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada - CEITEC - 2012

Site Seguro ICP-BRASIL

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Analisando a navegação da aluna, percebe-se que é uma aluna que utiliza bem os recursos que a Internet oferece; caracteriza-se como uma navegadora experiente. Santaella (2004, p.119) afirma que o navegador experiente conhece vários esquemas de navegação, que seriam informações internalizadas sobre a classe de procedimentos a que cada esquema se aplica. Em alguns momentos, a aluna acionou o esquema apropriado, adaptou a situação dada e executou os procedimentos adequados; ela inicialmente mostrou um pouco de desorientação, por motivo do termo “artigo” ter vários significados, mas logo esse problema foi solucionado com a ajuda da função autocompletar do Google e, com o conhecimento prévio da aluna sobre o assunto a ser pesquisado, ela realizou a delimitação do termo e seguiu acessando páginas resultantes da pesquisa no Google. Lendo exaustivamente o conteúdo, percebe-se que a leitura nas redes desenvolve no usuário outros tipos de competências: a

capacidade de enxergar o conteúdo de múltiplos pontos de vista. Assimilar a informação e improvisar em resposta ao fluxo acelerado dos textos e imagens em um ambiente mutável.

### Quadro 13 - Descritivo de observação de navegação do aluno Thesco

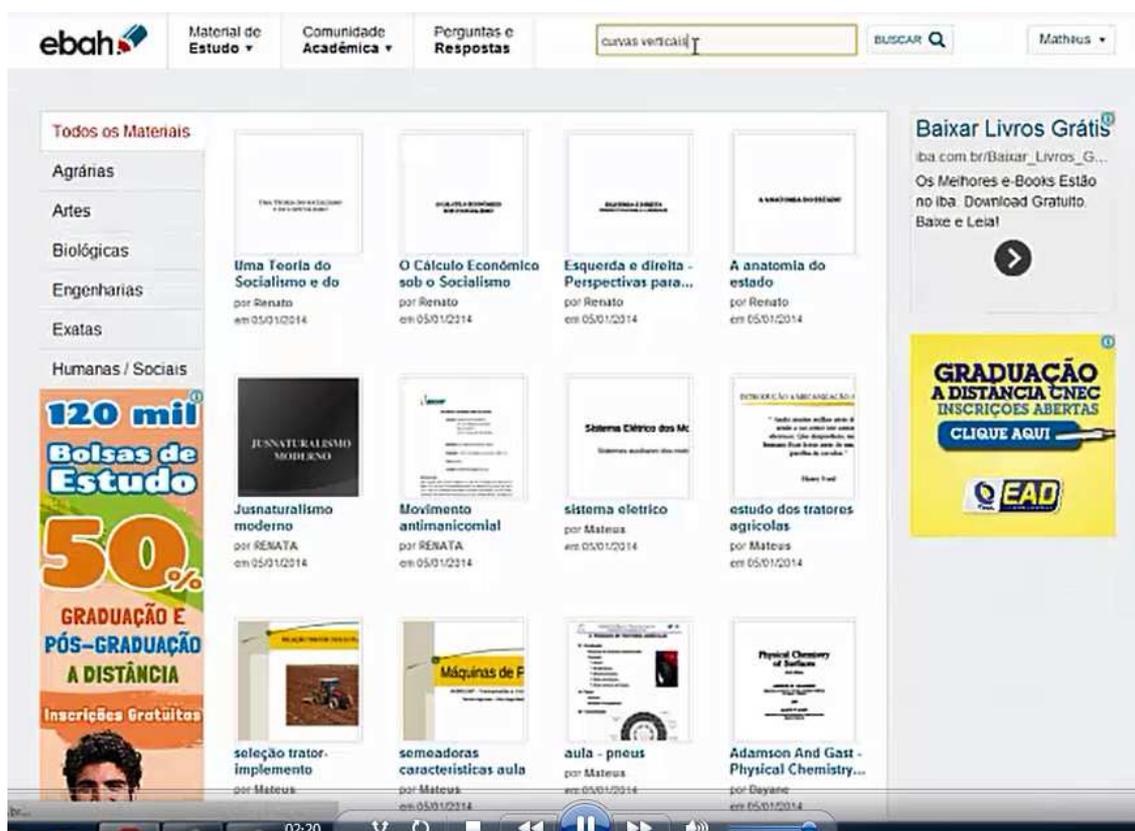
Tempo de navegação: 30 min.	
<b>Aluno observado:</b>	Thesco, 19 anos, 4º ano do Curso Técnico Integrado em Edificações
<b>Conteúdo a pesquisar:</b>	Conteúdo da disciplina Projeto Geométrico em Rodovias
<b>Sites navegados:</b>	1ª Aba: <i>Google</i> > Pesquisa com os termos: Ebah 2ª Aba: <i>Ebah</i> > Pesquisa com o termo: curvas verticais 3ª Aba: <i>PCI concursos</i> > Concursos em Nordeste 4ª Aba: E-mail 5ª Aba: Veduca 6ª Aba: <i>Google</i> > Pesquisa com o termo Faculdade.
<b>Programas utilizados:</b>	Não houve
<b>Estratégias de pesquisa:</b>	Pesquisa no Google e utiliza os termos que conhece para localizar os textos que procura.
<b>Critérios de escolha de busca</b>	Segundo sua necessidade informacional, se satisfaz a dúvida que o aluno tem no momento da leitura.
<b>Observações:</b>	O aluno pesquisou inicialmente no Google, que o direcionou à rede social para compartilhamento de trabalhos acadêmicos Ebah!, no site Ebah!; o aluno fez download de alguns arquivos, apostilas, depois acessou um site voltado para concursos, onde está disponível editais de seleção em sua maioria de empresas públicas; finalizando a navegação, o aluno visitou o site veduca e novamente o Google.

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O aluno, assim como os outros pesquisados, iniciou a navegação pesquisando no site Google, inseriu o termo Ebah e logo depois clicou no primeiro resultado da pesquisa; o aluno já sabia qual site ele queria ir, só utilizou o Google para agilizar a ida ao site. Chegando

ao site, o aluno pesquisou o termo: curvas verticais, encontrou alguns arquivos e, ao se deparar com um artigo específico que tratava do assunto do qual ele gostaria de obter maiores informações, optou por fazer o download do arquivo,

Figura 53 - Aluno acessando o site da Ebah! – Rede social para compartilhamento acadêmico.



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Após analisar o resultado da busca, que continha uma lista de documentos relacionados ao termo “curvas verticais”, o aluno realizou download do trabalho de um estudante do IFPA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. No site Ebah!, alunos e professores trocam informações a respeito de inúmeros cursos; são 190.700 materiais disponíveis para consulta e download; o site possui cerca de 2.800.000 alunos e 204.000 professores cadastrados.

Figura 54 - Trabalho selecionado pelo aluno Thesco para download do site Ebah!,

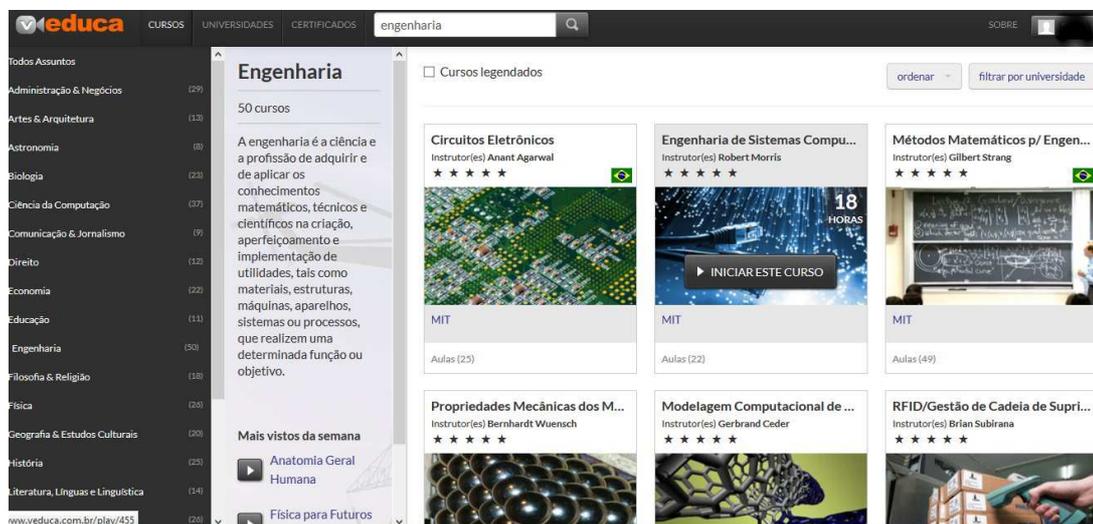


Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

O aluno disse ser apaixonado pela área de engenharia civil e, no curso técnico, busca aprofundar seus conhecimentos para futuramente tentar uma faculdade de engenharia civil. Durante a observação de sua navegação, foi possível notar que, no histórico da navegação do aluno no Ebah!, ele havia acessado conteúdos sobre robótica, o que confirma que o aluno tem aprofundado suas leituras, oriundas da curiosidade, visto que, no curso técnico em edificações, não existe a disciplina de robótica.

Após fazer download de mais dois materiais do site Ebah!, o aluno acessou seu e-mail e depois o site de concursos PCI concursos para acessar o link do seletivo dos correios para fazer sua inscrição no cargo de Jovem Aprendiz. Após fazer a inscrição, o aluno acessou o Portal Veduca, organizado pela USP e UFSC, é um portal de cursos gratuitos com vídeo aulas, e o aluno pesquisou cursos de engenharia. A pesquisa retornou cerca de 50 cursos disponíveis; questionado sobre se os cursos do site Veduca o ajudavam, ele disse que sim, que, apesar de ser um estudo mais avançado do que ele costuma ter no ensino técnico, ele disse aproveitar para aprender caso um dia se torne engenheiro.

Figura 55 - Imagem do Acesso do aluno Thesco ao pesquisar o assunto Engenharia site Veduca<sup>16</sup>



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Ao fazer análise das práticas de leitura do aluno, observamos que o prosumidor das redes, tanto quanto os leitores do passado, sabem à maneira deles, como acessar livros e artigos. É um leitor que utiliza o recurso tecnológico buscando aprender, seja por livre apreensão de conteúdos de seu interesse ou por simples acesso à informação, o que não quer necessariamente dizer que houve aprendizagem. O aluno, ao pesquisar sobre um concurso que ele pretende fazer ou para ler uma informação sobre o clima, não implica aprendizagem. Trata-se de uma informação para aplicação imediata que dura na memória o tempo exíguo de sua aplicabilidade.

Durante a navegação do aluno, houve, em alguns momentos, a procura por informação e outros momentos a busca pela obtenção de conhecimento, almejando incrementar sua aprendizagem no curso técnico; o aluno, ao acessar o site Veduca, busca não só se informar, mas reter a informação na memória por um tempo indeterminado para ser aplicado em situações futuras quando elas surgirem. Isso se caracteriza como conhecimento adquirido (SANTAELLA, 2013, p.290). A análise da navegação do aluno comprova que os alunos, apesar de não se darem conta da importância dessas investidas em busca por novos conhecimentos, seja nos livros impressos, nas revistas, no conteúdo online, é justamente esse exercício diário, que irá fazer com que aprendam de maneira significativa.

<sup>16</sup> Endereço: [www.veduca.com.br](http://www.veduca.com.br)

## QUADRO DE RESUMO DAS ANÁLISES

**Quadro 15 - Práticas de leitura na cultura digital oriundas da formação técnica –  
Resumo da análise**

Práticas oriundas da formação técnica	Pedro (17 anos)	Iara (17 anos)	Raquel (15 anos)	Carlos (15 anos)	Nanda (18 anos)	Thesco (18 anos)
Estratégias de pesquisa	Utiliza a <i>Internet</i> como principal fonte de pesquisa, e também realizam pesquisas na biblioteca. Como estratégia de pesquisa, lançam o assunto que o professor indica e selecionam o documento nos resultados da busca do Google. Quando não encontram na Internet, desistem de buscar com o termo que o professor indicou e pesquisa com outros termos semelhantes; frequentemente, encontram o assunto da área técnica nos livros da biblioteca.					
Dificuldades	Quando realizam pesquisas de assuntos na Internet, devido à quantidade de resultados da pesquisa, se sentem desorientados, em alguns casos, dizem se sentir perdidos (Entrevista). Na navegação, os usuários mostraram ter facilidade de selecionar os conteúdos na internet, tendo como base o auxílio do material postado pelo professor. Ao realizar pesquisa de assuntos na Internet, dizem não localizar os conteúdos referente à formação profissional técnica. De acordo com os alunos, a quantidade de informação é imensa, dificultando na escolha do que pode ser útil. Os entrevistados concordam que preferem consultar os livros com conteúdo da formação técnica na biblioteca.					
Facilidades	Para os alunos, pesquisar na Internet é fácil, além dos recursos que possui, como compartilhar o que se lê. Consideram a Internet a maior biblioteca que existe e exalta o modo de pesquisar e encontrar informações de vários lugares, como também o Ensino à Distância; ela diz ser interessante poder estudar em casa, no horário que lhe convém.					
Artefatos utilizados	Computador e dispositivo móvel: <i>smartphone</i> onde acessam a <i>Internet</i> e consultam: livros, artigos de revistas e jornais eletrônicos, sites de busca e mídias sociais. Em formato analógico: livros, jornais e revistas impressos.					

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

**Quadro 16 - Práticas de leitura na cultura digital oriundas das vontades individuais dos alunos – Resumo da análise**

Práticas oriundas das vontades individuais dos alunos	Pedro (17 anos)	Iara (17 anos)	Raquel (15 anos)	Carlos (15 anos)	Nanda (18 anos)	Thesco (18 anos)
Estratégias de pesquisa	Com relação às estratégias de pesquisa em suas leituras individuais, os alunos pesquisam usando os termos que conhecem sobre o assunto, visitam sites de busca e consultam até localizar o conteúdo que satisfaçam sua curiosidade ou necessidade informacional.					
Dificuldades	Foi possível perceber que os alunos não têm dificuldade em pesquisar assuntos para prática de leitura oriunda de vontade individual ou lazer, porque, ao entrarem no site de pesquisas, colocam o termo que eles procuram e como eles têm domínio do conteúdo que estão buscando, mesmo a pesquisa retornando milhões de resultados, eles localizam rápido o que desejam.					
Facilidades	Para os alunos pesquisar na <i>Internet</i> é fácil, além dos recursos que possui, como compartilhamento, opção de curtir e comentar sobre o que se lê.					
Artefatos utilizados	O computador onde acessam a Internet e consultam: livros, artigos de revistas e jornais eletrônicos, sites de busca e mídias sociais. O celular também aparece como artefato cultural utilizado pelos alunos, assim como a televisão. Na biblioteca, os alunos utilizam: livros, jornais e revistas impressos.					

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cerne desta pesquisa, estão questões que envolvem as práticas de leitura contemporâneas, envolvendo educação e as tecnologias digitais. A proposta de trabalho consistiu em fazer uma análise compreensiva das práticas de leitura dos alunos do curso técnico integrado acerca do uso de informações *online* ou *off-line*; buscou-se compreender o perfil do leitor estudante do IFPI/CTZS, quais as práticas e estratégias de leitura por eles realizadas, os artefatos culturais que utilizam, buscando compreender ainda quais as dificuldades e facilidades que eles encontram em suas práticas leitoras e, por fim, como ampliar repertórios de leitura na biblioteca.

As reflexões aqui expostas estão imbricadas nos resultados obtidos nas ações e nas atividades desenvolvidas no período da pesquisa, seja através de leituras em livros de autores que versam sobre o tema, tais como: Adams (2010), Castells (2004), Lévy (1999), Santaella (2004, 2005, 2013), Certeau (1998), Chartier (1998, 1999, 2004, 2010), Lopes (2010, 2012), Santos (2011,2013), Freire (1989) e em documentos oficiais, artigos de periódicos, dissertações e teses; ou em atividades desenvolvidas no campo empírico.

*In loco*, fiz uso de instrumentos metodológicos como questionário e observação com gravação da navegação do aluno, acompanhando o aluno registrando os dados no formulário de observação; o áudio das entrevistas foi transcrito e constam como apêndice nesta dissertação. Para o aprofundamento da investigação, utilizei o recurso da entrevista com questões semiestruturadas, com apoio de roteiro previamente organizado por eixos temáticos. Desta forma, acredito que, a partir da reflexão sobre os dados coletados, foi possível identificar uma contribuição para a problemática levantada.

Posso, em síntese, afirmar que os alunos do curso técnico integrado do IFPI - Campus Teresina Zona Sul, configurada como campo empírico da pesquisa, reconhecem a importância da leitura para o desenvolvimento educacional e sociocultural, e utilizam tanto os livros impressos quanto os conteúdos digitais e as tecnologias digitais para suas leituras. Admitem que, através da leitura, potencializam o conhecimento e têm uma melhor assimilação das aulas e dos conteúdos. O desafio, tanto para professores e bibliotecários, é oportunizar aos alunos práticas diferenciadas de leituras, seja com livros impressos, os quais exigem uma leitura mais contemplativa, seja realizando leituras em ambientes digitais – leitura imersiva, ou em dispositivos móveis – leitura ubíqua, o problema pode surgir quando apenas um meio de transmissão de mensagem é utilizado.

Foi observado que, no Campus Teresina Zona Sul, há uma grande parcela de alunos que preferem acessar primeiro a *Internet* para depois procurar a biblioteca; ao questionar os alunos, eles explicaram que preferem a Internet pela facilidade do acesso muitas vezes na palma da mão; os alunos utilizam seus *smartphones* e, ao entrar na escola, conectam via WiFi da Biblioteca que possui acesso livre, mas, apesar da facilidade, eles dizem que em alguns momentos, quando não localizam a informação na internet, procuram a biblioteca e é ela que os “salva”, pois, segundo eles, quando eles precisam, a biblioteca tem o que eles estão precisando.

Descobrimos também que uma boa parcela dos alunos frequentam a biblioteca porém não fazem empréstimos de livros, comprovando que eles vão à biblioteca para acessar a Internet e fazer pesquisas. Com relação aos sites que eles mais acessam, são os seguintes: mídias sociais, *sites* de busca, e e-mail's.

Ao serem questionados sobre as estratégias de pesquisa que eles utilizam para encontrar o que procuram, eles disseram que não utilizam nenhuma estratégia em especial, apenas colocam o conteúdo, relataram que sentem dificuldade quando o Google retorna resultados que eles não conseguem saber se é voltado para o nível de ensino deles. A maioria disse que não confiam nas informações que estão na Internet. Ficou evidente que os alunos precisam de uma orientação; eles disseram preferir quando o professor já indica um site ou lugar onde a informação possa ser encontrada; quando isso não ocorre, eles se sentem um pouco desorientados, porém essa dificuldade relatada é somente relacionada ao conteúdo da área técnica das disciplinas específicas; com relação ao conteúdo do ensino médio, eles pesquisam e encontram com facilidade, além dos livros que recebem do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.

Com relação aos conteúdos dos cursos técnicos, os quais sempre foram uma preocupação da pesquisadora, pois todo ano a biblioteca realiza aquisição de acervo, e os livros da área técnica são na maioria livros com conteúdo de nível superior, encontram-se poucos no mercado editorial voltados para o ensino técnico, o que resultava na preocupação da biblioteca não suprir as fontes de pesquisa para os alunos. O que a pesquisa nos revela de forma clara: os alunos, na entrevista, falaram sobre as suas leituras dos livros da área técnica profissionalizante e disseram que eles gostam de ler, pois, na biblioteca, há livros novos e livros antigos; segundo eles, alguns livros antigos ensinam o **processo** da técnica. Por exemplo: eles dizem que alguns livros novos vêm ensinando como utilizar certa máquina, mas eles não acham muito bom tal encaminhamento, porque a tecnologia muda, as máquinas são

substituídas por novas e mais complexas, e eles gostam dos livros mais antigos que ensinam o processo técnico de algo que eles estão estudando.

Os alunos afirmaram que não têm problema os livros terem conteúdo de nível superior, porque os professores, já sabendo disso, procuram extrair do livro aquilo que possa servir para os alunos, ficando mais na parte introdutória do livro, embora, em alguns casos, eles aproveitam e aprofundam a leitura para aprender mais sobre a área que eles estão estudando, e quem sabe depois tentar Enem para o nível superior.

Ao analisar as navegações dos alunos, ficou evidente que os professores fazem slides explicativos das aulas e disponibilizam para eles no Sistema Acadêmico da escola, para que eles tenham uma fonte a mais de estudo.

Pensávamos, inicialmente, que os alunos estavam se afastando das leituras de livros impressos para lerem somente na Internet; essa pesquisa desfez a ideia embasada no senso comum e mostrou algo interessante. Há alunos que incentivados pela TV buscam nos livros um aprofundamento na história; é o caso de uma aluna da qual analisei o histórico de livros retirados e ela havia lido os livros da *Saga Crepúsculo*, *Comer, Rezar e Amar*, que, segundo ela, após ter assistido aos filmes, teve vontade de ler os livros e gostaria de saber como era a história “original”. Outro aluno disse que comprou o Box da Série Guerra dos Tronos, incentivado pela série *Games Of Thrones*, transmitida pela TV a Cabo no canal HBO, cuja série é inspirada nos livros de George R. R. Martin; o aluno disse que, como não possui TV a Cabo, assiste à série pela Internet. Ao participar de comunidades *fanfictions* da série na TV e do livro *Guerra dos tronos* de George R.R. Martin, no *Facebook*, sentiu-se motivado para ler as obras, pois o aluno queria saber a história original para poder tecer críticas e comentários nas comunidades. Tal atitude revela que a Internet incentiva sim a leitura, pois o aluno comprou, com o dinheiro de sua bolsa de monitoria, os 5 volumes cada um com, em média, 600 páginas. O que prova que não é porque os alunos estão inseridos no mundo digital, que eles perderam a capacidade de realizar uma leitura mais extensiva, concentrada. A biblioteca enquanto um local de disseminação e incentivo à leitura deve acompanhar a evolução das tecnologias digitais. Portanto, é possível planejar ações e criar atividades em contextos digitais que potencializem e ampliem os repertórios de leitura na biblioteca.

Entre algumas iniciativas possibilitadas pela Internet, podemos enumerar: 1. Disponibilizar um sítio web e catálogo online, adaptado para acesso via dispositivos móveis; 2. Recomendar aplicativos educacionais para computadores, laptops e dispositivos móveis; 3. Assessorar sobre o uso da tecnologia pelos alunos (literacia digital); 4. Adaptar documentos a formatos acessíveis; 5. Serviços de referência *online* – canal aberto com o usuário para

solução de dúvidas, entre outros, através das mídias sociais; 6. Parcerias com os professores, possibilitando publicação de livros na internet por meio da autopublicação, dos conteúdos produzidos pelos alunos; 7. Atrair os alunos com postagens na página da biblioteca, que tenham a ver com a rotina deles, como por exemplo, realizar concursos de fotografias e publicar as fotos dos alunos no *Facebook* da biblioteca ou *Instagram*, nas mídias sociais que a biblioteca fizer uso.

Na análise das navegações, foi possível compreender o que os jovens estão fazendo em suas navegações; eles já têm intimidade com os recursos, abrem e fecham abas automaticamente; à medida que estão realizando uma tarefa, param por instantes e realizam outras, entram no *Facebook*, curtem fotos, leem postagens, tudo num sincronismo comparável a uma dança; suas navegações são de acordo com o que gostam; basicamente abrem páginas de pesquisa para pesquisar algum assunto solicitado pelo professor e, após terminar, navegam ouvindo música, lendo a respeito do ídolo favorito.

Numa visão geral, é possível observar que a forma como os alunos realizam suas leituras, tanto nos recursos analógicos como nos recursos digitais, no contexto educacional, faz toda a diferença. O leque de opções se configura como potencializador do desenvolvimento de competências leitoras, habilidades e saberes compartilhados não só no ambiente escolar, como na vida social do aluno. Esta perspectiva indica a possibilidade de uma mediação pedagógica emancipadora de articulação com o desenvolvimento de um pensamento crítico, criativo com atitude investigativa.

O resultado da investigação aponta para a evidência de que as tecnologias digitais estão presentes nas práticas leitoras dos alunos, que, na sua maioria, utilizam esses recursos em atividades não só de ensino como também em outros espaços, além da escola. Com o resultado da pesquisa, fica clara a urgência da biblioteca enquanto espaço planejado e mantido para a disseminação de práticas leitoras, ter ciência das inovações, buscar sempre inovações e modos de motivar os alunos a estar sempre em busca de informação.

Essa consciência é necessária, pois os investimentos anuais em acervo e infraestrutura devem ser bem pensados de modo a atender os alunos em sua plenitude.

Por fim, para me certificar de que o presente trabalho atingiu os objetivos propostos, procurei expor aqui dados que apontam o retorno à problematização e aos objetivos levantados no projeto de pesquisa. Reitero que se trata de reflexões oriundas de um estudo de caso que não tem a pretensão de generalizações ou de esgotar o tema, mas espera servir de perspectiva para outras pesquisas afins, com novas discussões que ampliem o campo

do estudo e que apontem melhorias a serem implementadas no sistema educacional brasileiro, em especial nas políticas de incentivo à leitura gerenciada pelo MEC.

Muita ação ainda precisa ser tomada para atingir um nível satisfatório de práticas de leitura; o Brasil tem déficit de leitura, pois não há investimentos na base da educação, como falamos anteriormente, o Brasil com relação à Educação é uma pirâmide invertida: valorização dos cursos superiores e defasagem no ensino de base. Percebemos esse problema quando saímos de uma biblioteca universitária e visitamos uma biblioteca de uma escola pública de nível fundamental; quando tem biblioteca, é uma sala com uma mesa para estudo e poucos livros, desatualizados.

Sobre a educação, alguns relatos registrados por estudiosos no assunto mostram que é necessário evoluir, mais ainda, no pensar, no fazer, no ser e estar no mundo. O grande questionamento é: para quem e a serviço de quem as tecnologias e seus acelerados avanços estão disponíveis?

Temos consciência de que o tema é abrangente, complexo e atual, envolvendo a educação num sentido amplo, as tecnologias do admirável mundo cibernético, as práticas pedagógicas e a emancipação digital, o que poderá, seguramente, servir de inspiração a diversos outros estudos na área.

Antes de iniciarmos a pesquisa, tínhamos algumas conjecturas sobre o itinerário percorrido pelos alunos, nas práticas de leitura na Web, a saber:

- Suspeitávamos certa dificuldade de leitura dos textos técnicos indicados no currículo;
- Intuíamos uma inadequação quanto à complexidade das obras adotadas no curso técnico, por essas serem de conteúdo voltado também para o ensino superior;
- Acreditávamos existir, uma utilização mais frequente da hipermídia nas pesquisas escolares em detrimento da pesquisa *in loco*, na biblioteca;

A análise dos questionários, aos quais os estudantes leitores foram submetidos, mostrou, no entanto, que as dificuldades de leitura das obras pertencentes ao currículo, se houve, foram amenizadas pela intermediação do professor e pela delimitação de itens e campos a serem estudados; que há, sim, confiança nos livros técnicos, mas que a pesquisa multimídia, quando bem direcionada, também evoca confiança e que essa “direção” depende do conhecimento prévio do aluno e das estratégias de busca executadas por ele; demonstrou ainda que, embora haja largo uso da web em pesquisas, esse uso carece de orientação e de uma metodologia que assegure ao estudante o alcance de um produto específico, de um recorte significativo do conteúdo em estudo. As considerações dos alunos e a observação de

seus itinerários de pesquisa e leitura de modo geral também fazem ver que a pesquisa na web não torna irrelevante a contribuição dos livros impressos e de sua leitura *in loco*.

Assim, entendemos que esta pesquisa aponta para a abertura de uma discussão em torno dos métodos de pesquisa, de como assegurar ao aluno os meios para uma exploração segura do mundo virtual, levando em conta elementos semânticos, mas principalmente os suportes nos quais os textos são veiculados. Esses meios deverão capacitar os estudantes para avaliar a autoridade de um sítio da web, a confiabilidade da instituição veiculadora da informação e a veracidade do conteúdo.

Desse modo, concluímos que atualmente uma prática efetiva de leitura deve contemplar diversas possibilidades de leitura, diversos suportes e meios disponíveis, sejam analógicos ou digitais. A prática de leitura hipermídia e multimídia do leitor contemporâneo não prescinde da leitura de textos não virtuais. O desenvolvimento das habilidades na busca da informação contribui de modo diferencial para a formação de um leitor competente em qualquer ambiente, seja real ou virtual.

Faz-se frequentemente referências ao momento atual como “era da informação”, ou como “sociedade do conhecimento”. Se, em parte, essa denominação é adequada por considerar-se a quantidade e a rapidez da informação produzida, por outra parte, parece injusta se levarmos em conta que essa informação tem pouco alcance social, já que ainda se detém em poder de poucos e, se circula, não circula de maneira efetiva e igualitária entre todos. A informação digital remodelou sistemas de distribuição, modelos de negócios e a economia e levou à globalização de quase todos os setores. No entanto, este “efeito de rede” é mais do que a divulgação de informações. Trata-se de conexões. Não estamos mais na era da informação, entramos na era da conexão. Quem pode acessar a Web pode participar. As conexões ampliam o alcance e o valor não apenas das informações, mas também das nossas relações, criando oportunidades para aprender, trabalhar e colaborar em uma escala sem precedentes.

Uma pequena contribuição para que a informação passe a fazer parte significativa da sociedade como um todo, é como esperamos que este trabalho seja visto.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, T. **Educação e economia popular solidária**: mediações pedagógicas do trabalho associado. São Paulo: Ideias&Letras, 2010.

ADAMS, T. et al. Tecnologias digitais e educação: para qual desenvolvimento? **Revista Educação UNISINOS**, São Leopoldo, v. 17, n. 1, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2013.171.07/1413>>. Acesso em 14 out. 2013.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, M. C. B. de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2005. p.

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. São Paulo: Papyrus, 2001. p. 136-137

BASTOS, J. A. S. L. Educação e Tecnologia. **Revista Educação e Tecnologia**, Curitiba, v. 1, n. 1, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutect/article/viewFile/1007/601>>. Acesso em: 10 out. 2013.

BAUERLEIN, M. A Internet nos deixa estúpidos: entrevista com Mark Bauerlein. **Revista Superinteressante**, set., 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/Internet-deixa-estupidos-entrevista-mark-bauerlein-447688.shtml>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

BECKER, C. R. F. O papel social dos bibliotecários dos Institutos Federais de educação, Ciência e Tecnologia.

BOFF, L. **O princípio-Terra**: volta à pátria comum. São Paulo: Ática, 1995

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2010**. Disponível em: <http://censosuperior.inep.gov.br/>>. Acesso em: 21 out. 2013a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Tecnológica Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 16/99**: trata das Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília, 1999. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf\\_legislacao/tecnico/legisla\\_tecnico\\_parecer1699.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_tecnico_parecer1699.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2013b.

\_\_\_\_\_. Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica. Disponível em: <[http://redefederal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=52&Itemid=2](http://redefederal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=2)>. Acesso em: 20 out. 2013c.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC**. Disponível em: <<http://pronatecportal.mec.gov.br/pronatec.html>>. Acesso em: 16 out. 2013d.

BRASIL. **Educação Profissional**: legislação básica. Disponível em<<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LegisBasica.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2013e.

BRASIL. **Lei nº 11.892 de 28 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)>. Acesso em: 10 set. 2013f.

BRASIL. MEC. **Documento Base**: Educação Profissional Técnica de nível médio integrada ao ensino médio. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2013g.

BRITO, G. F. de; VERGUEIRO, W. C. S. **A aplicação do modelo Servqual para percepção da qualidade em biblioteca acadêmica**. Disponível em: <[http://www.sibi.ufrj.br/snbu/pdfs/orais/final\\_006.pdf](http://www.sibi.ufrj.br/snbu/pdfs/orais/final_006.pdf)> Acesso em: 29 jul. 2013.

BRUNO, L. Educação e desenvolvimento econômico no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 16, n. 48, set./dez. 2011.

BOFF, L. **Princípio-Terra**: a volta à terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.

CAIRO, A.; MOON, P; SORG, L. **A Internet está fazendo mal aos nossos cérebros?** Disponível: <<http://www.methodus.com.br/artigo/789/a-Internet-esta-fazendo-mal-ao-cerebro?.html>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

CARVALHO, A. D. F.; THERRIEN, J. **Etnometodologia**: uma opção teórico-metodológica para o estudo da epistemologia da prática docente. Disponível em: <[http://www.jacquetherrien.com.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=60](http://www.jacquetherrien.com.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=60)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVEDEN, W. R. **Desvalorização do professor na sociedade atual**: causas e alternativas. Disponível em: <<http://revistaregional.com.br/portal/?p=2497>>. Acesso em 11 set. 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1999.

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995

CUNHA, L. A. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

DELOURS, J. (Coord.). **Educação um tesouro a se descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1998. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura\\_da\\_paz/docs/Dellors\\_alli\\_Relatorio\\_Unesco\\_Educacao\\_tesouro\\_descobrir\\_2008.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2013.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

DIAS, M. M. K.; PIRES, D. **Usos e usuários da informação**. São Carlos: EdUFScar, 2004. 48 p.

DODEBEI, V. Novos meios de memória: livros e leitura na era dos Weblogs. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. Florianópolis**, n. esp., jan./jun. 2009.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Coleção Metodologia e pesquisa do cotidiano.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, M. T. A. Computador/Internet como instrumentos de uma aprendizagem: uma reflexão a partir da abordagem psicológica histórico-cultural. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2., 2008, Recife. **Anais eletrônico...Recife**, Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Maria-Teresa-Freitas.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo, Cortez, 1995

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GRINSPUN, M. P. S. (org.) et al. **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GURDON, M. C. **My 'reprehensible' take on teen literature**. Disponível em: <<http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052702304314404576411581289319732>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

INAF- Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional: um diagnóstico para a inclusão social pela educação. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2001.

KUENZER, A. **Ensino médio e profissional**: as políticas do Estado neoliberal. São Paulo, Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 77-96

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Atica, 1991.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEONARD, A. **A história das coisas**. Disponível em: <  
<http://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw&noredirect=1>>. Acesso em: 14 nov. 2012.  
Vídeo (21 min).

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

LOPES, D. Q.; SCHELMMER, E. A cultura digital nas escolas: para além da questão do acesso às tecnologias digitais. In: SEGATA, J.; MÁXMIO; M. E.; BALDESSAR, M. J. (Org.) **Olhares sobre a cibercultura**. Florianópolis: UFSC, 2012.

LOPES, D. Q. **Brincando com robôs**: desenhando problemas e inventando porquês. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

LOPES, D. Q.; VALENTINI, C. B. Mídias locativas e realidade mixada: a produção de sentidos sobre o digital-virtual a partir da cartografia com suporte das tecnologias digitais. **Revista Educação UNISINOS**, São Leopoldo, v. 16, n. 3, set./dez., 2012.

MACEDO, N. D. de et al (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Editora SENAC São Paulo/Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região, 2005. 446 p.

MACHADO, L. M. L. Etnometodologia abordagem metodológica de estudos na formação de professores: leitura de olhares curiosos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. **Anais...** Campinas, 2012. Disponível em: <[http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acer-vo/docs/3094c.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acer-vo/docs/3094c.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2013.

MADURO JUNIOR, P. R. R. **Taxas de matrículas e gastos em educação no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 42 f. Dissertação (Mestrado em Economia). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/110/2284.pdf?sequence=1>>. Acesso em 13 set. 2013.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MATTOS, A. L. **Com tablets, empréstimo de livros virtuais é desafio para bibliotecas**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/com-tablets-emprestimo-de-livros-virtuais-e-desafio-para-bibliotecas,ae8842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

MEJÍA JIMENEZ, M. R. **Educacion(es) em la(s) globalizacion(es) I: entre el pensamiento único y la nueva crítica**. Bogotá, Colombia: Difundir, 2007.

MELLO, G. N. de. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo: Cortez, 1993.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo do estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: TRIVINOS, A. N. S.; MOLINA NETO, V. (Org.) **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina 1999.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Disponível em: <[http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma\\_emergente.pdf](http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf)>. Acesso em: 01 nov 2013.

MOUTINHO, S. O. M; LUSTOSA, I. T. As bibliotecas dos Institutos Federais frente às novas demandas gerenciais e informacionais causadas pela lei 11.892/2008. In: FÓRUM NACIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS DOS INSTITUTOS FEDERAIS, 6., 2010, Petrolina. **Anais...**Petrolina, IFSertão Pernambucano, 2010. CDROM

OLIVEIRA, E. F. T.; GRÁCIO, M. C. C. Análise a respeito do tamanho de amostras aleatórias simples: uma aplicação na área de Ciência da Informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/ago05/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/ago05/Art_01.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2013.

PERONI, V. **Breves Considerações sobre a redefinição do papel do Estado:** política educacional e papel do Estado no Brasil dos anos 1990. São Paulo: Xamã, 2003. p.21

PINCELLI, M. A. et al. **Marketing em serviços e produtos de bibliotecas:** melhoria com foco no usuário. Disponível em: <[http://www.sibi.ufrj.br/snbu/pdfs/orais/final\\_463.pdf](http://www.sibi.ufrj.br/snbu/pdfs/orais/final_463.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2013.

QUEIROZ, D. T. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

RETRATOS da leitura do Brasil. Disponível em: <[http://issuu.com/midiamix/docs/retratos\\_da\\_leitura\\_brasil?e=0](http://issuu.com/midiamix/docs/retratos_da_leitura_brasil?e=0)>. Acesso em: 18 out. 2012

RIVERO, C. M. L. A etnometodologia na pesquisa qualitativa em educação: caminhos para uma análise. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. **Anais eletrônico...**Bauru, Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos, 2004. Disponível em: <[http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/mr2/mr2\\_5.pdf](http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/mr2/mr2_5.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SACCOL, A.; SCHLEMMER, E.; BARBOSA, J. **M-Learning e U-learning:** novas perspectivas das aprendizagens móveis e ubíqua. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da linguagem e do pensamento:** sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, E. O. Cibercultura: o que muda na Educação. In: **TV Escola salto para o futuro**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, abr. 2011.

SANTOS, E. O.; WEBER, A. Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. **Metodologia e Tecnologia na Educação Superior**. Curitiba, v. 13, n. 38, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd1=7646&dd99=view>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

SCHLEMMER, E.; LOPES, D. Q. Redes sociais digitais, socialidade e MDV3D: uma perspectiva da tecnologia-conceito ECODI para a Educação Online. **Colabr@: Revista Digital da CVA- RICESU**. Canoas, v. 7, n. 28, out. 2012. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/204>>. Acesso em: 12 out. 2013.

SGUISSARDI, V. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. **Educação Social**, Campinas, v. 29, n. 105, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a04.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2011.

SOARES, M. B. **O que é letramento e alfabetização**. Disponível em: <<http://pibidletrasunifra.webnode.com.br/news/o%20que%20e%20letramento%20e%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20-%20magda%20becker%20soares%20/>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195p.

TAVARES, M. G. Evolução da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: as etapas históricas da educação profissional no Brasil. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais eletrônico...**Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 2012.

TOP 5: melhores programas para captura de tela. Disponível em: <<http://ultradownloads.com.br/especial/TOP-5-Melhores-programas-para-captura-de-tela/#ixzz2s4VG5jh6>>. Acesso em: 10 set. 2013.

VARGAS, M. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa Omega, 1994. Coleção Filosófica; Série Biblioteca Alfa Omega de Ciências Sociais, 5.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**: volume 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WEBER, A. A.; SANTOS, E. O. Educação online em tempos de mobilidade e aprendizagem ubíqua: desafios para as práticas pedagógicas na cibercultura. Revista EdaPECI, São Cristovão, v. 13, n. 2, maio/ago. p. 168-183, 2013.

ZILBERMAN, R. **Fim dos livros, fim dos leitores?**. São Paulo : SENAC, 2001.

ZITTRAIN, J. Digital books are under the control of distributors rather than readers. **Wired Magazine**. Disponível em: < [www.wired.co.uk/magazine/archive/2013/07/ideas-bank/how-amazon-kindled-the-bookburners-flames](http://www.wired.co.uk/magazine/archive/2013/07/ideas-bank/how-amazon-kindled-the-bookburners-flames)>. Acesso em: 13 jan. 2013.

## GLOSSÁRIO

### *Crowdlearning*

*Crowd* é multidão. *Learning* é aprendizagem. E *crowdlearning* é um modelo em que pessoas apaixonadas pelos mesmos assuntos aprendem e ensinam lado a lado, traduzindo o aprendizado coletivo ou compartilhamento de conhecimento. No *ScreenCastBrasil*, pessoas que dominam algum tipo de conhecimento baseiam-se no interesse coletivo para promover a aprendizagem de assuntos de interesse comum, a baixo custo ou sem custo algum, possibilitando aos interessados pensar, interagir e se inspirar para que então também sejam replicadores de conhecimento.

### Formato PDF (Portable Document Format)

É um formato de arquivo, desenvolvido pela Adobe Systems em 1993, para representar documentos de maneira independente do aplicativo, do hardware e do sistema operacional usados para criá-los. Um arquivo PDF pode descrever documentos que contenham texto, gráficos e imagens num formato independente de dispositivo e resolução.

PDF pode ser traduzido para português como formato de documento portátil.

### Mundialização

Processo histórico, com incidência política, econômica, cultural, tecnológica etc., acelerado na segunda metade do século XX, que representa a consciência de que os fenômenos se apresentam inter-relacionados, independentemente das fronteiras territoriais, das diferenças étnicas ou linguísticas etc. Especificamente, na área econômica, o fenômeno da mundialização teve como consequência a globalização dos mercados. A globalização consiste então no seguinte: apesar das diferenças de valores e de características de cada país ou região (que implicam atitudes culturais também distintas), tem-se verificado que as preferências dos consumidores se têm padronizado. Isto é verdade, pelo menos, para certas classes de produtos (de luxo e que satisfaçam consumidores com necessidades muito semelhantes - ou seja, os *produtos universais*). A principal característica da globalização é, portanto, a crescente homogeneidade das preferências dos consumidores (e, por isso, dos seus padrões de consumo).

Para as empresas, tudo isto acarreta consequências evidentes, mesmo ao nível das suas operações diárias. Por um lado, passam a ter a necessidade de integrar as suas atividades a nível mundial. É, pois, mais do que de um processo de internacionalização que se trata: essas atividades passam a ser organizadas à escala mundial, como se o mundo fosse um único país (pode aqui lembrar-se a noção de *aldeia global*). Por outro, este processo gera a necessidade de se processar a adaptações pontuais dos produtos aos mercados regionais específicos que as empresas pretendem atingir.

### *Screencasts*

É o registro (gravação) da saída do vídeo gerado por computador em atividade. Pode ou não conter o áudio integrado. São úteis para demonstrar características de softwares. Usuários podem relatar erros e colaboradores mostrar a outros como uma tarefa é realizada em um ambiente específico. Considerando o custo elevado de um curso/treinamento presencial, é provável que os *screencasts* se tornem populares. Por exemplo, organizadores de seminários sobre softwares podem gravar seminários completos e disponibiliza-los em DVDs a todos os participantes para futura referência e/ou vender estas gravações.

Na Internet, os screencasts são largamente utilizados em forma de vídeo-tutoriais ou vídeo-aulas, para ensinar a iniciantes ou até a usuários mais experientes o funcionamento de um determinado software.

No endereço: [www.screencastbrasil.com.br](http://www.screencastbrasil.com.br), encontramos o *ScreenCastBrasil*; é uma plataforma de *Crowdlearning* onde você aprende e ensina através de aulas utilizando a tecnologia *screencast*. Trata-se de uma comunidade de professores e alunos guiados pela paixão de compartilhar suas habilidades e experiências; qualquer pessoa pode ensinar e aprender algo.

## **APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **TÍTULO DO ESTUDO: PRÁTICAS DE LEITURA@ CONTEMPORÂNEA DE ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO DO IFPI - CAMPUS TERESINA SUL**

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL: SONIA OLIVEIRA MATOS MOUTINHO (PPGEdu/UNISINOS)**

**Professor orientador:** Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes (PPGEdu/UNISINOS)

**Período de realização do estudo:** 30/09/2013 a 30/11/2013

#### **Convite para participação no estudo**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado sob responsabilidade da Mestranda Sonia Oliveira Matos Moutinho e sob orientação do Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes do Grupo de Pesquisa Educação Digital, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (GPeDU/PPGEDU/UNISINOS).

Para decidir se deseja ou não participar desta pesquisa você precisa saber dos objetivos deste estudo. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornece informações detalhadas sobre a pesquisa, as quais serão apresentadas e discutidas com você.

Após receber informações sobre este estudo, será solicitado que você assine este termo de consentimento livre e esclarecido caso aceite em participar. Peça ao coordenador da pesquisa ou alguém de sua equipe para explicar qualquer dúvida que você possa ter antes de assinar esse termo de consentimento livre e esclarecido.

#### **Qual é o objetivo deste estudo?**

Investigar as práticas de leitura contemporânea, seja online off-line, verificando os efeitos dessas práticas em relação às leituras formativas dos alunos dos cursos técnicos – integrado do IFPI – CTZS. Entre os objetivos específicos se encontram: Identificar esse leitor. Compreender quais as práticas e estratégias de leitura por eles escolhidos. Quais artefatos culturais utilizam. Que dificuldades/facilidades eles encontram. Como ampliar os repertórios de leitura na biblioteca.

#### **Quais são as minhas responsabilidades se eu participar deste estudo?**

A tua participação é na condição de sujeito; num primeiro momento pretendo realizar uma entrevista em grupo a ser agendada previamente junto a ti. A entrevista será semiestruturada, ou seja, terá algumas perguntas formuladas previamente pelo pesquisador, mas no momento do diálogo, a fala será livremente organizada por ti, sempre com o foco no tema da pesquisa.

Para garantir a máxima fidelidade à tua fala, toda a entrevista será gravada e, logo após, transcrita. Todo o áudio fica à tua disposição bem como a transcrição.

Também haverá momentos em que o pesquisador irá observar e acompanhar as tuas atividades relacionadas à leitura nos espaços na biblioteca e sala de aula, incluindo os momentos em que estás acessando a Internet.

#### **E como fica o sigilo em relação às informações coletadas pelos pesquisadores?**

Os pesquisadores envolvidos no projeto comprometem-se em guardar sigilo em relação à identidade dos participantes da pesquisa, assim como de outros que, porventura

sejam citados no decorrer do processo, inclusive instituições de toda e qualquer natureza. Não serão divulgados nomes ou quaisquer outros dados que permitam a sua identificação. Todas as informações coletadas serão organizadas em bancos de dados digitais com acesso restrito aos pesquisadores, sendo armazenadas por até 10 anos (a contar da data de término dessa pesquisa) e posteriormente apagadas. Você poderá ter acesso aos seus dados a qualquer momento mediante solicitação ao coordenador ou a equipe da pesquisa.

**Quem mais participará deste estudo?**

Participarão deste estudo é de alunos dos cursos Técnico Integrado do IFPI – Campus Teresina Zona Sul.

**Posso desistir de participar deste estudo?**

Você pode desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você. Para tanto, basta comunicar a responsável pela pesquisa por telefone ou e-mail.

**Receberei pagamento para participar deste estudo?**

Não. Os participantes não receberão nenhum pagamento pela participação nessa pesquisa.

**Haverá algum custo envolvido?**

Não. Você não terá nenhum custo adicional em participar dessa pesquisa.

**Se eu tiver dúvidas ou problemas, a quem devo contatar?**

Se você precisar de alguma informação adicional, tiver dúvidas, sugestões, reclamações, ou quiser comunicar que não deseja mais participar da pesquisa, pode entrar em contato diretamente com a responsável por esta pesquisa, Sonia Oliveira Matos Moutinho pelo telefone (86) 8837-4148 ou pelo e-mail <soniamatos@ifpi.edu.br>, ou ainda com o orientador da pesquisa, Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes, através do telefone (51)3590-8241 ou e-mail <danielql@unisinós.br>.

Eu, portanto, certifico o seguinte:

- Li as informações acima e entendo que o estudo envolve uma pesquisa. Estou ciente do objetivo do estudo.
- Tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Todas as minhas dúvidas referentes a este estudo foram esclarecidas satisfatoriamente.
- Entendo que tenho a liberdade para me retirar deste estudo a qualquer momento.

Concordo em participar deste estudo e entendo que receberei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

---

Nome do Participante em letra de forma

---

Nome do Representante Legalmente Autorizado  
(se necessário, caso o participante tenha menos de 18 anos de idade; letra de forma)

---

Assinatura do Participante ou do  
Representante Legalmente Autorizado

---

Data

**ASSINATURA DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL:**

SONIA OLIVEIRA MATOS MOUTINHO  
Nome da Pesquisadora

---

Assinatura do Pesquisador

---

Data

**ASSINATURA DO ORIENTADOR:**

DANIEL DE QUEIROZ LOPES  
Nome do Orientador

---

Assinatura do Orientador

---

Data



- Mídias sociais (Orkut, Facebook, LinkedIn, Instagram, Twitter)
- Sites de pesquisa (Google, Radar Uol, Yahoo! Search)
- leitura de revistas online

5. Você frequenta a biblioteca da sua escola?

- Nunca  Raramente  frequentemente  sempre

6. Você costuma realizar empréstimo de livros na biblioteca?  Sim  Não

Caso tenha respondido sim, responda as questões de 7 a 10:

7. Os livros que você retira emprestado na biblioteca são para:

- lazer  estudo  consulta nas aulas práticas  consultar nas aulas teóricas  para um colega/parente que me pede.

8. Você lê livros impressos preferencialmente (marque só uma opção).

- em casa  na Biblioteca da escola  Não leio  Outro local. Qual? \_\_\_\_\_.

9. Quando você procura a biblioteca da escola, costuma encontrar materiais referentes aos conteúdos ministrados nas disciplinas do seu curso?

- Nunca  raramente  frequentemente  sempre

10. Quando você não encontra a informação que procura na biblioteca. O que você costuma fazer?

---

---

Caso eu seja selecionado, **aceito** participar de uma entrevista para contribuir com a pesquisa.

Caso eu seja selecionado, **não aceito** participar de uma entrevista para contribuir com a pesquisa.

Observação: Se você for selecionado e marcar a opção acima de que aceita participar da pesquisa, você será convidado a preencher um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a fim de confirmar ou não a sua intenção de participar desta pesquisa.

## APENDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Conferência de Equipamentos

Água - Entrevistados

Palavras Iniciais:

Apresentação do tema de pesquisa, objetivo geral e específicos da pesquisa.

### **Prática de leitura no curso técnico**

1. Você faz outro curso além do curso técnico no IFPI?
2. Tem preferência por alguma disciplina do curso técnico? Por quê?
3. Como você percebe as práticas de leitura no IFPI?
4. Há biblioteca na escolar? Qual a importância dela para vocês?
5. Você se lembra de ter lido algo que tenha sido importante para a sua formação técnica? Quais suas impressões sobre isso?
6. Há direcionamento para a leitura que vocês realizam? Quem indica?
7. Como essas leituras influenciam vocês?
8. O que vocês leem atualmente? Exemplifique
9. A leitura na Internet é importante? Por quê?
10. Como seria não existisse a Internet, seria melhor pior, por quê?
11. Durante sua vivência escolar você foi instruído na utilização de fontes de informação na Internet? De que forma?
12. Em que consistiu essa instrução?
13. Como você faz para obter informações sobre os conteúdos ministrados em sala de aula e não os encontra na biblioteca?
14. Você acha que a leitura online, a leitura digital é diferente da leitura em livros impressos? Por quê?
15. O que você considera ser negativo no acesso a Internet? Em relação às pesquisas que você realiza.
16. Quais meios de acesso a leitura vocês utilizam? Explique.
17. O que vocês leem atualmente?
18. De que forma tu lê? Cite exemplos.
19. Vocês leem tudo que o professor recomenda? Por quê?
20. Essas leituras são suficientes para a aprendizagem? Sim ou Não. Por quê?
21. Realizam pesquisas além do que o professor recomenda? Sim Quais? Não. Por quê?
22. Qual a importância da biblioteca da escola em suas práticas de leitura? Por quê?
23. Você utiliza algum aplicativo específico que potencialize o seu aprendizado? Se sim cite exemplos. Por exemplo: Dicionário eletrônico, Autocad, outros
24. Qual a importância dessas leituras para sua formação profissional?
25. Como o acesso a Internet contribui para a aprendizagem do curso de formação de vocês?
26. Se hoje vocês não tivessem mais acesso a Internet? Como seria? Melhor? Pior? Por quê?
27. O que você acha das leituras indicadas pela escola?
28. Recentemente você leu uma obra inteira? Fale o que achou da obra.

29. Na sua opinião, qual a diferença entre a biblioteca e a Internet? Justifique.

Finalização da entrevista

1. Por que você escolheu o IFPI?
2. O que levou você a escolher o curso que está cursando?
3. Comente quais suas expectativas após a conclusão do curso.
4. Tem algo mais a acrescentar a entrevista?

Obrigada pela colaboração

Entrevistadora/Pesquisadora: Em 15 dias compareçam a Coordenação de biblioteca para analisarem a transcrição dessa entrevista, ok? Na próxima semana, poderei acompanhar as navegações de vocês? Será bem simples, agendamos um horário e deixarei o computador no ponto, vocês terão 30 min. de acesso à Internet, toda a navegação será gravada e transformada em vídeo, que permanecerá após análise arquivado por 5 anos, após este prazo serão descartados.

Os entrevistados aceitaram a observação participativa.

## APENDICE D – FORMULÁRIO DE OBSERVAÇÃO

### ACOMPANHAMENTO DE PESQUISA ONLINE REALIZADA PELO USUÁRIO

CURSO:

ANO:

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

SITES NAVEGADOS:

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA:

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Observações:

## ANEXO A – DOCUMENTOS DA INSTITUIÇÃO

### Quantitativo de alunos matriculados em 2013

MODALIDADE	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	TOTAL	
INTEGRADO						
EDIFICAÇÕES	45	37	32	33	147	
SANEAMENTO	45	34	32	27	138	
VESTUÁRIO	47	35	25	27	134	
TOTAL DE ALUNOS DO TÉCNICO INTEGRADO					419	
MODALIDADE	1º	2º	3º	4º	5º	TOTAL
CONCOMITANTE/ SUBSEQUENTE	MÓDULO	MÓDULO	MÓDULO	MÓDULO	MÓDULO	
ESTRADAS	39		32			71
PANIFICAÇÃO	32		22			54
COZINHA			26			26
COZINHA (EJA)			14		7	21
EDIFICAÇÕES	46	45	41	30		162
VESTUÁRIO	30		25			55
SAÚDE BUCAL (PRONATEC)		31				31
SECRETARIA ESCOLAR (PRONATEC)	27					27
TOTAL DE ALUNOS DO TÉCNICO CONCOMITANTE/SUBSEQUENTE						447
MODALIDADE	1º	3º	5º	TOTAL		
SUPERIOR	PERÍODO	PERÍODO	PERÍODO			
GASTRONOMIA	40	23	13	76		
LICENCIATURA EM INFORMÁTICA	43	25		68		
LICENCIATURA EM INFORMÁTICA (PARFOR) 1ª LICENCIATURA	18			18		
LICENCIATURA EM INFORMÁTICA (PARFOR) 2ª LICENCIATURA	40			40		
TOTAL				202		
ENSINO A DISTÂNCIA – EAD		2º		TOTAL		

TÉCNICOS EM SERVIÇOS PÚBLICOS	50	50
TÉCNICO EM INFORMÁTICA PARA INTERNET	50	50
TOTAL EAD		100
MULHERES MIL CURSO OPERADOR DE COMPUTADOR		100
PRONATEC FIC Cursos: Auxiliar de cozinha/ Pizzaiolo/Auxiliar de Tesouraria/ Costureiro Industrial de Vestuário		270
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ALIMENTOS E GASTRONOMIA		35
TOTAL DE ALUNOS NO CAMPUS		1.582

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico do IFPI - Campus Teresina Zona Sul

**ANEXO B – ESTRUTURA ADMINISTRATIVA E CORPO DOCENTE DO IFPI  
CAMPUS TERESINA ZONA SUL EM 2009**

**UNED – PROF. MARCÍLIO RANGEL**

**REITOR:** Francisco das Chagas Santana

**PRÓ-REITOR DE ENSINO:** Paulo Henrique Gomes de Lima

**CAMPUS TERESINA-ZONA SUL PROF. MARCÍLIO RANGEL**

**1. DIRETORIA**

**Diretora:** Prof<sup>a</sup>. Susana Lago Mello Soares

**Secretária:** Olívia Batista Lima Rego

**2. GERÊNCIA DE ENSINO**

**Gerente** – Prof. Halan Kardeck Ferreira da Silva

**2.1 COORDENAÇÕES**

**2.1.1 COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO**

**Coordenadora** – Francisca Assunção Almeida Félix

**Pedagoga** – Maria Aparecida e Silva

**Técnica em Assuntos Educacionais** – Gilcelene de Brito Ribeiro

**2.1.2 COORDENAÇÃO DAS DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO BÁSICA**

**Coordenadora** – Prof<sup>a</sup> Francisca Senhora do Nascimento

**2.1.3 COORDENAÇÃO DO EIXO TECNOLÓGICO DE INFRAESTRUTURA**

**Coordenador** – Prof. Benedito Palheta Alves

**2.1.4 ASSISTENTES DE LABORATÓRIO**

**Técnico em Laboratório de Química e Biologia:**

Jurandy do Nascimento Silva

**Assistente de Laboratório de Mecânica dos Solos:**

Ronaldo Teixeira Lopes

**Assistente de Laboratório de Máquinas:**

Lidogério de Sá Rocha

**2.1.5 SETOR DE CONTROLE E DISCIPLINA**

**Coordenador** – Francisco de Assis Labre da Silveira

**Vigilante:** Manoel Rocha da Silva

**2.1.5 COORDENAÇÃO DE CONTROLE ACADÊMICO**

**Coordenadora** – Vanessa de Abreu Passos

**3 GERÊNCIA DE ADMINISTRAÇÃO**

**Gerente** – Prof. Rogério Castelo Branco da Silveira

**3.1 COORDENAÇÕES**

**3.1.1 COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO E MANUTENÇÃO**

**Coordenador:** José Herivelto de Lobão Correia

**3.1.2 COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECA**

**Bibliotecária** – Sônia Oliveira Matos

**3.1.3 COORDENAÇÃO DO REFEITÓRIO**

**Nutricionista** – Naiana Fernandes Silva

### **3.1.4 COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**

**Técnico de Tecnologia da Informação** – Francisco Janiel de Oliveira

## **CORPO DOCENTE**

### **CURSO: EDIFICAÇÕES**

Antônio José Silva Lopes

Casimiro de Carvalho Júnior

Eduardo Nunes Vilarinho

Fernando José Guimarães Ferreira

Francisco Ferreira da Silva Filho

Francisco Jose de Sousa

Henrique de Carvalho Craveiro

Hudson Chagas dos Santos

Isaura Pereira Farias

Jaqueline Brito

Lucas Pablo

Marcelo Guerra Pires de Carvalho

Marcos Antônio Celestino de Sousa

Raimundo da Costa Machado Neto

Rui Carlos de Araújo Farias

Yone Rodrigues de Carvalho Farias

### **CURSO: ESTRADAS**

Érico Rodrigues Gomes

Hamifrancy B. Meneses

Josean Cabral de Moraes

Matias Francisco Gomes de Sales

Raimundo Rodrigues de Sousa

### **CURSO: SANEAMENTO**

Benedito Palheta Alves

Lúcia Maria de Fátima Carvalho Mendes

Lucia Maria de Miranda Adad

Maria Lúcia Portela de Deus Lages

### **CURSOS: COZINHA/ GASTRONOMIA/ PANIFICAÇÃO**

Ana Maria Athayde Uchôa

Alessandro de Lima

Edna Maria Ferreira Chaves

Eldina Castro Sousa

Jeová Gomes Lustosa

Valéria Cristina Cunha Lima

Robson Alves da Silva

Rogério Castelo Branco da Silveira

Shirneith Bucar S. M Nunes

### **CURSO: VESTUÁRIO**

Carla de Mello Rechia

Joana Áurea Medeiros Lima

Jandéina Maria Barbosa Uchoa

Michelle Cerqueira Feitor

Nelymar Gonçalves

Reinaldo de Araújo Lopes

Thércio Henrique

### **CURSO: ENSINO MÉDIO INTEGRADO – DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO BÁSICA**

#### **Português**

Francisco José de Sousa

Francisco José Sampaio Melo

Luíza de Marilac Veras Uchoa

#### **Matemática**

Reginaldo Barbosa de Sousa

#### **História**

Benedita Campelo de Brito

Deusdete da Rocha Barros

#### **Geografia**

Francisco das Chagas Oliveira

Francisca Senhora do Nascimento

#### **Química**

Carlos Pereira da Silva

Maria Auxiliadora Liberal de Brito

#### **Física**

Pedro de Alcântara do Nascimento Ferreira

#### **Biologia**

Josiane Silva Araújo

Maria Edileide Alencar Oliveira

#### **Educação Física**

Emmanuel Wassermann Moraes e Luz

Sérvulo Fernando Costa Lima

#### **Sociologia**

Francisco de Assis Silva de Carvalho

#### **Inglês**

Gerardo Soares da Silva Júnior

Eurídice Mota Sobral de Carvalho (Dinda)

**Filosofia**

Halan Kardeck Ferreira da Silva

**Informática Básica**

Jefferson de Souza Silva

Claudete

**Arte**

Rejane Maria Leite Chaves

**ESTRUTURA FÍSICA**

Área total: 29.819,69 m<sup>2</sup>

Área construída: 5.653,35 m<sup>2</sup>

Salas de aula: 12

Sala de Desenho

Administração escolar: 31 ambientes (Diretoria, salas das Gerências, Secretarias, Coordenação Pedagógica, Coordenações de Cursos/ Eixos, Sala de Professores, Almoxarifado, Copa, Reprografia, Protocolo, Refeitório, Biblioteca, Sala de Atendimento Médico-Social).

**Laboratórios**

1. Laboratório de Cozinha
2. Laboratório de Panificação
3. Laboratório de Microbiologia de Alimentos
4. Laboratório de Costura
5. Laboratório de Modelagem
6. Laboratório de Modelagem Tridimensional
7. Laboratório de Informática I
8. Laboratório de Informática II
9. Laboratório de Mecânica dos Solos
10. Laboratório de Materiais de Construção
11. Laboratório de Topografia
12. Laboratório de Instalações Elétricas
13. Laboratório de Instalações Hidrossanitárias
14. Laboratório de Canteiro de Obras

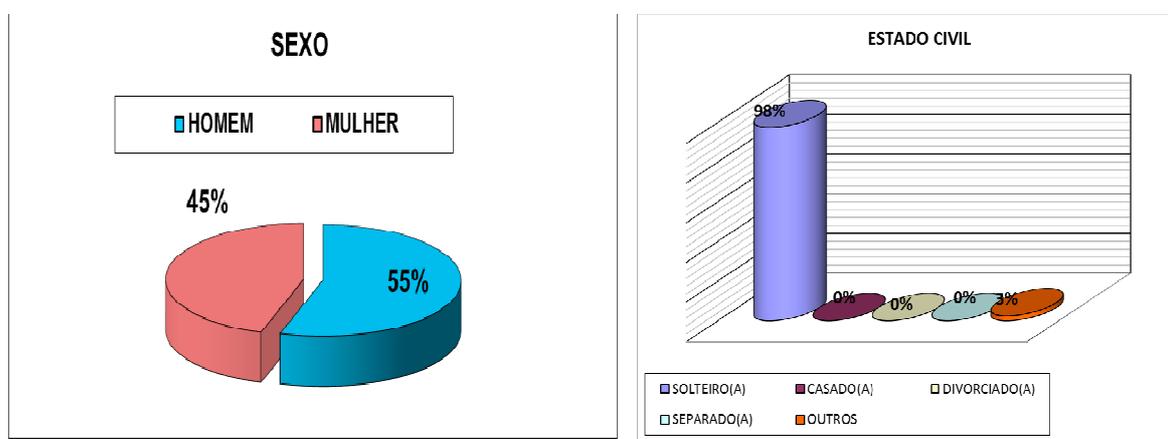
## ANEXO C – PERFIL SÓCIO ECONÔMICO DOS ALUNOS DO CURSO TECNICO INTEGRADO

### CURSO EDIFICAÇÕES

ANO:	2011.1
CURSO:	Edificações
MODALIDADE:	Integrado
TURMA:	105
TOTAL ALUNOS:	40

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico do IFPI - Campus Teresina Zona Sul

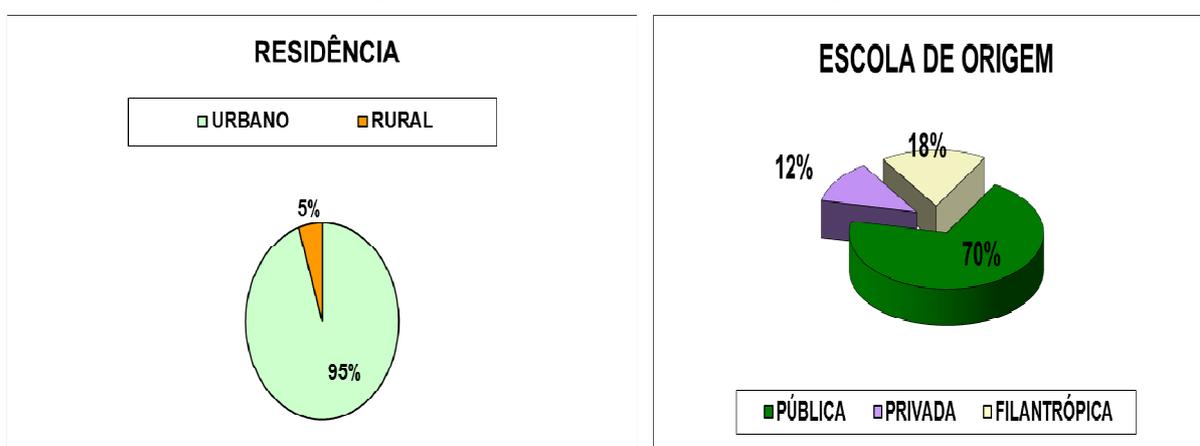
**Figura 56 - Gênero e Estado civil dos alunos**



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

Os quadros acima mostram que 55% dos alunos do Curso Técnico Integrado em Edificações são homens e 45% mulheres, é um dado curioso, visto que o curso busca inserir o aluno numa profissão até pouco tempo atrás com perfil masculino. 98% se declararam solteiros e 3% optaram por outros.

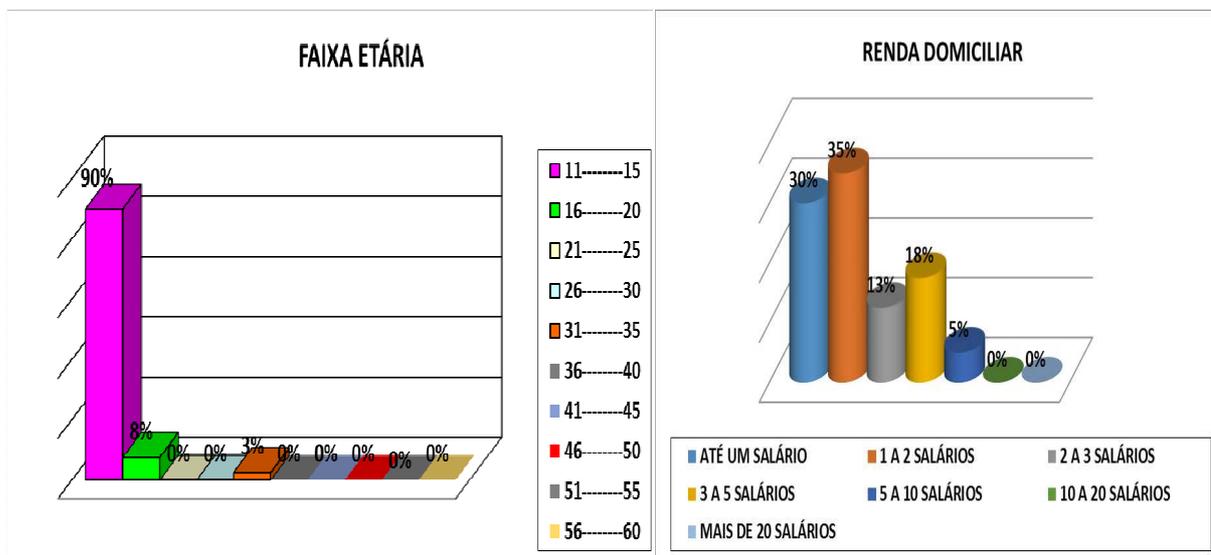
**Figura 57– Moradia e Escola de origem**



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

Apenas 5% dos alunos do curso de Edificações são da Zona Rural, 95% residem em Teresina, e 12% dos alunos são oriundos de escolas privadas, 18 de filantrópicas e 70% de escola pública.

**Figura 58 – Faixa etária e Renda familiar**



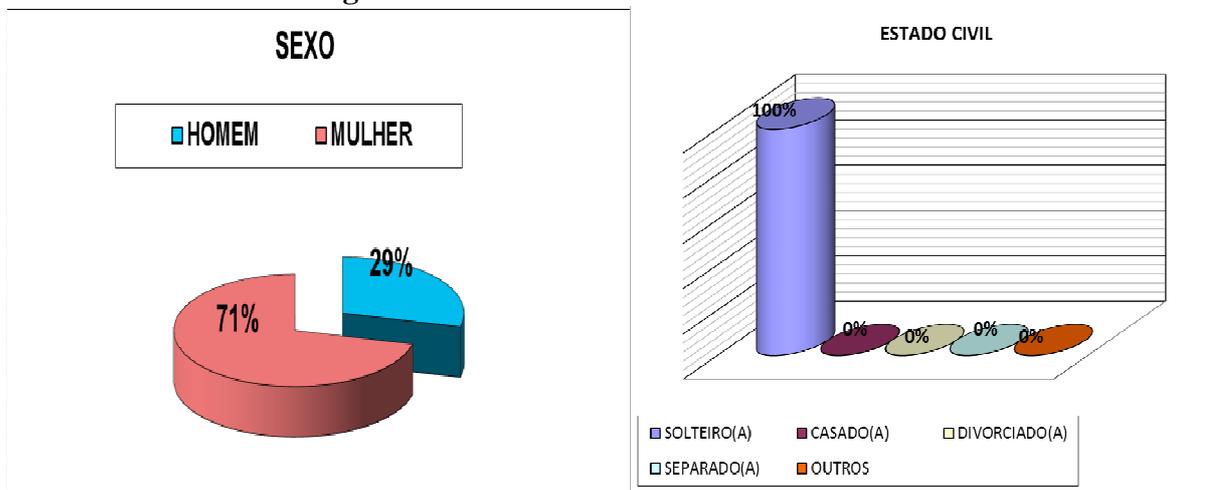
Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

### CURSO SANEAMENTO AMBIENTAL

ANO:	2011.1
CURSO:	Saneamento
MODALIDADE:	Integrado
TURMA:	112
TOTAL ALUNOS:	38

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico do IFPI - Campus Teresina Zona Sul

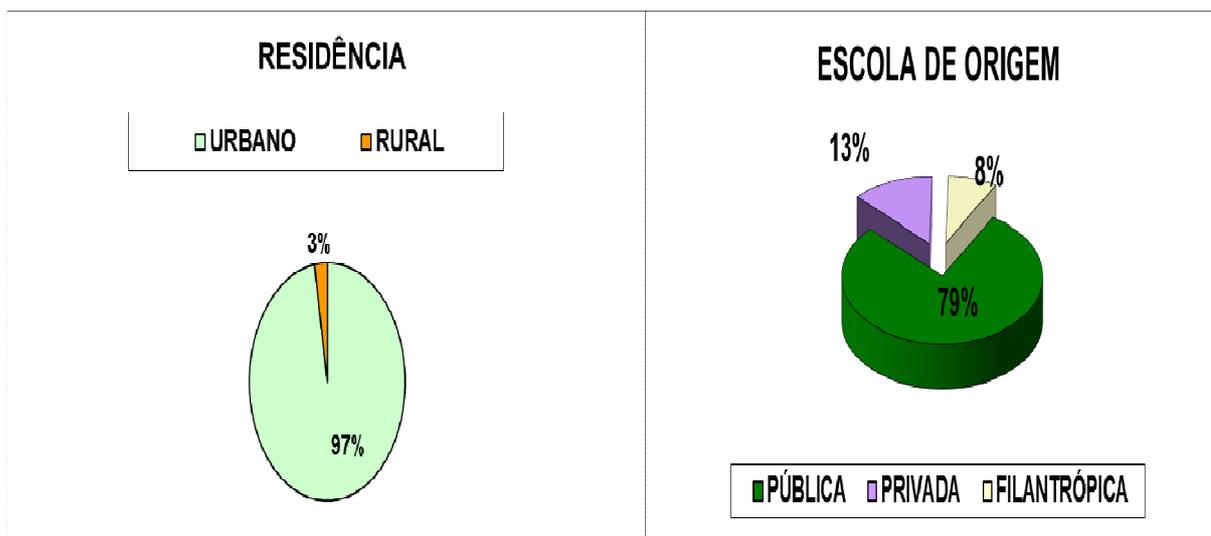
**Figura 59 - Gênero e Estado civil dos alunos**



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

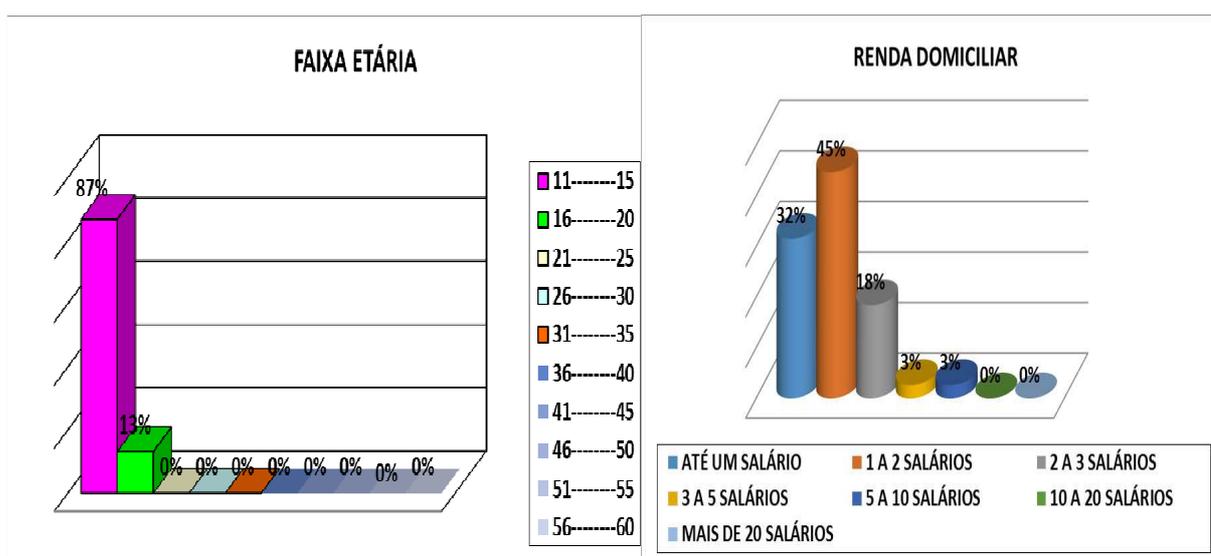
Os quadros acima mostram que 71% dos alunos do Curso Técnico Integrado em Edificações são mulheres e 29% são homens. 100% se declararam solteiros.

**Figura 60 – Moradia e Escola de origem**



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

**Figura 61 – Faixa etária e Renda familiar**



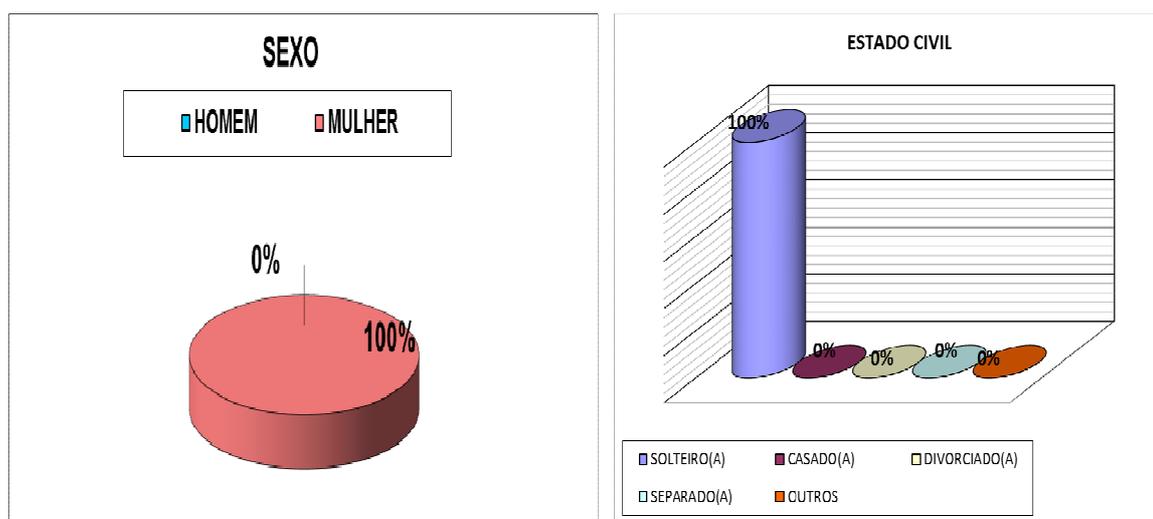
Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

## CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO

ANO:	2011.1
CURSO:	Vestuário
MODALIDADE:	Integrado
TURMA:	106
TOTAL ALUNOS:	38

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico do IFPI – Campus Teresina Zona Sul

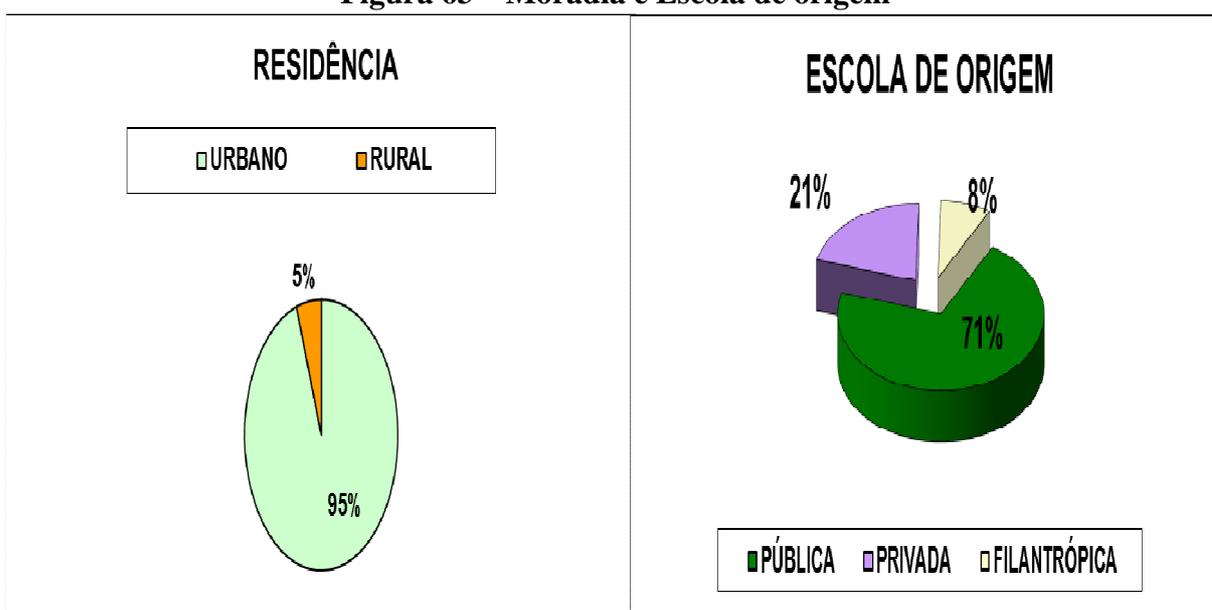
**Figura 62 - Gênero e Estado civil dos alunos**



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

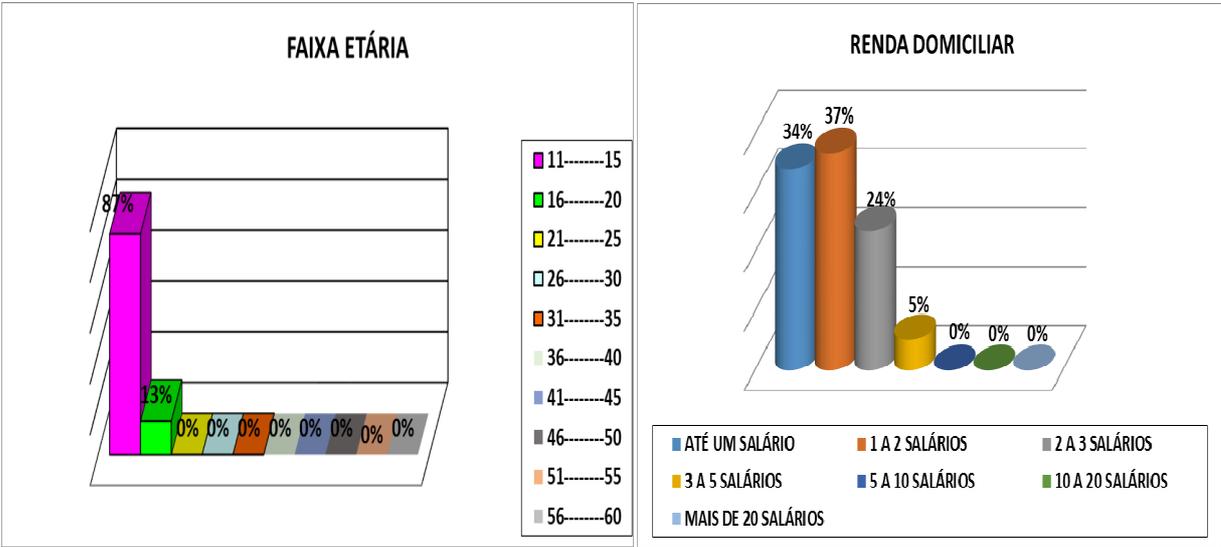
Os quadros acima mostram que 100 dos alunos do Curso Técnico Integrado em Vestuário são mulheres. 100% se declararam solteiras.

**Figura 63 – Moradia e Escola de origem**



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

Figura 64– Faixa etária e Renda familiar



Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico – IFPI/CTZS

## **ANEXO D – COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DOS CURSOS TÉCNICO INTEGRADO DE ACORDO COM O PPC**

### **Curso Técnico Integrado em Edificações:**

O Técnico em Edificações na modalidade integrado é o profissional capaz de dominar os conhecimentos das tecnologias relacionadas à execução de projetos de edificações, o planejamento, execução e elaboração de orçamentos de obras, a assistência técnica ao estudo e desenvolvimento de projetos na área de edificações. Ao término do curso, o Técnico em Edificações será capaz de desenvolver com competência as seguintes atividades:

- Aplicar normas, métodos, técnicas e procedimentos estabelecidos visando à qualidade e produtividade dos processos construtivos e de segurança dos trabalhadores.
- Analisar interfaces das plantas e especificações de um projeto, integrando-as de forma sistêmica, detectando inconsistências, superposições e incompatibilidades de execução.
- Propor alternativas de uso de materiais, de técnicas e de fluxos de circulação de materiais, pessoas e equipamentos, tanto em escritórios quanto em canteiros de obras, visando à melhoria contínua dos processos de construção.
- Elaborar projetos arquitetônicos, estruturais e de instalações hidráulicas e elétricas, com respectivos detalhamentos, cálculos e desenho para edificações, nos termos e limites regulamentares.
- Supervisionar a execução de projetos, coordenando equipes de trabalho.
- Elaborar cronogramas e orçamentos, orientando, acompanhando e controlando as etapas da construção.
- Controlar a qualidade dos materiais, de acordo com as normas técnicas.
- Coordenar o manuseio, o preparo e o armazenamento dos materiais e equipamentos.
- Preparar processos para aprovação de projetos de edificações em órgãos públicos.
- Executar e auxiliar trabalhos de levantamentos topográficos, locações e demarcações de terrenos.
- Acompanhar a execução de sondagens e realizar suas medições.
- Realizar ensaios tecnológicos de laboratório e de campo.
- Elaborar representação gráfica de projetos.

**▪ Técnico Integrado em Saneamento Ambiental:**

O Técnico em Saneamento de nível Médio na modalidade Integrado deverá dominar os conhecimentos das tecnologias relacionadas à construção civil contemplando ações de planejamento, operação, manutenção, proposição e gerenciamento de soluções tecnológicas para infraestrutura.

Ao término do curso, o Técnico em Saneamento será capaz de desenvolver com competências as seguintes atividades:

- Atuar na construção de estações de tratamento de águas e esgotos;
- Atuar em obras de captação, transporte e tratamento de águas;
- Realizar a manutenção de equipamentos e redes;
- Executar e conduzir a execução de aterros sanitários e obras para disposição e reciclagem de resíduos e unidades de compostagem;
- Analisar o consumo de água;
- Implementar estratégias de captação, tratamento e distribuição;
- Planejar a execução e elaborar orçamento.

**Técnico Integrado em Confeção de Vestuário:**

O Técnico em Vestuário de nível Médio na modalidade Integrado é o profissional capaz de dominar os conhecimentos das tecnologias relacionadas aos processos de transformação de matéria prima, integrantes de linhas de produção do vestuário, além do planejamento, operação, controle e gerenciamento dessas tecnologias na indústria de vestuário.

Ao término do curso, o Técnico em Vestuário será capaz de desenvolver com competência as seguintes atividades:

- Supervisionar o processo de confecção do produto conforme padrões de qualidade.
- Acompanhar equipes de trabalho que atuam na produção.
- Definir a sequência de montagem do produto, considerando as diversas formas de execução e as características da matéria prima especificada.
- Operar máquinas e equipamentos utilizados na Indústria do vestuário.
- Avaliar a viabilidade de produção dos produtos do vestuário.
- Compreender, analisar e criticar o vestuário a partir de uma perspectiva sociocultural, histórica com enfoque na realidade piauiense;
- Representar a peça do vestuário de maneira plana/ bidimensional, com o intuito de mostrar com riqueza de detalhes o modelo criado, para que este seja futuramente produzido da maneira ideal.

- Conhecer os principais materiais de processos têxteis, com vistas à aplicação prática do desenvolvimento de produtos.
- Executar trabalhos de diagramas de páginas e desenhos ilustrativos de vestuário nos softwares *Corel Draw* e *Photoshop*.
- Analisar as tendências do vestuário, produzindo um produto voltado as necessidades do cliente, com enfoque regional.
- Elaborar moldes e executar montagens de vestuários feminino, masculino e infantil.
- Formular preços, orçamentos, organizar a distribuição e armazenamento de produtos dentro de uma visão prático-administrativa da produção.
- Conhecer o setor produtivo do vestuário identificando as fases da produção do produto.
- Aplicar os métodos da tecnologia da costura.
- Implementar técnicas de risco, corte e montagem na indústria de vestuário.
- Inspeccionar a qualidade na produção do vestuário.
- Planejar e controlar o processo de produção.
- Analisar necessidades de acabamentos e acessórios.
- Gerenciar pessoas na indústria de vestuário.
- Elaborar relatórios de custos no processo de produção da indústria de confecção.
- Supervisionar e programar o processo de tingimento, lavanderia e serigrafia.
- Elaborar planos de novos empreendimentos.